

**ESCOLA SUPERIOR DE TEOLOGIA
INSTITUTO ECUMÊNICO DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA - IEPG**

MÁRCIO DARLAN ROSA KNOBELOCH

**TRAÇOS DO DISCURSO RELIGIOSO FUNDADOR DE GLORINHA/RS:
SUAS HISTÓRIAS E ASPECTOS RELIGIOSOS**

São Leopoldo

2008

MÁRCIO DARLAN ROSA KNOBELOCH

**TRAÇOS DO DISCURSO RELIGIOSO FUNDADOR DE GLORINHA/RS:
SUAS HISTÓRIAS E ASPECTOS RELIGIOSOS**

Dissertação de Mestrado
Para obtenção do grau de Mestre em
Teologia
Escola Superior de Teologia
Instituto Ecumênico de Pós-Graduação

Orientador: Dr. Júlio Paulo Tavares Zabatiero

São Leopoldo

2008

Agradeço

a Deus

aos meus familiares

a CAPES

ao GDIREC – UNISINOS

a EST-IEPG

a IECLB

ao prof. Dr. Remi Klein

ao prof. Dr. Júlio P. T. Zabatiero

RESUMO

Para traçarmos os aspectos históricos do município de Glorinha/RS, partimos das reflexões em torno dos mesmos, fazendo aproximação ao conceito de etnia, refletindo “a historicidade do processo discursivo”. Sendo assim, verificamos aproximações e contradições, dependendo da ótica de quem os vê. Neste sentido, atrelada às questões étnicas está a noção de identidade. Estas noções de etnia e identidade tanto podem incluir as pessoas numa comunidade como criar imposições de rótulos excluindo-as, não respeitando a convivência entre os diferentes. Para tanto, procuramos aproximar estas colocações à realidade histórica e religiosa do município de Glorinha/RS, a começar pelos guarani, seguidos pelos luso-brasileiros chegados no século XVIII, impondo sua cultura, sua religião católica romana, enfim seu “modus vivendi”. Acrescentados a estes, chegam os açorianos também no século XVIII. Neste sentido, como tem sido o discurso dos luso-glorinhenses predominantes em relação às outras etnias minoritárias, tais como os negros que chegam como escravos e os alemães imigrantes e seus descendentes? Ainda entre os luso-brasileiros temos os cristãos-novos, os quais têm ascendência judaico-ibérica e que foram convertidos forçadamente ao catolicismo. Portugueses, açorianos, negros e alemães trouxeram em sua bagagem cultural sua religiosidade, pois as manifestações do fenômeno religioso podem acontecer na vivência comunitária das religiões com seus locais de cultos, como também de uma forma pessoal, com características sincréticas ou não. Por último, fizemos a análise da pesquisa de campo realizada com os fiéis das denominações encontradas na zona urbana de Glorinha/RS (Centro), que pode ter ou não relações com os mecanismos discursivos fundantes da história de Glorinha/RS e as denominações religiosas presentes no referido município. O questionário foi gentilmente cedido pelo GDIREC – Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo, localizado na Diretoria de Ação Social na Área das Religiões, UNISINOS, valendo-nos das três primeiras questões. A análise das respostas foi enriquecida com os diálogos antes e depois das entrevistas e curiosidades que geraram questionamentos somados à fundamentação teórica, incluindo os mecanismos discursivos, onde não se faz juízo de valor sobre cada credo religioso ou etnia aqui mencionados.

Palavras-chave:

Glorinha – Discurso – Religioso – Histórias.

ABSTRACT

To trace historical aspects about the town of Glorinha/RS, we started from the reflections of its people, doing the approach from the concept to the ethnic, thinking about the “a historicity of the speech process”. Thus, we verified approaches and contradictions depending on the point of view. This way, connected to ethnical issues is the notion of identity. Those ethnic notions about identity might include people in a community or create label impositions taking them apart, not respecting the living with different people. Therefore, we tried to approach these facts to a historic and religious reality of the town of Glorinha/RS, starting with the Guarani, followed by Portuguese-Brazilians arrived in the 18th century imposing its culture, the Roman Catholic religion, after all its “modus vivendi”. Added to them the Azoreans arrived in the 17th century also. This way, how has been the speech of the majority of Portuguese descendents and the minority of other ethnics, such as the black people that arrived like slave and the immigrant Germans and their descendents? Among the Portuguese-Brazilian there are the new-Christians, who are ascendants from Jewish-Iberian and were forcedly converted to the Catholicism. Portuguese, Azorean, black people and German brought in their cultural luggage their religiosity, because their religious phenomenon could happen in the community of the religions and where it usually taken place, as well as a personal way, with syncretism or not. Finally, we did an analysis about the field research done with followers of denominations founded in the downtown of Glorinha/RS, what might have a relation with the founded speech of the history of Glorinha/RS and the religious denominations presented in this town. The questionnaire was gently offered by the GDIREC – Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo, established in the Social Directory in the Religion Area, UNISINOS, taking the first three questions. The analysis of the responses was enriched with dialogs before and after the interviews and curiosities that raise questions added to the theory, including the speech mechanisms, that don't take as values about each religious faith or ethnia before.

Key words:

Glorinha – Speech – Religious – Histories.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	7
1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE GLORINHA/RS	4
1.1 REFLEXÕES EM TORNO DOS ASPECTOS HISTÓRICOS GLORINHENSES ...	4
1.2 OS INDÍGENAS E GLORINHA/RS	7
1.3 OS LUSO-BRASILEIROS E GLORINHA/RS	11
1.3.1 Os Luso-Açorianos e Glorinha/RS.....	15
1.4 OS CRISTÃOS-NOVOS E GLORINHA/RS.....	17
1.5 OS NEGROS E GLORINHA/RS.....	21
1.6 OS ALEMÃES (TEUTO-GLORINHENSES) E GLORINHA/RS.....	26
2 O ESTUDO SINTETIZADO DAS RELIGIÕES NO MUNICÍPIO DE GLORINHA/RS A PARTIR DO CENSO 2000 – IBGE COMPARADOS COM O PANORAMA ATUAL	32
2.1 REFLEXÕES EM TORNO DA TEMÁTICA RELIGIÃO.....	32
2.2 ASPECTOS GERAIS DO PANORAMA RELIGIOSO EM GLORINHA/RS	36
2.2.1 Traços da Igreja Católica Apostólica Romana	36
2.2.2 Traços do Protestantismo	41
2.2.3 Traços das Religiões de Possessão.....	54
2.2.4 Traços dos “sem religião”, dos “não determinados” e de “outras religiosidades” ..	56
2.2.5 Traços das Religiões Orientais	57
3 ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO REALIZADA COM OS FIÉIS DAS DENOMINAÇÕES RELIGIOSAS LOCALIZADAS NO CENTRO DE GLORINHA/RS	60
3.1 PESQUISA DE OPINIÃO	61
3.1.1 Adventista do Sétimo Dia.....	61
3.1.2 Evangélica Assembléia de Deus.....	63
3.1.3 Assembléia de Deus Conservadora	65
3.1.4 Assembléia de Deus – Gideões Missionários	66
3.1.5 Igreja Pentecostal “Cristo Vive”	66
3.1.6 Igreja Nazareno Pentecostal “Jesus é o Caminho”	67
3.1.7 Igreja Pentecostal “Deus é Amor”	68
3.1.8 Católica Apostólica Romana	72
3.1.9 Episcopal Anglicana do Brasil.....	76
3.1.10 Evangélica de Confissão Luterana no Brasil	79
3.1.11 Igreja do Senhor Jesus Cristo.....	81

3.1.12 Testemunhas de Jeová.....	84
3.1.13 Umbanda	87
3.2 RELAÇÃO NUMÉRICA DOS LOCAIS DE CULTOS NO MUNICÍPIO DE GLORINHA/RS.....	90
CONCLUSÃO.....	91
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	95
ANEXO(S).....	101

INTRODUÇÃO

Se, de um lado, há imprevisibilidade na relação do sujeito com o sentido da linguagem com o mundo, toda formação social, no entanto, tem formas de controle da interpretação, que são historicamente determinadas: há modos de se interpretar, não é todo mundo que pode se interpretar de acordo com sua vontade, há especialistas, há um corpo social a quem se delegam poderes de interpretar [logo de ‘atribuir’ sentidos], tais como o juiz, o professor, o advogado, o padre, etc.¹

Partindo dessa abordagem de Eni Puccinelli Orlandi, faremos, nesta obra, uma análise dos traços do discurso fundador de Glorinha/RS: suas histórias e aspectos religiosos, os quais poderemos observar na sua “historicidade do processo discursivo”. Para tanto, procuraremos analisar,

[...] a historicidade dos próprios processos discursivos. Trata-se de se pensar como os diferentes processos discursivos se relacionam. Como uns vão se constituindo em relação aos outros. Nesse caso é que inscrevemos a questão do Discurso Fundador. Isto é, na perspectiva de sua historicidade, como reconhecemos um discurso fundador no modo pelo qual ele se instala como tal no conjunto dos processos discursivos?²

Neste sentido, tecemos relações entre as concepções de religião, dados históricos e o que os fiéis pensam da sua religião, comparando-a com as outras religiões e com o passado e também por que há tantas religiões de acordo com sua opinião e o que para os mesmos constitui uma verdadeira religião.

¹ ORLANDI, Eni P. *Análise do Discurso*. Princípios e procedimentos. Campinas: Pontes, 1999. p.10.

² ORLANDI, Eni P. *Vão surgindo sentidos*. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional. 3.ed. Campinas: Pontes, 2003. p.23.

Sendo assim, a presente dissertação compõe-se de três capítulos que discorrem sobre aspectos ligados à história, à religião e à pesquisa de opinião dos fiéis das denominações que constam no perímetro urbano de Glorinha/RS, não perdendo de vistas os traços do discurso fundador glorinhense, observando aspectos da linguagem, ideologia, sujeito, forma histórica, silenciamento, etc, as quais estão imbricados com as etnias, culturais e manifestações religiosas do referido município.

A hipótese geral é de que as religiões em Glorinha/RS estão atreladas ao seu contexto histórico, cultural e social, forjados num discurso fundador, onde nas relações de poder estão evidenciados quem são as autoridades (religiosas ou não), quem são os “heróis”, quem são os assujeitados, quem dita o passado, presente e talvez o futuro. Isso poderá ser demonstrado nos discursos históricos e religiosos, bem como nas entrevistas dos fiéis.

Assim, no capítulo um são descritos os aspectos históricos do município de Glorinha/RS, a partir de uma reflexão em torno dos aspectos históricos glorinhense, procurando relacioná-los com o discurso fundador deste município, aproximando-o dos conceitos conectados às questões étnicas. Para tanto, iniciaremos com a etnia indígena em Glorinha/RS, sua trajetória histórica, suas relações com os luso-brasileiros e com a Igreja e seu possível legado à comunidade glorinhense. A seguir, tratamos dos luso-brasileiros e dos luso-açorianos como etnias dominantes em Glorinha/RS, deixando-nos influências marcantes através dos seus traços culturais e religiosos. Abordamos também os cristãos-novos (judeus convertidos forçadamente ao catolicismo sob influência das Coroas Ibéricas, deixando, portanto, de serem judeus) que, embora, não são acionados como etnia formadora glorinhense, questionamos via o estudo dos seus aspectos históricos as possíveis causas do silenciamento discursivo desta etnia. A escravidão negra de origem africana se fez presente em Glorinha/RS. Portanto, procura-se verificar como os negros reagiram frente à escravidão no referido município. Dentre as etnias e seus discursos formadores temos por último, os descendentes de imigrantes alemães, os teuto-glorinhenses, evangélicos (IECLB, 2007) em sua maioria, com seus aspectos culturais e religiosos diferenciados dos implantados em Glorinha/RS. Sendo que um fato marcante, entre outros, na história dos teuto-glorinhenses, foram os reflexos e as conseqüências da Segunda Guerra Mundial, entre as quais estava a proibição da língua estrangeira (o alemão/hunsrück, no caso) e, partindo daí, perguntamos a que interesses serviu este “silenciamento discursivo” e como se estabeleceu a relação entre lusos e teuto-glorinhenses.

No capítulo dois, abordaremos o estudo sintetizado das religiões no município de Glorinha/RS a partir do Censo-2000-IBGE comparados com o panorama atual. Começamos com algumas reflexões em torno da temática religião. Após, passamos para os aspectos gerais do panorama religioso em Glorinha/RS conforme o Censo-2000-IBGE onde constatamos a presença maciça de católicos romanos, com 84,76% da população, restando 15,24% para outras denominações, distribuídos entre evangélicos (históricos de imigração e pentecostais), umbandistas, espíritas, religiões orientais, outras formas de religiosidade e não determinados, os sem religião e os sem declaração religiosa. Para tanto, traçamos algumas colocações discursivas a respeito destes enfoques religiosos acima mencionados.

No capítulo três, é feita uma análise da pesquisa de campo, destacando as três primeiras respostas das questões da “pesquisa de opinião (fiéis)” de cada denominação encontrada na zona urbana de Glorinha/RS (Centro), utilizando o questionário do GDIREC-UNISINOS e, a partir da fala dos entrevistados, podemos constituir “o dispositivo teórico da interpretação, tal como o tematizamos, e o dispositivo analítico construído pelo analista a cada análise”.³

Como as questões a serem respondidas cabem ao pesquisador a sua análise, portanto, sendo de sua responsabilidade a “prática da leitura, seu trabalho com a interpretação [...] tendo como forma [...] seu dispositivo analítico”⁴. Neste sentido, também há uma interação entre entrevistador e entrevistado, pois a interação com o outro, onde as ciências sociais são marcadas pela subjetividade, haverá sempre a influência entre pesquisador e pesquisado, onde ambos se tornam comprometidos, não havendo, portanto, neutralidade científica, mas, “na investigação social, a relação entre pesquisador e seu campo de estudo se estabelecem definitivamente”⁵. Para tanto, “o lugar primordial” para firmar essa relação, acima citada, serão os locais de culto no centro de Glorinha/RS, devido a uma maior concentração de habitantes, buscando uma melhor aproximação com os seus membros “numa dinâmica de interação social”⁶, ainda que realizado um levantamento numérico de todos os locais de culto encontrados no município de Glorinha/RS, a fim de melhor conhecer esta realidade religiosa.

Deixamos claro que neste trabalho não fazemos juízo valorativo sobre qualquer etnia ou religião/credo mencionado, pois tão somente procuramos compreendê-los melhor através de alguns dos seus aspectos históricos e traços de seus discursos religiosos relacionados com o município de Glorinha/RS.

Para tanto, foram utilizados jornais locais e livros locais e regionais, bem como as referidas entrevistas, não nos delimitando no tempo e no espaço, mas procurando analisar a realidade discursiva já mencionada neste trabalho.

³ ORLANDI, 1999. p.27.

⁴ ORLANDI, 1999. p.27.

⁵ MINAYO, Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: DESLANDES, Sueli Ferreira; NETO, Otávio Cruz; MINAYO, Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994. p. 14.

⁶ NETO, Otávio Cruz. *O Trabalho de Campo como descoberta e criação*. Ins: DESLANDES et. al (org.), 1987. p. 54.

E, para referencial teórico discursivo, serão utilizadas as obras de Eni Puccinelli Orlandi, as quais são intituladas “Análise do Discurso. Princípios e Procedimentos” e “Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional”.

Sendo assim, este trabalho visa contribuir para uma reflexão da função social das religiões em Glorinha/RS, tendo por objetivo adotar atitudes de respeito pelas diferenças constituídas a partir da diversidade religiosa, num ambiente democrático e pluralista. Neste sentido, faz-se necessário conhecer a diversidade do patrimônio religioso glorinhense, relacionando-o com os seus aspectos históricos, salientando as etnias colonizadoras e suas religiosidades.

Também coloco que este trabalho tem o olha de quem nasceu e vive (2008) em Glorinha/RS e tem neste município sua ancestralidade desde os primórdios de sua colonização há mais de 200 anos.

O autor é membro do Conselho de Ensino Religioso do Rio Grande do Sul (CONER/RS) como coordenador da seccional deste Conselho na região que compreende a 28ª Coordenadoria Regional (28º CRE) onde se encontra Glorinha;RS, o que, de alguma forma, também despertou o interesse do autor pelo estudo do contexto religioso, relacionando-o à história e aos seus discursos neste município , pois um dos objetivos deste Conselho é o respeito pela diversidade religiosa (art. 33 da LDBEN).

1 ASPECTOS HISTÓRICOS DO MUNICÍPIO DE GLORINHA/RS

1.1 REFLEXÕES EM TORNO DOS ASPECTOS HISTÓRICOS GLORINHENSES

Para uma melhor compreensão dos aspectos históricos glorinhenses, faz-se necessário uma reflexão em torno do discurso fundador. Sendo assim, verificamos “a historicidade do processo discursivo”, no qual, “podemos refletir [...], como a criança, ao nascer, mergulha no discurso”, pois “ao nascer entramos num processo de produção discursiva já instalado”⁷. Para tanto, faremos uma breve aproximação aos conceitos de etnia, na qual vai se refletir tal colocação.

Dada a complexidade do assunto e as diferentes interpretações antropológicas serão abordados alguns conceitos sobre etnia e suas implicações nas relações humanas.

Philippe Poutignat e Jocelyne Streiff-Fenart, citando Nanol, definem

[...] o termo grupo étnico, na bibliografia antropológica [...] para designar uma população que:

- a) perpetua-se biologicamente de modo amplo;
- b) compartilha valores culturais fundamentais, realizados em potente unidade nas formas culturais;
- c) constitui um campo de comunicação e de interação;

⁷ ORLANDI, Eni Puccinelli. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso Fundador: A formação do país e a construção da identidade nacional*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2003.p.18.

d) possui um grupo de membros que se identifica e é identificado por outros como se constituísse uma categoria diferenciável de outras categorias do mesmo tipo⁸.

Se analisarmos os conceitos acima mencionados, encontraremos muitas palavras e idéias em comum. Parece que tudo depende da ótica de quem as observa. Mas, percebe-se também diferenças entre eles, isto é, diferenças de conceitos (ex.: aspectos biológicos versus culturais).

Temos que admitir que a visão e percepção das ciências humanas são diferenciadas do valor da matemática e da física onde cada coisa parece estar no seu lugar. Conforme Matthias Schmitz, S.J.: “a especialização por mais necessária que seja, principalmente no campo das ciências naturais, envolve facilmente o perigo do unilateralismo, produzindo a desfiguração do conjunto”⁹.

Neste sentido é interessante observar que no judaísmo bíblico o homem é visto na sua totalidade. A antropologia bíblica não conhece a dicotomia grega do corpo versus alma. Como o nosso mundo ocidental é fortemente influenciado por correntes do pensamento greco-romano que têm uma percepção separatista das coisas, talvez decorra daí entendermos a própria questão do ser humano, de como ele se relaciona consigo e com outros seres humanos e com o ambiente.

Outro aspecto relacionado às questões étnicas e nacionais é a identidade. Segundo Roberto Cardoso de Oliveira:

A noção de identidade contém duas dimensões: a pessoal [ou individual] e a social [ou coletiva]. Antropólogos [ex.: W.H. Goodenough, 1963, M. Moerman, 1965] e sociólogos [ex.: E. Goffman, 1963; McCall, Ana Simmoni, 1966] têm trabalhado a noção de identidade e procurado mostrar como a pessoal e a social estão interconectadas, permitindo-nos tomá-las como dimensões de um mesmo e inclusivo fenômeno, situados em diferentes níveis de realizações¹⁰.

⁸ POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Seguindo de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998. p.189.

⁹ SCHMITZ, Mathias. O grupo pioneiro de epistemólogos professores da UFRGS. In: SCHMITZ, Mathias (org.). *Uma antologia que retrata quatro décadas*. Porto Alegre: [s.n.], 1992. p.15.

¹⁰ OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: L. Pioneira, 1976. p.4.

Hoje, no Brasil, as questões étnicas e identitárias estão novamente em evidência, como exemplo, determinadas quotas no Ensino Superior são garantidas a índios e negros, gerando sérias polêmicas no meio social e político, tais como com quem o sujeito se identifica: com índios, negros, brancos, etc?

Ainda sobre o conceito de etnia nos é colocado que:

Tal utilização da palavra 'étnico' para designar contrastivamente e muitas vezes negativamente povos 'outros' é congruente com as raízes etnológicas do termo etnicidade [Ethnikos]. No mundo grego, o termo Ethnos fazia referência aos povos bárbaros ou aos povos gregos não organizados segundo o modelo da cidade-estado, ao passo que o termo latino 'Éthnicus' designava, na tradição eclesiástica do século XIV, os pagãos em oposição aos cristãos (SOLLOR, 1986). É precisamente com referência a estes sentidos antigos da noção que [...] refutam a concepção dos grupos étnicos que [...] caracterizam como a concepção 'minusone'. Na medida em que o termo 'étnico' sempre foi utilizado para designar as pessoas 'diferentes de nós mesmos' e na medida em que somos todos diferentes das outras pessoas, 'somos todos étnicos'¹¹.

Estas colocações nos fazem refletir sobre o assunto da etnicidade e os demais conceitos a ela relacionados como raça, alteridade, identidade, nação, história, língua, cultura, religião e território.

Interessante observar que estes termos também podem excitar o racismo e a discriminação, uma vez que uma pessoa ou mais se diferenciam do grupo considerado majoritário pela cor, país de origem, religião ou credo, gênero, etc.

As questões acima citadas lembram o caso da messianidade de Jesus, diante do poder constituído que sempre influencia a maioria; o caso dos negros escravos africanos na América, violentados por sua cor, credo, cultura, continente de origem; os indígenas americanos trucidados praticamente pelos mesmos motivos que os africanos, os imigrantes em seus primórdios no Brasil, entre eles podemos citar o caso dos alemães e italianos; ciganos e judeus, em quase toda sua trajetória histórica foram perseguidos.

Um dos métodos utilizados pela cultura dominante para legitimar a pertença a uma etnia e concomitantemente o poder é a imposição de rótulos. Poutignat e Sreiff-Fenart colocam que,

¹¹ POUTIGNAT, 1998. p.23.

[...] nas situações de dominação, a imposição de um rótulo pelo grupo dominante possui um verdadeiro poder formativo: o fato de nomear tem o poder de fazer existir na realidade uma coletividade de indivíduos a respeito do que os indivíduos assim nomeados pensam de sua pertença a uma determinada coletividade¹².

Pode-se perceber neste enunciado quando os estadunidenses se referem aos latino-americanos como hispânicos, desconsiderando os brasileiros e alguns caribenhos, os quais não são hispânicos, mas que possuem características ou situações sócio-econômicas similares.

Esta definição, isto é, a imposição de rótulos, aplica-se também as “minorias” como indígenas, negros, imigrantes, ciganos, judeus, etc, todos, de uma forma ou de outra, formadores da população brasileira.

Ervin Goffman vai utilizar o conceito de estigma ao invés de rótulo para se referir ao que a sociedade estabelece como “meios de categorizar as pessoas e o total de atributos considerados como comuns e naturais para os membros”¹³ numa sociedade e que nós “as transformamos em expectativas normativas, em exigências apresentadas de modo rigoroso”¹⁴. Sendo assim, podemos estigmatizar uma pessoa ou sociedade de forma depreciativa.

Parece haver uma necessidade de um conhecimento maior dos conceitos como raça, identidade, etnia e nação e suas relações com a história conectadas ao discurso fundador da população, em especial os excluídos. Este conhecimento pode levantar questionamentos e reflexões frente às atuais implicações nas relações humanas, sociais e de poder, destacando o nosso contexto glorinhense.

1.2 OS INDÍGENAS E GLORINHA/RS

A princípio, seria pertinente questionar a relação entre os indígenas e Glorinha/RS, pois carece de um estudo mais acurado. Porém, procuro colocar algumas pistas neste trabalho.

¹² POUTIGNAT, 1998. p.143.

¹³ GOFFMAN, Ervin. *Estigma: notas sobre a manipulação da identidade determinada*. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998. p.11.

¹⁴ GOFFMAN, 1998. p.12.

Partindo de alguns dados da arqueologia, temos um conjunto de vestígios arqueológicos agrupados em função de seus atributos materiais, chamados de Tradição Umbu¹⁵. Em termos históricos, não há contemporaneidade entre os possíveis fabricantes de objetos associados à Tradição Arqueológica Umbu com membros da civilização ocidental¹⁶. Talvez foram assimilados ou destruídos pelos Guarani.

Por volta do século IX e X d.C., chegam os índios Guarani, que vindos da Amazônia, povoam “todos os vales cobertos de matas e ao longo das lagoas do litoral¹⁷ do Rio Grande do Sul, incluindo neste contexto também o atual Município de Glorinha/RS, pois nas lidas da roça era bastante comum encontrar restos de cerâmica corrugadas, confirmando a colonização indígena como primeira colonização neste município. Há pesquisadores como Ana Elisa de Castro Freitas que defendem o ponto de vista da disputa entre Guarani e Jê a região do Vale do Gravataí, onde se localiza Glorinha/RS.

É possível que no final do século XVI e meados do século XVII os guarani que habitavam o atual município de Glorinha/RS tivessem sido capturados pelas entradas e bandeiras, vindas do atual sudeste do Brasil¹⁸. Também existe a possibilidade de alguns pouco dentre os povos originários terem se escondido na matas, rochedos e campos pois, seria quase impossível capturar e levar a todos.

Os guarani repovoam a região do vale do rio Gravataí a partir da segunda metade do século XVIII¹⁹, onde está Glorinha/RS. Neste sentido, muitos guaranis foram arrebatados pelos portugueses das missões rio-grandenses para Gravataí/RS, a antiga Aldeia dos Anjos, da qual Glorinha fazia parte.

¹⁵ SCHMITZ, Pedro Ignácio. O Mundo da pesca e da coleta. In: SCHMITZ, Pedro Ignácio (org.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. Documentos 05. Pré-História do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Instituto Anchietano de Pesquisa – UNISINOS, 1991. p.26. Map 4. Segundo este mapa, a Tradição Umbu também está nas imediações de Glorinha/RS.

¹⁶ SCHMITZ, 1991, p.12-15.

¹⁷ SCHMITZ, 1991, p.38-39.

¹⁸ SCHMITZ, 1991, p.50-51.

¹⁹ NEIS, Ruben Mons. A Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos. In: BRIDI, Teresinha; PINHEIRO, Vera Lúcia Pacheco; FRIES, Agenor Edson; SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. *Gravataí: História e Cultura / Anais do I Simpósio Estadual sobre a cultura gravataiense*. Gravataí: SMEC, 1987. p.70-2.

Isto deveu-se às políticas de colonização por parte de Portugal e Espanha em relação ao Rio Grande do Sul, refletindo na história do Vale do Gravataí²⁰.

É muito comum ouvir dos mais velhos a expressão: “meu bisavô [ou bisavó] foi pego no mato” ou “meu bisavô [ou bisavó] era índio ou bugre”, às vezes trocando a palavra bisavô [bisavó] por tataravô [tataravó]. Estas colocações evidenciam as origens indígenas, não somente no interior do município de Gravataí/RS, mas também é muito ouvida em toda a Glorinha/RS porque os guaranis chegados em Gravataí/RS na segunda metade do século XVIII e os mestiços no decorrer do tempo se espalharam por todo o território da Aldeia dos Anjos, hoje Gravataí e Glorinha, fugindo do rigor do governo de então no Rio Grande do Sul, representando os interesses portugueses²¹.

A população glorinhense também é formada a partir das entradas e bandeiras, as quais eram imbricadas com indígenas, oriundas de São Paulo²² e Laguna²³.

Em Maracanã, localidade de Glorinha/RS, existia um casal de irmãos, oriundos de uma comunidade negra entre as localidades de Santa Cruz (Taquara) e Morungava (Gravataí), conhecido na região como um antigo quilombo do Rio Grande do Sul. Ele possuía características indígenas muito acentuadas em sua fisionomia, e ela possui características negras em seus aspectos físicos. Esse casal de irmãos se dizia descendentes de índios, que por sua vez era miscigenado com negros. Ele costumava dizer que sua avó era índia pura. Segundo as pesquisas realizadas no Vale do Gravataí, onde está Glorinha/RS, os índios guarani aldeados teriam se imbricado “com descendentes de colonizadores portugueses, lagunistas e açorianos, inclusive com negros escravos, e indígenas”²⁴, confirmando “a integração dos indígenas na comunidade gravataense [e também glorinhense] pela miscigenação”²⁵.

²⁰ NEIS, 1991, p.70-72.

²¹ MARTHA, Agostinho; MARTA, Marco Antônio Bandeira. *Nossa Terra Nossa Gente*: monografia de Gravataí: 1730-1950. Porto Alegre: 2001. p.82, 89.

²² ALVES, Antônio Luiz. *A Grande Nação*. Tibiriçá. Porto Alegre: EST, 2003. v.1, p.93, 103.

²³ ALVES, Antônio Luiz. *Índia Carijó, a Mãe dos Lagunistas*. Caxias do Sul: Artesanal Honra e Glória, 2007. p.7-10.

²⁴ MARTA, 2001, p.84.

²⁵ NEIS, Rubem Mons. *A Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos*. In: BRIDI et. al., 1987. p.96.

Algumas marcas guarani permaneceram na cultura local e regional, como a própria denominação “Vale do Gravataí”²⁶, localização geográfica de Glorinha no RS, o amplo cultivo da mandioca que outrora já foi uma das principais atividades agrícolas e econômicas deste município²⁷, entre outros aspectos.

Também podemos verificar na história dos guarani nesta região a forte relação política entre os interesses da coroa portuguesa e da Igreja com objetivos comuns de dominação. Neste sentido, na Aldeia dos Anjos (Gravataí/RS) onde se inscrevia Glorinha/RS, a língua guarani fora proibida²⁸ sendo a mesma permitida nas missões espanholas. Para tanto, perguntemos pelo reflexo da ideologia manifestada na língua portuguesa, pois a linguagem está materializada na língua²⁹, operando, neste caso, o “silenciamento discursivo” da língua guarani. Foi a identidade guarani totalmente destruída ou permanece nos traços culturais glorinhenses?

Algo relacionado ao silenciamento Guarani está o velamento ideológico, o entulhamento fenomenológico³⁰, sofrido pelos povos originários desde o início da colonização até hoje, constituindo-se numa invisibilidade étnica.

José Otávio Catafesto de Souza sustenta que “no Rio Grande do Sul, a invisibilidade aparece como reação passiva ao etnocídio historicamente executado, hoje muito velado, na denegação dos povos originários à constituição da hierarquia Social civilizada”³¹ reforçando o silenciamento Guarani.

²⁶ A HISTÓRIA. *Folha do Vale*, Gravataí, Cachoeirinha, Glorinha, 7 a 14 abr. 2000, Caderno Especial Gravataí 237 anos, p.2.

²⁷ APROVEITAMENTO da mandioca e do aipim. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, p.7, jun. 2000.

²⁸ MARTHA, 2001, p.86.

²⁹ ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 1999. p.16.

³⁰ SOUZA, José Otávio Catafesto de. *Aos fantasmas das brechas*: etnografia, invisibilidade e etnicidade de alteridades originárias no sul do Brasil. Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1998. p.403.

³¹ SOUZA, 1998. p.403.

1.3 OS LUSO-BRASILEIROS E GLORINHA/RS

A maioria dos glorinhenses é de origem luso-brasileira, mas há também os teuto-brasileiros, negros e mestiços³².

A colonização portuguesa se dá em 1732, com as famílias de Pedro Gonçalves Sandoval e João Rodrigues Xavier Prates. Este último, natural do Arcebispado de Évora, em Portugal, foi bisavô do primeiro bispo católico romano do Rio Grande do Sul – Dom Feliciano Rodrigues Xavier Prates (que também era glorinhense). João R. X. Prates é ancestral de muitas famílias glorinhenses³³ (das quais também faço parte).

Pode-se constatar a íntima relação da colonização luso-brasileira do Vale do Gravataí, localização geográfica de Glorinha/RS, com a Igreja, já nos seus primórdios através dos Prates colonizadores, onde havia padres, sargento-mor, capitão-mor, alferes, tenente e o próprio João R. X. Prates Capitão de Dragões³⁴, onde Igreja e Estado cooperavam-se mutuamente em torno de seus interesses. Isso pode ser explicado, pois segundo Beatriz Vasconcelos Franzem, “um dos meios de que os Papas se serviram para auxiliar os reis de Portugal na obra dos descobrimentos e da conquista das novas terras foi a concessão da bula da cruzada”, isto é, a concessão de “muitas graças e indulgências a todos que cooperassem com aquele trabalho”³⁵ (o da expansão e manutenção da Igreja).

Em 1834, na localidade onde hoje está situada a sede de Glorinha/RS, existiam algumas casas, na sua maioria habitadas por descendentes de colonos portugueses³⁶ (de origem continental, cabocla e açoriana)³⁷ ao redor da atual matriz Nossa Senhora da Glória.

³² JACHEMET, Célia Silva. *Açorianos, Alemães e Negros*: assimilação e organização social numa comunidade mista (Glorinha: 1880 a 1960). Cadernos Glorinhenses I, 2006. p. 20.

³³ MARTHA, 2001, p.24, 411-3.

³⁴ MARTHA, 2001, p.413-4.

³⁵ FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. Origens ibéricas do catolicismo Americano. In: DREHER, Martin N. (org.). *500 anos de Brasil e Igreja na América Latina*. Porto Alegre: EST Edições-CEHILA, 2002. p.45.

³⁶ PREFEITURA Municipal de Glorinha; Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Cultura, Turismo e Captação de Recursos; *Glorinha um paraíso entre a capital, a serra e o mar*; [s.d.]; folder, 30cm x 21,5cm.

³⁷ JACHEMET, 2006, p. 20, 22.

Sendo assim, “no final do século XIX, já era relativamente intensa a atividade [humana] no Distrito do Passo Grande [hoje Glorinha/RS]” e “no final da década de 1870, já havia a primeira igreja na sede de Glorinha/RS, sendo a mesma de madeira – uma capela [Nossa Senhora da Glória] filiada à matriz Nossa Senhora dos Anjos de Gravataí/RS”³⁸.

A piedade em torno desta capela ainda é lembrada por muitos dos seus fiéis, como o nome do zelador Ari Soares, o doador do terreno (quando do seu aumento), Salustiano Jacques dos Santos e Felisberto de Souza Lima (um dos doadores das madeiras do forro)³⁹.

A referida capela foi substituída por uma de alvenaria e inaugurada no dia 16 de fevereiro de 1916. Nesta ocasião, José Francisco Soares doou a imagem de Nossa Senhora da Glória que custou quinhentos mil réis⁴⁰.

Ainda no que diz respeito ao povoamento da Sede Municipal glorinhense, havia quatro donos, em 1915, segundo Maria José Ckless (já falecida em idade avançada), os quais eram Garibaldi Gonçalves Ferrugem, Salustiano Jacques dos Santos, Honofre Vicente dos Santos e Afonso Martins⁴¹. Nestas colocações, poderíamos perceber o ideal de sociedade colonialista, na qual os homens eram mais destacados e perguntar por suas esposas e agregados trabalhadores.

³⁸ HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha; Coluna do Márcio, p.8, jul. 1998.

³⁹ HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha, 1998, p.8.

⁴⁰ HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha, 1998, p.8.

⁴¹ HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha, 1998, p.8.

Outro aspecto histórico interessante e relevante nos dias de hoje, foi a iniciativa de alguns antigos habitantes de Glorinha/RS plantarem figueiras nativas em diferentes locais da Sede Municipal, sendo que parte da população ainda lembra com carinho o nome dos plantadores: Garibaldino Ferrugem, Salustiano Jacques, Deoclécio Ferrugem⁴², José Alves Pereira (este plantou cinco figueiras nativas, das quais restam três), Otacílio Soares e Eduardo Ferrugem e que a figueira nativa “localizada no antigo terreno de Honofre dos Santos, deve ter em torno de 200 anos”⁴³ (hoje, mais). Estes moradores, nos primeiros meados do século XX, “deixam-nos transparecer” sua “consciência ecológica”, dando-nos um exemplo social a ser seguido. Para tanto, estas figueiras nativas constituem-se num dos símbolos de Glorinha/RS, constando em seu brasão.

A religiosidade também está presente no brasão municipal de Glorinha/RS. Nele, também está presente a Igreja Matriz Nossa Senhora da Glória, que “em 30 de dezembro de 1952 tornou-se paróquia”⁴⁴.

Nos domingos e dias de festas, os Soares, os Correa e os Ferrugem, entre outras famílias lideravam a comunidade católica, instalando-se nestes dias em casas ao redor da igreja, hoje a paróquia matriz⁴⁵.

⁴² HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha, 1998, p. 8.

⁴³ HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha; Coluna do Márcio, p.4, ago. 1998.

⁴⁴ HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha, ago. 1998, p. 4.

⁴⁵ HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha, ago. 1998, p. 4.

Os primeiros habitantes luso-descendentes de Glorinha/RS, tinham uma índole fortemente religiosa marcada pelo catolicismo romano, devotos de Nossa Senhora da Glória; também praticavam um catolicismo popular baseado nos terços muito difundidos antes da criação da paróquia e mesmo depois dela esta prática religiosa ainda é comum, principalmente nos sepultamentos. O terço é uma devoção mariana que atualmente em Glorinha/RS foi reforçado pela renovação carismática católica, a qual dá ênfase também à Festa do Divino Espírito Santo, que no passado era muito difundida neste município (antes, distrito de Gravataí/RS), onde por um tempo foi “esquecida” e agora está reativada na matriz, sendo uma devoção com conotações modernas de certa forma vinculadas às missas carismáticas. Outra manifestação cultural de cunho religioso eram as Cavalhadas em Glorinha/RS, sendo que a última aconteceu em 2002. Conforme Rejane Salvani, tanto a Festa do Divino quanto as Cavalhadas são “citadas como manifestação cultural religiosa que se transmitiu dos Açores para o Rio Grande”⁴⁶ do Sul. Também é festejado, na véspera de seis de janeiro o Dia de Reis com o Terno de Reis. Em todas estas festas vividas em Glorinha/RS, “encontram-se fortes traços luso-açorianos”⁴⁷. Embora, hoje em dia, na prática, afluí para as festas populares toda a comunidade católica romana de Glorinha/RS, a qual é multi-étnica com predominância luso-glorinhense, mas também com a presença afro-glorinhense e teuto-glorinhense⁴⁸ e possivelmente outras minorias étnicas. Sendo assim, questionamos o “efeito de sentidos entre locutores”⁴⁹, isto é, perguntamos pelo discurso entre os luso-glorinhenses predominantes e as demais etnias minoritárias?

⁴⁶ SALVANI, Rejane. Açores: o passado vivido do Rio Grande. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel (org.). *Presença Açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Edições EST, 1997. p.14-5.

⁴⁷ ARGENTINA, LÍlian; PREIS, Jorge. Influência portuguesa açoriana no Rio Grande do Sul. In: BARROSO, 1997.p.74.

⁴⁸ JACHEMET, 2006, p.20, 47.

⁴⁹ ORLANDI, 1999, p.21.

1.3.1 Os Luso-Açorianos e Glorinha/RS

Por volta da segunda metade do século XVIII, os colonos açorianos, oriundos de um arquipélago composto por nove ilhas situadas no Atlântico Norte, pertencentes a Portugal, chegaram ao Rio Grande do Sul, ao longo do Litoral e Depressão Central, desde Torres a Porto Alegre, de Rio Pardo a Rio Grande, como também na Região Missioneira, locais onde difundiram sua cultura⁵⁰. Isso nos é confirmado pelo pesquisador Miguel Frederico do Espírito Santo, quando nos informa que a partir de Rio Grande e de Santa Catarina os açorianos se dispersam pela região mencionada⁵¹.

O município de Glorinha/RS, localizado no Vale do Gravataí, também recebeu parte deste contingente de colonos. Glorinha/RS ainda mantém intenso intercâmbio com os municípios vizinhos do litoral norte do Rio Grande do Sul, via veraneio, tráfego de trabalhadores e familiares, bem como com Gravataí/RS e Viamão/RS, razão que fortalece uma herança cultural de certa forma comum a esta região, evidenciando aspectos açorianos⁵². Como exemplo também podemos citar alguns sobrenomes como Soares⁵³ e Souza Lima, cujos ancestrais são açorianos e os seus descendentes são numerosos em Glorinha/RS e região. Também podemos nomear o açoriano Antônio da Terra e sua esposa Catarina Josefa do Sacramento, filha de Francisco Garcia, açoriano mencionado entre os 60 casais de Porto Alegre, oriundo da Ilha do Fayal. Este casal residia em Glorinha/RS, onde deixou numerosos descendentes⁵⁴.

⁵⁰ GLORINHA e os Açorianos. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, Coluna do Márcio, p.4, set. 1997.

⁵¹ SANTO, Miguel Frederico de Espírito. Açorianos no Sul do Brasil: da Prata de Potosi ao Ouro das Gerais. In: BARROSO, 1997. p.22-4.

⁵² GLORINHA e os Açorianos, 1997, p.4.

⁵³ MARTHA, 2001, p.415.

⁵⁴ MARTHA, 2001, p.30.

Ainda, no que diz respeito ao legado açoriano em Glorinha/RS na área cultural, podemos citar as brincadeiras infantis como “atirei o pau no gato”, “a moda da carochinha”, “rebola bola”, “a canoa”, “cirandinha”, a dança do “pezinho”, bem como outras manifestações culturais e religiosas que já mencionamos como o Terno de Reis, as Cavalhadas, a Festa do Divino⁵⁵, a devoção à Nossa Senhora da Glória e aos santos padroeiros nas capelas filiadas à referida matriz. Neste aspecto, até os dias de hoje, percebe-se a fé da maioria do povo glorinhense, participando das missas e procissões. Para tanto, esse movimento sustenta, além da fé, as finanças da Igreja, onde “o dinheiro e a imagem relacionam-se, [...] segundo um princípio paradoxal [...] da vida religiosa: Como opostos complementares, gerando duplo sentido a cada passo”, isto é, “o lucro que se pode tirar de uma devoção supõe um laço de lealdade que não se compra, nem se vende”⁵⁶. Percebe-se então a forte relação Igreja e etnia e fé e cultura, onde “a religião também pode determinar a cosmovisão e a moral de um grupo e modelar a sua ordem social”⁵⁷. Neste sentido, poderíamos questionar como a população atual encara esses legados culturais, sociais e religiosos dos descendentes dos luso-açorianos católicos, os quais são a maioria⁵⁸, mas não a totalidade⁵⁹.

Lembramos que “nem a linguagem, nem os sentidos, nem os sujeitos são transparentes: eles têm sua materialidade e se constituem em processos em que a língua, a história e a ideologia concorrem conjuntamente”⁶⁰.

Portanto, existe ou não um “determinismo” religioso e cultural a partir da denominação do município de Glorinha/RS, emancipado em 4 de maio de 1988 – feriado municipal, ao lado de 15 de agosto – Dia de Nossa Senhora da Glória, também feriado municipal?

⁵⁵ ARGENTINA, Lilian; PREIS, Jorge. Influência Portuguesa-Açoriana na música sul-rio-grandense. In: BARROSO, 1997. p. 74-8.

⁵⁶ FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus*: uma introdução às religiões populares. Brasiliense, 1982. p.97.

⁵⁷ MARKUS, Cledes. *Culturas e Religiões*: implicações para o Ensino Religioso. Cadernos do COMIN 9. São Leopoldo: Conselho de Missão entre Índios. 2002.

⁵⁸ JACHEMET, 2006, p. 20, 22, 47.

⁵⁹ JACHEMET, 2006, p.47-9.

⁶⁰ ORLANDI, 1999, p.48.

1.4 OS CRISTÃOS-NOVOS E GLORINHA/RS⁶¹.

A princípio, segundo o senso comum entre os historiadores, os cristãos-novos na Península Ibérica seriam os descendentes dos judeus ibéricos convertidos forçadamente ao catolicismo sob as coroas da Espanha e de Portugal e a Igreja, tendo abandonado oficialmente o judaísmo, embora muitos o cultuassem discreta ou secretamente.

Nesse sentido, desde épocas remotas, os judeus fazem-se presentes na Península Ibérica, fugidos do cativeiro babilônico, e que nos séculos II e I a.C. “mercadores judeus aumentavam as comunidade israelitas da Península Ibérica”⁶², aumento os números desta etnia na referida península.

Inicialmente, os judeus puderam viver o seu “modus vivendi” na Ibéria, pois estavam entre os primeiros colonizadores e tinham uma convivência relativamente pacífica, segundo Abram Leon Sachar⁶³:

Os judeus estabeleceram-se na Espanha, pelo menos, desde os dias dos cartagineses [...] e ajudaram a formar a sua característica racial. Eles viveram tão sossegados enquanto os tempos de incômodos o permitiram suportando poucas opressões para sua fé entre os pagãos assim como entre os arianos [tradução livre]⁶⁴.

Desde sua chegada na Ibéria os judeus sofrem perseguições a ponto da Espanha, Portugal e a Igreja forçá-los a se tornarem católicos encontrando alívio nas Grandes Navegações do século XVI, onde puderam viver relativamente em paz.

Arnold Wiznitzer sustenta que na época do descobrimento (achamento) do Brasil, muitos judeus portugueses e cristãos-novos vieram para estas terras e muitos dos cristãos-novos eram cripto-judeus, que para este autor, praticavam um judaísmo secreto, “temerosos de serem descobertos pelos agentes secretos da Inquisição”⁶⁵.

⁶¹ Sobre os cristãos-novos há menos divulgação se comparados às outras etnias, por isso um maior detalhamento do seu estudo neste trabalho.

⁶² CARVALHO, Flávio Mendes. *Raízes Judaica no Brasil*: o arquivo secreto da Inquisição. São Paulo: Nova Acádia, 1992. p. 55.

⁶³ SACHAR, Abram Leon. In: *A History of the Jews*. New York: Alfred A. Kropf, MCMXLVIII.

⁶⁴ “Jews had been settled in Spain at least as early as the Cartagian days [...] and helped to form its racial character. They lived as quietly as the troubled times allowed, suffering few hardships for their faith among either pagans or arians”.

⁶⁵ WIZNITZER, Arnold. *Os Judeus no Brasil Colonial*. Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Pioneira, 1966.

A grande quantidade de pessoas da etnia judaico-ibérica e cristã-nova no Brasil Colonial também é afirmada por Isaac Izecksohn quando menciona que “talvez, entre todas as regiões do mundo, o Brasil tenha sido aquela que maior número de cristãos-novos [muitos deles cripto-judeus ou marranos] recebeu”⁶⁶.

Apesar de gozarem alguma liberdade na América Portuguesa, a Inquisição não deixou de enviar seus “visitadores”. A respeito do primeiro visitador Isaac Izecksohn afirma que muitos criptos judeus portugueses e brasileiros foram enviados a Portugal, onde muitos morreram queimados, enquanto outros eram reduzidos à miséria “e que nem mesmo uma senhora idosa de 90 anos foi poupada na visita do segundo visitador em 1618, enviando-a à corte de Lisboa”⁶⁷.

Nota-se o uso da religião a serviço das relações de poder, tendo como pretexto a questão étnica.

Segundo Martin N. Dreher, “os judeus formam, ao lado de indígenas e negros, a base do pensamento violentado da América Latina. O judeu traz consigo o pensamento europeu para o qual não há diálogo”⁶⁸.

Este posicionamento de Martin Dreher nos faz refletir que judeus, cristãos-novos, indígenas e negros tiveram o mesmo tratamento desprezível e intolerado pela etnia dominante na América Latina (e no Brasil) o que talvez possibilitou, entre outros fatores, a mestiçagem entre eles.

⁶⁶ IZECKSOHN, Isaac. *História dos Judeus*. Rio de Janeiro: Edição do autor, 1975. v.3, p.156.

⁶⁷ IZECKSOHN, 1975, p. 158.

⁶⁸ DREHER, Martin Norberto. *A Igreja Latino-Americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999, p. 27.

Quanto ao anti-semitismo que persegue a história judaica e os a ela relacionados, Bethânia S. C. Mariani sustenta que o “não governo” e ao “desleixamento” no Brasil Colonial era, entre outras causas, atribuída “a mistura de sangue judeo na sua população” e “tem produzido os acostumados fructos da avareza, e baixa velhacaria”⁶⁹, o que também contribuiu para o discurso fundador e construção da identidade nacional brasileira.

De acordo com José Gonçalves Salvador, a população judaica era por muito tempo a maioria branca do Brasil, desempenhando um papel relevante no povoamento e colonização do Brasil porque conquistaram a confiança dos índios, sendo “admitidos no seu convívio, aprendendo a língua nativa e aparentando-se com eles através de uniões ou casamentos [...] caciques houve, no Norte e no Sul, que admitiram na família”⁷⁰ muitos judeus ibero-brasileiros e cristãos-novos.

⁶⁹ MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Os primórdios da Imprensa no Brasil (ou: De como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso Fundador – A formação do país e a construção da identidade nacional*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2007. p.37.

⁷⁰ SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos – povoamento e conquista do solo brasileiro (1530-1680)*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976. p. 6.

José Gonçalves Salvador sustenta que a filha Beatriz, nascida da relação do judeu-português João Ramalho com a índia Bartira, casou-se com o judeu-português Lopo Dias e que suas netas casaram-se com os cristãos-novos Manoel Fernandes e Cristóvão Diniz⁷¹, exemplificando que as famílias de São Paulo entre os séculos XVI e XVII achavam-se muito imbricadas “umas com as outras, como a todos é notório” e que “graças ao parentesco, há uma interdependência mútua e interesses comuns”. Um desses interesses comuns foi o bandeirismo que adentram o sertão brasileiro. “A princípio é a gente do patriarca João Ramalho que se manifesta. Depois, são os Pires e os Garcias, unidos aos Diniz, aos Fernandes povoadores. Aos Cunha Gago, aos Vaz de Barros e aos Taques” percebe-se descendentes de judeus, cristãos-novos, portugueses e índios participantes das bandeiras, conquistando o atual território brasileiro⁷², incluindo o sul do Brasil⁷³ no qual está Glorinha/RS, onde um dos primeiros colonizadores Inocente Ferreira Maciel de numerosa descendência neste município (a macro família Maciel e os a ela relacionados, das quais faço parte) era descendente destes judeus portugueses e cristãos-novos citados como João Ramalho, Lopo Dias e Manoel Fernandes, via seus descendentes André Fernandes, bandeirante paulista e a sorocabana Maria Moreira Maciel⁷⁴.

Sendo assim, também, podemos questionar qual a relação que os cristãos-novos teriam com Glorinha/RS, pois sabemos que conforme a Antropologia Social que vai se basear na dialética⁷⁵ e vai evidenciar o papel do sujeito na sociedade⁷⁶, nos informa que a pessoa é aquilo que afirma ser. Por exemplo, se algum glorinhense se diz brasileiro descendente de português, foi o que ele aprendeu e assim se identifica. Este modo de pensar é muito comum em Glorinha/RS, já está introjetado no inconsciente.

⁷¹ SALVADOR, 1976, p. 9.

⁷² SALVADOR, 1976, p. 9.

⁷³ ALVES, 2003, p. 93, 106.

⁷⁴ MARTHA, 2001, p. 411.

⁷⁵ DA MATTA, Roberto. *Relativizando – Uma introdução à Antropologia Social*. São Paulo: Rocco, 1987. p. 35.

⁷⁶ DA MATTA, 1987, p. 48-58.

Para tanto, Eni P. Orlandi sustenta que no “discurso fundador” (do Brasil), as relações de poder são posicionadas pela “fala” de quem se posiciona como autoridade, forjando um passado para o povo brasileiro, onde o popular fica sem “voz” e vez, e, se somos bons brasileiros, seguiremos os passos da elite mandante⁷⁷ e Glorinha/RS não foge à regra brasileira. Basta observar que “em nossa reconstrução cotidiana de nossos laços sociais, em nossa identidade histórica [...] o que vale é a versão que ‘ficou’”⁷⁸.

Questionamos então a problemática proposta: por que não é acionada a identidade cristã-nova, ao lado dos luso-açorianos, indígenas, negros e alemães no contexto das origens étnicas glorinhenses? Isto deve-se, talvez, à assimilação do “modus vivendis” indígena, através da mestiçagem e das entradas e bandeiras, pois nelas a vida no sertão dependia dos indígenas⁷⁹. Também não podemos ignorar os mecanismos do “silenciamento discursivo”, onde a etnia governante, a portuguesa, proibia outra língua (a hebraica) e outra religião (a judaica). Só valia o português para comunicação e o catolicismo romano como religião oficial⁸⁰. E, esses que se diziam cristãos, perseguiram o idioma, a religião e o povo de Jesus Cristo, além de se tornarem a etnia em destaque, diminuindo as outras.

1.5 OS NEGROS E GLORINHA/RS

Conforme Vera Regina Santos Triunpho “o Brasil é o segundo país em população negra do mundo, só perdendo para a Nigéria (na África)”. E, que “mais da metade do povo brasileiro descendente de povos africanos”⁸¹, “bem como a maior população feminina do Brasil é a negra”⁸².

⁷⁷ ORLANDI, Vão Surgindo Sentidos. In: ORLANDI, 2003, p.12.

⁷⁸ ORLANDI, Vão Surgindo Sentidos. In: ORLANDI, 2003, p.12.

⁷⁹ VOLPATO, Luisa Rios Ricci. *Entradas e Bandeiras*. Coord. Jaime Pinsky. História Popular 2. 3.ed. São Paulo: Global, 1985. p. 65.

⁸⁰ ORLANDI, 2003, p. 18-23.

⁸¹ TRIUNPHO, Vera Regina Santos. Coletivo Estadual de Educadores Negros compromissos com a Educação das Relações Étnico-raciais. *Identidade!* Boletim do Grupo de Negros da EST/IECLB, São Leopoldo, v. 06, jul.a dez., 2004, p. 21.

⁸² A COMUNIDADE negra de Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, mai. 1997, Coluna do Márcio, p. 10.

Estes povos que vieram da África para o Brasil pertenciam, em sua maioria, aos povos sudaneses, os quais viviam “na metade norte da África” e “receberam influência do Sudão (na África). Muitos deles sofreram influência árabe e da religião muçulmana. Sendo que outros “não se islamizaram”, como é o caso do “povo ioruba da Nigéria” e os “jeje de Benin”. Também vieram, em grande maioria, muitos povos do sul da África como os povos bantos, sendo assim “chamados [...] devido à semelhança das línguas que eles falam”⁸³.

Dentre os bantos que vieram da África para o Brasil, destacam-se as populações de “Angola, Congo, Moçambique e regiões próximas”. E, dentre os sudaneses, podemos mencionar os “mina”, “jeje e fon do Benin [antigo Daomé] e mais tarde, ioruba ou nagô da Nigéria”. Além do grupo hauçá do mesmo país já islamizado, e adotando a religião muçulmana⁸⁴.

O tráfico de africanos para o Brasil teve a influência da igreja católica que reforçava “a escravização de negros”, sendo que “um dos primeiros papas a apoiar a escravidão foi Nicolau V [1397-1455]. A Bula Romanus Pontifex, de 08 de janeiro de 1455, concedeu exclusividade aos portugueses nos negócios da África, inclusive o monopólio do tráfico negreiro”⁸⁵, confirmando a atuação da Igreja neste comércio.

Para tanto, a presença negra no Rio Grande do Sul data do século XVIII, quando “em 1725, [o negro] integrou a frota de João de Magalhães, indo por terra de Laguna a São José do Norte/RS”⁸⁶, estando entre os pioneiros conquistadores do Rio Grande do Sul. Seria interessante observar que não apenas o negro africano mas também o indígena era escravo, pois as pesquisas também apontam a sua presença “no primeiro Livro de Batismos de Viamão [1747-1759]”, assim descrita em “09-02-1748, Mônica Carijó [guarani] Catecúmena, adulta, da nação caiapó, escrava de João de Magalhães”⁸⁷. A propósito, o bandeirante João de Magalhães foi bisavô de Inocente Ferreira Maciel, o qual está entre os primeiros colonizadores de Glorinha/RS nas áreas limítrofes com Taquara/RS e Gravataí/RS⁸⁸.

⁸³ BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural. *O Negro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 2005. p.7.

⁸⁴ BRASIL, 2005, p. 10.

⁸⁵ BRASIL, 2005, p. 10-1.

⁸⁶ BRASIL, 2005, p.15.

⁸⁷ ALVES, 2003, p.10.

⁸⁸ MARTHA, 2001, p.411.

No município de Glorinha/RS, consta também os escravos do pioneiro português João Rodrigues Prates, assentados no “Livro de Batismos de Viamão [1747-1759]”, assim descritos em “05-10-1748, Matheus, filho legítimo de Antônio e Maria, [...], ele da nação Mina e ela da nação Benguela”⁸⁹, evidenciando a presença jeje-nagô-iorubá e portanto, sudanesa em Glorinha/RS, bem como no Estado do Rio Grande do Sul, também havia a presença banta angola-conguense⁹⁰. Cabe colocar que nesta época Glorinha/RS fazia parte da freguesia de Viamão/RS.

Há muitas evidências da presença escrava negra no município de Glorinha/RS,

[...] na Costa do Banhado [localidade de Capão Grande], todos os proprietários tinham escravos, uns mais, outros menos, comprados numa banca em Porto Alegre [...] Os proprietários não iam sozinhos, mas em grupos. No local da compra escolhiam os escravos, tendo como critério a canela fina⁹¹.

Também podemos constatar “famílias negras espalhadas por todo o município [...], sendo que a maior concentração de negros se encontra na encosta do Morro do Pítuva e Rincão de São João, situado nas localidades de Contendas e Maracanã” e no “Imbiruçu”⁹².

É interessante registrar que os negros escravos se imbricaram “inclusive” com os guaranis missioneiros no Vale do Gravataí, onde Glorinha/RS se inscreve⁹³.

Enquanto antigo “Distrito da Aldeia” (Gravataí/RS), na localidade de Glorinha/RS conforme a listagem dos registrados no primeiro livro de nascimento do cartório deste atual município⁹⁴ “o elemento negro ocupa, de início, o mesmo território dos brancos, pois há registro de escravos, neste Distrito, de 1877 a 1886”⁹⁵.

⁸⁹ ALVES, 2007, p.10.

⁹⁰ BRASIL, 2005, p.20, 23.

⁹¹ A COMUNIDADE negra de Glorinha, 1997, p. 10.

⁹² A COMUNIDADE negra de Glorinha, 1997, p. 10.

⁹³ MARTHA, 2001, p. 84.

⁹⁴ JACHEMET, 2006, p. 23-27.

⁹⁵ JACHEMET, 2006, p. 21.

É destaque negro em Glorinha/RS a escrava Belizária Dutra Machado que faleceu em 1961, com 123 anos, portanto, nascida em 09/10/1838⁹⁶. Esta data deveria se tornar o dia da consciência negra glorinhense ou, ao menos, o dia em que lembramos o trabalho escravo negro em Glorinha/RS.

Dona Belizária quando se referia à escravidão, lamentava e comentava que presenciara fatos da Revolução de 1893 no Rio Grande do Sul⁹⁷. Mas, numa entrevista concedida a um jornal de Porto Alegre em 1958, Dona Belizária informou que nem lembrava dos tempos de escrava devido aos “bons tratos” de seus “donos” os Machado (Prates Sarmiento Pioneiros e os Dutra). Dona Belizária menciona, inclusive, o “seu ex-dono”, o “seu Machado” (o Coronel Machado Sarmiento – um dos pioneiros colonizadores de Glorinha/RS, o qual é meu ancestral). A princípio, a mesma morou na localidade de Passo Grande⁹⁸ e, por último, entre as localidades de Maracanã e Contendas. De acordo com sua filha, sua mãe, a ex-escrava, teria desenvolvido uma afeição a esta família que a tinha por proprietária, adotando o seu nome⁹⁹.

Muitas famílias negras glorinhenses adotavam o “Kerb”¹⁰⁰, sendo, portanto, uma assimilação cultural devido à convivência com os teuto-glorinhenses. Esses “Kerb” aconteciam nas suas próprias residências entre as localidades de Maracanã e Contendas. Nesses bailes, os brancos não dançavam. O “Kerb dos negros” como era chamado, imitava o alemão em tudo, exceto no aspecto religioso “que, primeiramente, os alemães davam ao Kerb” neste local. Também cabe colocar que muitos negros, “entre os mais velhos, falavam a língua alemã de hunsrück, dialeto alemão falado [antigamente] na região”¹⁰¹.

⁹⁶ AGORA, apenas dois desejos: casa popular e conhecer o 1º tataraneto. Vovó Belizária completa amanhã seu 120º aniversário. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, out. 1958, p.9.

⁹⁷ A COMUNIDADE negra de Glorinha, 1997, p. 10.

⁹⁸ AGORA, 1958, p. 9.

⁹⁹ AGORA, 1958, p. 9.

¹⁰⁰ Kerb, festa de origem alemã, celebrada em Glorinha/RS por ocasião do aniversário da comunidade evangélica (IECLB) em outubro.

¹⁰¹ A COMUNIDADE negra de Glorinha, 1997, p. 10.

Dentre as personalidades negras de Glorinha/RS, podemos destacar o casal Juvenal Borba e Brandina, sendo ele “considerado a autoridade dos negros, policiava seus bailes e era respeitado”, Dona Virgínea (Rolinha) e sua irmã Nazira e Dona Sueli. Essas senhoras negras se destacaram na culinária local, trabalhando nos bailes e festas da região (as primeiras são falecidas e Dona Sueli continua nesta lida – 2007). Além destas, também podemos destacar “Beto Gaspar, Otacílio Peixoto, Vicente, Gervásio Gaspar e João Jacinto Costa (João Preto), figura folclórica e amigável”¹⁰². Todas essas antigas lideranças negras locais já são falecidas.

Segundo informações locais,

[...] havia um núcleo negro próximo às redondezas da Lomba do Barreiro e Passo do Portão, com características peculiares, como festas e outras atividades. Estes negros visitavam outro núcleo negro nas proximidades de Boa Vista e Morro do Tigre. Estes últimos também mantinham a mesma identidade cultural dos primeiros. Hoje restam algumas famílias nestes núcleos negros¹⁰³.

Também “houve negro pracinha em Glorinha/RS”, é o caso do seu João dos Santos (João Rita), fazendo parte da representação do Brasil junto à Segunda Guerra Mundial¹⁰⁴.

No que diz respeito à religião, “a maioria das famílias negras de Glorinha/RS são de religião católica romana”, sendo algumas de outros credos¹⁰⁵, o que nos é confirmado por outros relatos¹⁰⁶.

¹⁰² A COMUNIDADE negra de Glorinha, 1997, p. 10.

¹⁰³ A COMUNIDADE negra de Glorinha, 1997, p. 10.

¹⁰⁴ A COMUNIDADE negra de Glorinha, 1997, p. 10.

¹⁰⁵ A COMUNIDADE negra de Glorinha, 1997, p. 10.

¹⁰⁶ JACHEMET, 2006, p. 47.

Para tanto, “o tema do conflito entre senhores e escravos tem sido objeto de polêmica no campo da historiografia brasileira sobre a escravidão”. Há os que afirmam o escravo (ou o negro) “como um instrumento passivo” frente ao branco (luso-brasileiro), assim como há os que afirmam o escravo (ou o negro) “como agente ativo”, que reage¹⁰⁷. Em Glorinha/RS, tomamos como exemplo a ex-escrava Belizária, quando abordamos neste trabalho que ora se queixava da época da escravidão, ora lembrava os “bons tratos”. O que podemos deduzir no seu discurso? E o que refletem os negros em Glorinha/RS: são agente passivos ou ativos no discurso fundador glorinhense e na construção da sua identidade?

1.6 OS ALEMÃES (TEUTO-GLORINHENSES) E GLORINHA/RS

No município de Glorinha/RS, temos por último a colonização alemã entre 1860 e 1900, sendo o primeiro descendente de alemães registrado em Glorinha/RS, um “Raupp, da localidade de Vila Nova”, em 1878¹⁰⁸. As localidades de Glorinha/RS que possuem maior concentração de alemães (ou melhor, teuto-glorinhenses) estão entre o Rincão de São João e Maracanã, Imbiruçu e Pedra Branca. Quando os alemães chegaram, dedicaram-se à agricultura e pecuária – vivendo em minifúndios e com espírito de cooperação. Criaram sociedades de canto e baile, dedicando-se às atividades comunitárias e de recreação. Outros eram dedicados ao comércio. A maioria dos teuto-glorinhenses era evangélica (IECLB). Em outubro é festejado o “Kerb” na localidade de Rincão de São João. Também é celebrada a festa da colheita em julho, na qual é agradecida a produção agrícola, bem como a festa anual em novembro.

¹⁰⁷ SOUZA, Pedro. A boa nova da memória anunciada: o discurso fundador da afirmação do negro no Brasil. In: ORLANDI, 2003, p. 59.

¹⁰⁸ JACHEMET, 2006, p. 21.

Ernani Haag¹⁰⁹ expressa em sua obra intitulada “A Decisão” e também Carlos Henrique Hunsch em sua obra “O ano de 1826 da imigração alemã no Rio Grande do Sul (Província de São Pedro)” a maioria das famílias alemãs de Glorinha/RS, bem como todo o processo da sua vinda ao Rio Grande do Sul. Os primeiros alemães ou seus descendentes que chegaram em Glorinha/RS falavam a língua alemã de “Hunsrück”, o que pode evidenciar que eram desta ou influenciados por esta região que compreende o Palatinado, Renânia, Hesse, Sarre e Vestfália na Alemanha. Vieram viver no sul do Brasil a convite do governo brasileiro para povoá-lo, colonizando os vales de alguns rios, ao mesmo tempo, também tinham por função serem “soldados”, evitando uma possível invasão espanhola, garantindo a posse brasileira. Além disso, o governo brasileiro, entre outros da América Latina,

usou [o imigrante] em sua política de branqueamento da raça [pois, em geral, os brasileiros eram e são pardos] [...], valeu-se dele para a formação do exército nacional, usou-o para construção, conservação e proteção de estradas, valeu-se dele para o apoio a núcleos urbanos, para a valorização fundiária, para a obtenção de mão-de-obra barata [substituindo o trabalho escravo], para criação de uma classe média¹¹⁰ [esta não havia, somente havendo as classes baixa e altas, as quais constituíam um problema social para o país]. Todas estas afirmações, em maior ou menor grau, são salientes na colonização germânica em Glorinha/RS. Nesta mesma época, a Alemanha estava passando por crises sociais e econômicas¹¹¹, motivando a emigração alemã.

Para tanto, no referido município “os Raupp foram, provavelmente, as primeiras famílias alemãs do município de Glorinha e talvez chegaram por volta de 1860, porque vieram [...] via Gravataí”, não vindo com as demais famílias alemãs para Glorinha/RS¹¹², as quais eram provenientes do Vale dos Sinos e região e evangélicos-luteranos (IECLB-2007), enquanto os Raupp em Glorinha/RS são católicos e “assimilaram os costumes brasileiros mais rapidamente”¹¹³ neste município.

¹⁰⁹ Ernani Haag, pesquisador, dedica-se ao estudo da imigração e colonização alemã no RS e da Genealogia, em especial as primeiras gerações teuto-riograndenses. É natural de Nova Hartz/RS e reside em Sapiranga/RS. É membro do Instituto Geneológico do Rio Grande do Sul.

¹¹⁰ DREHER, Martin N. Protestantismos na América Meridional. In: DREHER, Martin N. (org.). *500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: EST Edições, CEHILA, 2002. p. 124.

¹¹¹ HAAG, Ernani. De onde vieram? Emigrantes vindos de Birkenfeld, Koblenz e Kusel. Porto Alegre: Renascença, 2004. p. 9 e 10.

¹¹² OS ALEMÃES e Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, mar-abr 2000, Coluna do Márcio, p. 5.

¹¹³ OS ALEMÃES e Glorinha, 2000, p. 5.

Entre os pioneiros alemães evangélicos-protestantes em Glorinha/RS podemos mencionar as famílias de Carlos Schönardie e família em Rincão de São João e Nikkolas Häcksel (conhecido como Nicolau Hexsel na região – nasceu na Alemanha ou na viagem ao Brasil) na localidade de Maracanã. E “com a vinda de Carlos Schönardie e Nicolau Hexsel muitas famílias alemãs (evangélicas-protestantes) vieram para Glorinha sendo elas Michel, Jost, Knobloch, Spindler, Schmidt, Fich, Möller, Ohlweiler e outras”¹¹⁴ como os Fries, Waschburger, Rheinheimer, Barth, Berwig, Geyer, Kielling, Adam, Bruckhen, Voss (Foss), Schirmer, Vetter (Fetter), Schilling. Além dessas e dos Raupp católicos, temos os Cornely, os Stumpf, os Kolling, e parte dos Waschburger, os quais também são originariamente católicos. Hoje, essas famílias estão imbricadas entre si e com os lusos e afro-glorinhenses. Muitos que originariamente eram evangélicos luteranos (protestantes – IECLB) não são mais, inclusive algumas famílias em sua totalidade, muitas delas são católicas romanas ou outras religiões. Qual seria a causa? Poderia estar ligada à questão de pertença à “integração à sociedade brasileira”¹¹⁵, no caso, a glorinhense? Neste sentido, segundo Ruben J. Oliven, os descendentes dos imigrantes mais prósperos economicamente, assimilaram “a representação da figura do gaúcho”, o que representa uma certa unidade entre os habitantes do Rio Grande do Sul¹¹⁶, o que no sentido econômico parece não se refletir em Glorinha/RS, sendo que mais parece uma afirmação de brasilidade o fato de estar em todos os aspectos possíveis junto aos luso-glorinhenses e, como diz Eni P. Orlandi: “Estamos no ‘clima’ do Brasil”, isto é, para o discurso fundador do Brasil, não importa as nossas origens culturais: “O diálogo é uma situação de enunciação brasileira [...] Um flagrante de um discurso brasileiro. Um sítio de significância com sua singularidade, estabelecendo uma nova paisagem enunciativa, a de um novo país”¹¹⁷. Para a elite mandante temos que ser todos singulares. Assim é mais fácil manipular a sociedade e no município de Glorinha/RS pode não ser diferente do contexto gaúcho e brasileiro.

¹¹⁴ OS ALEMÃES e Glorinha, 2000, p. 5.

¹¹⁵ OLIVEN, Ruben Jorge. *A parte e o todo*: A diversidade cultural no Brasil-Nação. Petrópolis: Vozes, 1992.p. 103.

¹¹⁶ OLIVEN, 1992, p. 70.

¹¹⁷ ORLANDI, 2003, p. 23.

Por outro lado, observamos como os discursos relacionados aos fatos da imigração alemã e seus descendentes glorinhenses ainda estão vivos entre alguns deles. É o caso da senhora Elga Schönardie Möller e também do senhor Ildo Jost, os quais costumam a relatar fatos alusivos à imigração alemã em Glorinha/RS. Por ora, mencionamos alguns fatos relacionados à família Schönardie comumente comentados pela senhora mencionada, quando da sua chegada na localidade de Rincão de São João e até de fatos ocorridos na Europa. Para tanto,

Carlos Schönardie, chegado em Rincão de São João por volta de 1900, era neto do genearca alemão Johannes Schönardie, o qual era filho do francês Jean Chenardi que se deslocou da França para a Alemanha por motivo de perseguição religiosa [...]. Carlos Schönardie era agricultor e como era religioso, foi logo providenciar um pastor evangélico-protestante para edificar culto em sua residência¹¹⁸.

Neste sentido, temos “a historicidade do falante no ‘seu’ processo discursivo [...] a historicidade dos próprios processos discursivos”, isto é, como o sujeito se apercebe em relação aos demais¹¹⁹. Sendo assim, prosseguimos na história dos Schönardie pioneiros franco-germânicos em Glorinha/RS e de outros teuto-glorinhenses, destacando a sua religiosidade, como a construção da primeira capela evangélica (atual IECLB), em 1900, nas terras de Carlos Schönardie em Rincão de São João, bem como seus membros fundadores, os quais foram: Pedro Krai, Carlos Schmidt, Adolfo Spindler, Carlos e Adolfo Schönardie, Albino Fich, Jakob Knobloch, Nicolau Hexsel, Carlos Ohlweiler, Gustavo Helfensteller, Gustavo Möller, Albrech e Frido Kircheler¹²⁰.

Por ocasião da “organização” da comunidade evangélica (atual IECLB) em outubro de 1900. “Daí o porquê se o ‘Kerb’ se realizar em outubro”¹²¹. Esta tradição é mantida até hoje na Sociedade de Canto Lírica Brasileira – Glorinha/RS e em algumas famílias teuto-glorinhenses.

¹¹⁸ OS ALEMÃES e Glorinha, 2000, p. 5.

¹¹⁹ ORLANDI, 2003, p. 23.

¹²⁰ OS ALEMÃES e Glorinha, 2000, p. 5.

¹²¹ OS ALEMÃES e Glorinha, 2000, p. 5.

Um fato marcante na história dos teuto-glorinhenses, foram os reflexos e as conseqüências da Segunda Guerra Mundial. Para tanto, minha avó paterna Irmã Möller, neta do imigrante alemão Friedrich August Möller, sempre contava suas histórias e de seus familiares no interior de Taquara/RS, quando solteira e no interior de Glorinha/RS, quando casada, mas raramente tocava no assunto da guerra (a Segunda), às vezes, comentava algumas coisas, como a proibição da língua estrangeira, no caso o alemão (Hunsrück). Seu esposo, meu avô Willibaldo Knobloch, bisneto do imigrante alemão Adam Knobloch e da holandesa Maria Straatmann, não aceitava este “silenciamento discursivo”, embora sabendo a língua vernácula (minha avó não sabia porque sua família de origem praticamente não o sabia) não falava. E, na família de Irmã Möller e Willibaldo Knobloch, falava-se alemão (Hunsrück) e persistiam nos costumes alemães. Neste sentido, durante a Segunda Guerra Mundial, a comunidade teuto-glorinhense sofreu discriminação e perseguição. Isso aconteceu porque muitos teuto-glorinhenses envolveram-se com idéias nazistas, influenciando por um estrangeiro de nome Johann, sendo hasteada uma bandeira do terceiro “Reich” no ano de 1939 em Rincão de São João. Houve problemas com a polícia, foram apreendidos todos materiais em língua alemã e fotografias, assim sendo, muitas casas de teuto-glorinhenses foram invadidas para tal apreensão. Segundo o relato dos antigos descendentes de alemães, esses materiais (recolhidos) eram “objetos de decorações [...], bem como Bíblias, hinários e livros escolares”. “Não foi difícil convencer esses colonos”¹²² uma vez que não tinham acesso aos pormenores do nazismo, eram ignorantes quanto aos detalhes do mesmo segundo o senso comum entre os teuto-glorinhenses. “Em conseqüência disso, somado ao espírito anti-alemão¹²³, algumas famílias luso-brasileiras da vizinhança os denunciaram”¹²⁴.

Como conseqüência, muitos teuto-glorinhenses “sofreram muito por causa da guerra. Não podiam comunicar-se em alemão. Eram chamados de ‘quinta coluna’ e outros apelidos indecorosos. Foi imposto aos alemães e seus descendentes um salvo-conduto para controle de locomoção, principalmente de um município ao outro [...]” uma vez,

¹²² OS ALEMÃES e Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, abr. 2001, Coluna do Márcio, p. 2.

¹²³ A expressão “anti-alemão” colocada aqui refere-se às rivalidades étnicas, as quais são relativamente comuns entre as etnias, não tendo conotações políticas, sociais ou raciais. Por exemplo: em Glorinha, os luso-glorinhenses são chamados de “brasileiros” e os teuto-glorinhenses de “alemães”.

¹²⁴ OS ALEMÃES e Glorinha, 2001, p. 2.

não podendo comunicar-se no idioma que entendiam, os descendentes de alemães e seus filhos sofreram muita angústia e até depressão. Mas como o tempo, essas conseqüências foram amenizadas, a comunidade alemã de Glorinha foi retornando à sua alegria barulhenta. E hoje, os alemães (teuto-glorinhenses) estão aí, integrados na vida glorinhense e brasileira¹²⁵.

A esse “silenciamento discursivo” dos teuto-glorinhenses, acima colocado, por ocasião da Segunda Guerra Mundial, podemos questionar a que interesses serviram? E como foi construída a identidade (local) ao longo da história glorinhense a partir das relações luso e teuto-glorinhenses, uma vez que a identidade sofre influências com o decorrer do tempo?¹²⁶

O capítulo seguinte vai tratar sobre “O estudo sintetizado das religiões no município de Glorinha/RS a partir do Censo 2000-IBGE comparados com o panorama atual”, o qual pode ter relações discursivas com os aspectos históricos de Glorinha/RS.

¹²⁵ OS ALEMÃES e Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, Mai.-Jun 2001, Coluna do Márcio, p. 5.

¹²⁶ ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985. p. 137.

2 O ESTUDO SINTETIZADO DAS RELIGIÕES NO MUNICÍPIO DE GLORINHA/RS A PARTIR DO CENSO 2000 – IBGE COMPARADOS COM O PANORAMA ATUAL

2.1 REFLEXÕES EM TORNO DA TEMÁTICA RELIGIÃO

Vivemos um momento de efervescência religiosa. Segundo afirma o Dr. Martin N. Dreher: “O crescente interesse no estudo da religião [...] está a indicar que houve equívoco na leitura da Modernidade”, isto é, “A temática [da religião] não fazia parte dos objetos de estudo da academia”, confirmando o interesse pela busca do sagrado. Hoje, esse interesse está aflorado desde o ponto de vista pessoal e popular, passando pelas religiões institucionalizadas até as academias, em especial as relacionadas às ciências humanas¹²⁷, mas também vemos a física quântica se voltando para temas que fazem alusão ao espiritual.

Neste sentido, cabe lembrar as colocações do teólogo Hans Küng, no que se refere à relação entre o público e a comunidade científica em matéria de religião onde o público tem “o direito de ouvir o que cientistas têm a dizer sobre a situação espiritual do momento. E isso numa linguagem compreensível, sem os jargões especializados que bloqueiam o sentido mais profundo das coisas e dos fatos”¹²⁸.

¹²⁷ DREHER, Martin N. (org.). Apresentação. **500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional**. Porto Alegre: Edições EST – CEHILA, 2002. p. 11-2.

¹²⁸ KÜNG, Hans. **Projeto de Ética Mundial**: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana. Trad. Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 1993. p. 8.

Para tanto, pretendo, na medida do possível, socializar este trabalho no município de Glorinha/RS, a fim de que possa contribuir para uma melhor compreensão do fenômeno religioso, do universo religioso pessoal e social para formação de uma sociedade que cultive a paz e o respeito entre as pessoas e a natureza como um todo.

Segundo o Dr. José Ivo Follmann, é comum falar-se em “mundo das religiões”, onde a palavra “mundo” realmente expressa essa idéia devido à “grande complexidade e diversidade”. Sendo assim, esse mundo não é facilmente delimitado, principalmente no que diz respeito às religiões instituídas¹²⁹.

Segundo o Dr. Irineu Wilges, “O fenômeno religioso é universal. Em todos os tempos, lugares e povos, encontramos o fenômeno religioso”¹³⁰. E sustenta também que todas as explicações que procuram esclarecer o fenômeno religioso não explicam tudo, mas alguma coisa¹³¹, devido a sua complexidade.

As manifestações do fenômeno religioso podem acontecer na vivência comunitária das religiões com seus locais de cultos, como também de uma forma pessoal, com características sincréticas¹³², e também, através de procissões, romarias, festas, devoções, etc.

Dom Irineu S. Wilges sustenta que “não há unanimidade entre os autores em definir religião”, explicando que há um “sentido real Objetivo” onde são levados em conta os fatores como crenças, leis e ritos que nos levam a um Poder Supremo, do qual os seres humanos se sentem dependentes, podendo ter relações pessoais e conseguir favores. E que existe também um “sentido real Subjetivo”, onde a religião é a dependência do Poder Supremo pessoal co-existindo várias crenças, leis e ritos pertinentes a este Ser Supremo¹³³.

¹²⁹ FOLLMANN, José Ivo. O Mundo das Religiões e Religiosidades: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. In: SCARLATELLI, Cleide; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (org.). **Religião, Cultura e Educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. p. 11.

¹³⁰ WILGES, Irineu. **Cultura Religiosa. As Religiões no Mundo**. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1987. p. 9

¹³¹ WILGES, 1987, p. 19.

¹³² Características sincréticas, neste trabalho, significa adotar uma religião e também vivenciar traços de outra(s).

¹³³ WILGES, 1987, p. 10-11.

Conforme Hans Jürgen Fraas, a religião surgida da revelação é a fé em Deus ou deuses, mas também aponta que essa definição não tem aceitação geral. É o caso do budismo, por exemplo. Na verdade, a religião vai tratar “de um enunciado de fé, não de uma tese científica”¹³⁴. No caso específico de Glorinha/RS, analisaremos as relações das religiões e seus fiéis.

Para tanto, estudaremos alguns aspectos da religião a partir de estudiosos do tema. Sendo assim, Hans Küng não defende um conceito idealista de religião por considerar o tempo maduro para desafiá-las para a construção da paz, uma vez que todas elas tem “normas, valores, ideais e objetivos”¹³⁵, mas por outro lado também causaram guerras, genocídios, abusos de poder, etc. Neste sentido, H. Küng faz alusão à chamada “duplicidade facial das religiões”, das quais experimentou¹³⁶.

Cledes Markus sustenta que a palavra “religião vem do verbo latino *religare* [ligar novamente]” significando ligar os seres humanos a uma determinada fé, especificando que este termo foi adotado pela cristandade¹³⁷.

Segundo Adilson Schultz, teologicamente “a religião existe como instituição que agencia a salvação operada por Deus”. E explica que neste caso, a religião teria a função de salvar os fiéis do *mal*¹³⁸. Afirmando que no imaginário religioso brasileiro existe concomitantemente a presença do *bem* e do *mal*, estando presentes no dia-a-dia das pessoas como o bem-estar, a felicidade, a doença, a morte, etc, e sugere que as religiões, principalmente as protestantes, levem mais em conta as experiências religiosas dos seus fiéis, considerando o imaginário religioso brasileiro¹³⁹. Este imaginário religioso faz parte da construção da cultura e vice-versa – estão imbricados.

¹³⁴ FRAAS, Hans Jürgen. Teorias sobre a religiosidade. In: SCARLATELLI et.al. 2006. p. 43.

¹³⁵ KÜNG, 1993, p.9.

¹³⁶ KÜNG, 1993, p.9.

¹³⁷ MARKUS, Cledes. *Culturas e Religiões*: implicações para o Ensino Religioso. Cadernos do COMIN 9. São Leopoldo: Conselho de Missão entre Índios, 2002, p.22.

¹³⁸ SCHULTZ, Adilson. **Deus está presente – o diabo está no meio**. O Protestantismo e as Estruturas Teológicas do Imaginário Religioso Brasileiro. 2005. 342 fl. Tese (Doutorado). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005, p. 8.

¹³⁹ SCHULTZ, 2005, p. 318-319.

Neste sentido, lembramos Hans J. Fraas quando diz que a “religiosidade é sempre socioculturalmente concreta, comunitária e compromissiva. Antropologicamente, a religiosidade é condicionada pela essência do ser humano, e socialmente a religião é pela vivência da comunidade”. Para tanto, “os movimentos populares não coincidem com as expressões populares”¹⁴⁰ onde as religiões institucionalizadas podem estar incluídas nesses movimentos populares sem necessariamente levar em conta aspectos das expressões populares de cunho religioso contida nas histórias de seus fiéis, e aqui, também podemos incluir os envolvidos neste trabalho realizado em Glorinha/RS.

Para tanto, nas relações “movimentos populares” e “expressões populares”, temos que levar em conta também as tipologias entre os discursos, as quais podem ser: autoritárias, polêmicas ou lúdicas¹⁴¹, considerando o “funcionamento discursivo em relação as suas determinações histórico-sociais e ideológicas”¹⁴².

Inovadoras no campo do estudo das religiões são as teorias de Wilfred Cantwell Smith. Segundo o mesmo, o conceito moderno de religião foi inventado nos dois últimos séculos no Ocidente, onde as pessoas de uma mesma fé se viam como uma sociedade contraposta a outras fés, oferecendo a salvação de forma exclusiva. Esboça também, que as religiões conhecidas da Antigüidade não tinham o atual conceito de religião. Smith cita também Agostinho¹⁴³, Zwínglio e Calvino¹⁴⁴, apontando como deveria ser a correta interpretação dos títulos de suas obras para sustentar que o atual conceito de religião no Ocidente é historicamente novo e dá a idéia de sociedades salvíficas, contrapondo os de fora desta.

Smith sustenta que:

¹⁴⁰ ORTIZ, Renato. **Cultura Brasileira e Identidade Nacional**. São Paulo: Brasiliense, 1985. p.142.

¹⁴¹ ORLANDI, 1999, p. 86.

¹⁴² ORLANDI, 1999, p. 87.

¹⁴³ SMITH, Wilfred Cantwell. **O Sentido e o Fim da Religião**. Trad. Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2006. p. 40.

¹⁴⁴ SMITH, 2006, p. 45.

[...] O fim da 'religião', no sentido clássico de seu propósito e objetivo, aquilo para a qual aponta e para o qual pode conduzir, é Deus. No sentido oposto, Deus é o fim da religião também no sentido de que tudo o mais se dissolve tão logo ele apareça vivamente diante de nós, em sua profundidade, amor e inexorável verdade, ou, pelo menos, a parafernália religiosa volta para seu lugar devido e mundano e o conceito 'religião' chega a seu final. E que, isso ocorre inclusive quando a inexorável verdade é tão-somente a da investigação acadêmica¹⁴⁵,

não levando em conta as opiniões e vivências das pessoas em suas fés.

2.2 ASPECTOS GERAIS DO PANORAMA RELIGIOSO EM GLORINHA/RS

O panorama religioso de Glorinha/RS, segundo o Censo-2000-IBGE, fica distribuído entre católicos apostólicos romanos 84,76%; pentecostais 6,36%; confissão luterana 2,5%; outras formas de religiosidade e não determinadas 1,93%; os sem religião 1,61%; adventistas do 7º dia 1,23%; outras evangélicas de missão 0,72%; espíritas 0,38%; umbanda 0,36%; religiões orientais 0,14%; sem declaração religiosa 0,05%¹⁴⁶.

Dentre as pentecostais, temos a seguinte distribuição: Evangélica Assembléia de Deus 4,73%; outras evangélicas de origens pentecostais 0,63%; Igreja Universal – IURD 0,52%; Igreja Congregacional Cristã 0,47%¹⁴⁷.

Para melhor conhecer este panorama religioso em Glorinha/RS, faz-se necessário uma breve análise dessas religiões acima mencionadas. Mas, primeiramente, estudaremos as mesmas em sentido genérico, em outro capítulo, analisaremos suas relações com os aspectos históricos do município.

2.2.1 Traços da Igreja Católica Apostólica Romana

Já está demonstrado quando se tratou da colonização luso-brasileiro-açoriana em Glorinha/RS, que a Igreja Católica Romana acompanhou a referida colonização.

¹⁴⁵ SMITH, 2006, p. 183-184.

¹⁴⁶ CENSO Demográfico Brasileiro, 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/protabl.asp?>>. Acesso em 13 fev. 2007.

¹⁴⁷ CENSO, 2000, IBGE.

Em seu sentido mais genérico, a Igreja Católica Romana crê que seu fundador é Jesus Cristo e que dentre as igrejas cristãs é a que conserva e vive uma estreita e ininterrupta ligação com Jesus Cristo, tendo “a convicção de que nela se encontra a totalidade dos meios de salvação”. Pode-se entender neste enunciado um *silêncio constitutivo*¹⁴⁸ pois esta colocação parece apagar as expressões das outras crenças, equivaleria dizer o mesmo que as outras são deficientes em termos de *totalidade dos meios de salvação*. Que apesar de ser ao mesmo tempo *santa e pecadora* cumpre seu propósito como Igreja, não menosprezando o “valor religioso e salvífico das demais religiões cristãs ou não cristãs”, portanto, a Igreja Católica “não esgota a estrutura crística, nem se identifica pura e simplesmente com o Cristianismo”, segundo nos informa Dom Irineu Wilges¹⁴⁹, tornando-se uma igreja macroecumênica, caracterizada entre outros aspectos, pelo sincretismo brasileiro¹⁵⁰.

Além dessas crenças, podemos destacar o purgatório, a ressurreição, a devoção às imagens, a interseção dos santos e da Virgem Maria, cuja virgindade seria perpétua, a hierarquia eclesiástica (padres, bispos e papa, os outros títulos como monsenhor, etc., são honoríficos)¹⁵¹. Possuem sete sacramentos, os quais são meio do favor de Deus, isto é, de sua graça para com os seres humanos. São eles: batismo, confirmação, eucaristia, penitência, unção dos enfermos, ordem e matrimônio. Seus sacerdotes e religiosos de vida consagrada são celibatários. Enfim, a Igreja Católica é regulamentada pelo seu catecismo, pelo Direito Canônico e outros documentos pertinentes a ela.

No âmbito social, são muito atuantes, possuindo escolas, asilos, orfanatos, creches, hospitais e universidades.

A Igreja Católica em Glorinha/RS é predominante, com 84,76% da população¹⁵², contando com uma matriz no centro, seis capelas e cinco comunidades (futuras capelas) distribuídas no município.

¹⁴⁸ ORLANDI, 1999, p. 83.

¹⁴⁹ WILGES, 1987, p. 69-70.

¹⁵⁰ Sincretismo brasileiro. Aqui se entende por adotar uma religião e vivenciar outra(s) ou não assumir nenhum credo e assimilar alguns ou vários aspectos religiosos por uma ou mais pessoas.

¹⁵¹ WILGES, 1987, p. 70-72.

¹⁵² CENSO, 2000, IBGE.

Há também um catolicismo popular, baseado em rezas, ritos e festas, tais como as dos santos padroeiros, do Divino, juninas, cavalhadas, semana santa, terno de reis, promessas, mesa dos inocentes, rezar no cemitério num determinado local onde está erguida uma cruz maior e ali acender velas, colocar uma cruz à beira da estrada na qual ocorreu uma morte trágica, fazer o sinal-da-cruz na frente das igrejas, enfeitar pinheiros na época do Natal, colocar três punhados de terra sobre o caixão na cova, confeccionar a mortalha do falecido (ex.: crianças vestidas de anjo ou de branco), colocar vela na mão de agonizante, etc¹⁵³, são atitudes do senso comum na região de Glorinha/RS, mas que de alguma forma estão relacionadas ao catolicismo popular, sendo que umas acontecem em maior e outras menor escala.

Não pretendendo discorrer sobre alguns conceitos antropológicos mas, procurando elucidar alguns aspectos relacionados à Igreja Católica Romana em Glorinha/RS, sendo assim, “a tradição se torna um rito” e isto porque “a memória coletiva se aproxima do mito”¹⁵⁴ e no que diz respeito às atitudes do senso comum colocadas em menor escala, lembramos que a importância da “sobrevivência” de um elemento cultural (ou religioso) “deve cumprir algum tipo de função”, nem que seja para inverter uma realidade, falseando-a¹⁵⁵, por isso, um determinado elemento cultural e/ou religioso “sobrevive” ou não, conforme descrevi, por exemplo, no que diz respeito à piedade religiosa vivenciada pelos colonizadores luso-brasileiros neste município junto à colonização e que hoje sobrevive ou não.

¹⁵³ MARQUES, Lílian Argentina B.; RIBEIRO, Paula Simon; SANCHOTENE, Rogério Fossari. *Rio Grande do Sul: aspectos do folclore*. 5.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2004, p. 17 e 154s.

¹⁵⁴ ORTIZ, Renato. *Cultura brasileira e identidade nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985, p. 135.

¹⁵⁵ OLIVEN, Ruben Jorge. *A parte e o todo: a diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992, p. 21.

Neste sentido, Adilson Schultz sustenta que a força do calendário católico romano, a partir dos “dias santos, dos santuários e/ou locais sagrados para as romarias” determinam “o tempo e o espaço da nação brasileira” e que “tomadas em seu conjunto [...] emolduram o ritmo do país. Queiramos ou não, todos paramos no feriado católico” e salienta que “o calendário é um dos instrumentos mais eficazes através do qual somos incorporados na cultura”, de forma consciente ou não, religiosa ou não, “somos envolvidos por um calendário que nos remete a um imaginário religioso”. Por isso, “está expresso o elemento teológico central e distintivo do catolicismo, a pretensão de universalidade”. Portanto, “as festas e romarias *embalam* a teologia católica, sua concepção de história e de salvação: a igreja é natural, a história do mundo é a história católica; todas as pessoas estão envolvidas por ela”¹⁵⁶. A propósito, poderíamos perguntar por um feriado evangélico ou afro-brasileiro ou de outra crença, já que o Brasil é um país pluricultural, laico e democrático e, no entanto, contempla somente feriados católicos romanos, como o dia de Nossa Senhora Aparecida, Corpus Christi, domingo, dia do Santo Padroeiro do município, etc.

Segundo Rubem César Fernandes, “a idéia de ‘religião popular’ serve para esquematizar a realidade e agir em seu interior, valorizando certos aspectos em detrimento de outros”, neste sentido, contrapõe o que ele denomina de “religiões dominantes” das “religiões populares”, colocando como exemplo o catolicismo sacramental versus catolicismo popular. Na mesma linha de raciocínio, também compara o protestantismo histórico versus pentecostalismo e espiritismo versus macumba. Explica, no entanto, que nestes diferentes seguimentos não há uma divisão de fé, por exemplo, o catolicismo sacramental e o catolicismo popular estão na mesma fé, a católica¹⁵⁷.

Rubem C. Fernandes, sustenta que não há separação de classes nas religiões, pois “as práticas religiosas não se isolam em círculos de classes homogêneos”, isto é, os populares que cantam o terno de reis, pagam promessas, celebram as festas juninas, etc, também costumam freqüentar a igreja matriz e “os que rezam pelo catecismo romano procuram a benzedeira em caso de necessidade, mas preferem cassar na mão do padre”.

¹⁵⁶ SCHULTZ, 2005, p. 34.

¹⁵⁷ FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus*: uma introdução às religiões populares. Brasiliense, 1982. p. 137.

Conforme Rubem C. Fernandes a divisão está entre “leigos” e “sacerdotes” e que nas “religiões populares” os sacerdotes não passam por seminários, mas “formam-se” nos seus “próprios lugares de culto aprendendo os gestos e as histórias de algum mestre local”, tendo autonomia em relação às autoridades eclesiásticas”¹⁵⁸. Neste aspecto, havia um rezador de terço, chamado Pedro Beto, até há pouco tempo, que era solicitado nos sepultamentos e no dia de finados no cemitério católico da Lomba na localidade do Maracanã em Glorinha/RS. O terço era rezado junto a uma cruz maior, num local onde se acendem velas. Embora este rezador de terço era um pequeno agricultor, sem formação teológica, mas que tinha um certo carisma por atender uma tradição popular religiosa que se tornou um rito para os funerais locais.

Os terços nesse local ainda continuam embora o rezador já tenha falecido, mas de forma individual ou em família, ou, às vezes, as pessoas rezam apenas uma ou duas orações e vão embora.

A respeito desses terços populares, Célia Silva Jachemet sustenta que em Glorinha/RS “eram comuns entre os ‘brasileiros’¹⁵⁹ os terços cantados por um capelão seguido da comunidade. Cantava-se o terço pelos defuntos, de corpo presente, com as Excelências à Virgem Maria e as Ladainhas”, mas que “para os sacramentos dependiam do padre”.

Outro aspecto comum do catolicismo popular em Glorinha/RS é a benzedura. Segundo Célia S. Jachemet, “as benzeduras faziam parte dos rituais de prevenção” e também “estavam presentes para todos os males”, mesmo assim, o povo não despreza o padre para realização dos sacramentos, como o batismo¹⁶⁰, por exemplo, confirmando as colocações de Rubem C. Fernandes sobre as aproximações entre o catolicismo sacramental e o popular.

¹⁵⁸ FERNANDES, 1982, p. 138.

¹⁵⁹ Célia S. Jachemet denomina de “brasileiros” os descendentes de portugueses e açorianos em Glorinha/RS, pois esta é uma expressão do senso comum neste município, contrapondo aos afro e teuto-brasileiros.

¹⁶⁰ JACHEMET, Célia Silva. **Açorianos, alemães e negros: assimilação e organização social numa comunidade mista (Glorinha: 1880 a 1960)**, cadernos Glorinhenses I, Gravataí, 2006. p. 49.

Também ligado aos rituais do catolicismo popular está o trabalho das parteiras, envolvendo benzeduras, rezas, novenas, ladainha de Nossa Senhora. Entre Gravataí/RS e Glorinha/RS destaca-se o trabalho da parteira Maria Canoa ou Canova (Maria Madalena Andreotti Minuzzo) que “tinha o hábito de rezar constantemente em todas as circunstâncias”, as quais “marcaram muito a sua vida”. Havia rituais no pré-parto, durante o parto e pós-parto e também em relação ao recém-nascido¹⁶¹.

Outras parteiras muito conhecidas em Glorinha/RS eram a Maria de Souza Lima e a sua filha Cecília Correa de Lima, respectivamente minha trisa e bisavó que também recorriam às práticas do catolicismo popular.

Referindo-se ao catolicismo popular e suas manifestações em Glorinha/RS, a pesquisadora Célia S. Jachemet entrevista uma senhora que diz ser isto um “sinal de ignorância religiosa” entre os seus praticantes e a pesquisadora defende-lhes colocando que “o imaginário constitui-se um tempero da fé, uma forma de explicar o sobrenatural e os mistérios da vida”¹⁶², explicando que “não havia nenhuma maldade em acreditar no imaginário, no ouvi dizer, nas histórias contadas por antepassados, pois assim era a vida e a visão do povo simples”¹⁶³.

Rubem C. Fernandes diz que para melhor entendermos o catolicismo romano, tanto o erudito quanto o popular, temos que adentrar na Idade Média e também estudar o latim¹⁶⁴.

2.2.2 Traços do Protestantismo

Segundo Martin N. Dreher é complexo falar em protestantismo devido as suas características oriundas de diversos contextos e lugares da Europa, sendo assim “o protestantismo apresenta uma realidade religiosa, social, política e cultural muito diversificada e que diversificadas são também suas formas”¹⁶⁵.

¹⁶¹ FONSECA, 2005, p. 34-47.

¹⁶² JACHEMET, 2006, p. 48.

¹⁶³ JACHEMET, 2006, p. 47.

¹⁶⁴ FERNANDES, 1982, p. 139.

¹⁶⁵ DREHER, 2002, p. 116.

Sendo assim, estes discursos religiosos são os lugares “em que se pode observar essa relação entre língua e ideologia, compreendendo-se como a língua produz sentidos por/para os sujeitos”¹⁶⁶.

Mas apesar de existir muitas denominações dentro do protestantismo, também há uma unidade protestante em torno do Evangelho, o que também tem gerado uma “violenta discussão teológica pela descoberta da verdade” (evangélica) que “leva à divisão da união”¹⁶⁷.

Para tanto, o senso comum entre os protestantes seria a salvação de graça mediante a fé no sacrifício vicário de Jesus Cristo, a Bíblia como única norma de fé e doutrina e o sacerdócio geral de todos os fiéis.

Neste contexto, existe uma relação entre os conceitos “protestante” e “evangélico” e, conforme o Dr. Martin N. Dreher há duas explicações para isso: uma da “vertente alemã” e outra da “vertente inglesa”.

A “vertente alemã” conceituou “evangélico” como “doutrina concorde com o evangelho” e não como “um partido religioso”¹⁶⁸. Somente mais tarde “o mero uso do conceito ‘evangélico’ passou a designar [...] uma nova confissão ou denominação [...], a Igreja Unida”¹⁶⁹ por circunstâncias políticas na Alemanha. Deste modo, os protestantes e evangélicos passaram a ser equivalentes neste país, embora houvesse algumas divergências de ordem teológica.

A “vertente inglesa” entendeu o conceito “evangélico” como um partido religioso em oposição à Igreja da Inglaterra¹⁷⁰. No Brasil, “consagrou-se a designação ‘evangélico’ para os (cristãos) não-católicos”¹⁷¹.

¹⁶⁶ ORLANDI, 1999, p. 17.

¹⁶⁷ DREHER, 2002, p. 117.

¹⁶⁸ DREHER, 2002, p. 117.

¹⁶⁹ DREHER, 2002, p. 118.

¹⁷⁰ DREHER, 2002, p. 117.

¹⁷¹ DREHER, 2002, p. 119.

A importância de mencionar essas vertentes do protestantismo neste trabalho, está no fato de que em Glorinha/RS elas vão se refletir no protestantismo local, onde os protestantes da imigração alemã vão se fazer presentes, bem como os protestantes de missão, estes vão trabalhar através das conversões e, entre eles, estão os não pentecostais e os pentecostais, enquanto que os protestantes descendentes de imigrantes alemães vão repassar a sua religião de pai para filho. Neste sentido, lembramos que, segundo Rubem César Fernandes os “alemães de Confissão Luterana deram ao país uma igreja que é capaz de articular a sua diferença étnica na cultura nacional”¹⁷², onde em Glorinha/RS ela é também chamada de “igreja dos alemães”.

Cabe também lembrar que a Igreja Evangélica de Confissão Luterana, a mesma igreja protestante de imigração alemã em Glorinha/RS, atualmente, procura trabalhar no contexto da diversidade cultural brasileira. Basta observar entidades ligadas direta ou indiretamente a ela, tais como o COMIN, IDENTIDADE!, PPL¹⁷³, etc.

No que diz respeito às igrejas evangélicas em Glorinha/RS, onde 10,81% da população se classifica como evangélica, sendo mais da metade pentecostais com 6,36% e os outros 4,45% distribuídos entre Confissão Luterana (IECLB), Adventistas (IASD) e outras evangélicas de missão¹⁷⁴, somente a IECLB (Confissão Luterana) é popularmente conhecida como a igreja protestante. Reportemo-nos também aqui, às colocações feitas pelo Dr. Martin N. Dreher, anteriormente citadas sobre as “vertentes” alemã e inglesa, influenciando no protestantismo de imigração e de missão em Glorinha/RS.

¹⁷² FERNANDES, 1982, p. 112.

¹⁷³ COMIN – Conselho de Missão entre Índios; IDENTIDADE! – Boletim do Grupo de Negros da EST/IECLB; PPL – Pastoral Popular Luterana. Todos ligados à Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB.

¹⁷⁴ CENSO, 2000, IBGE.

Segundo Carmen Cinira Machado, os diversos movimentos da “grande família protestante” também “são chamados de evangélicos”, frisando que existem diferenças entre eles, classificando-os de históricos os relacionados ao movimento da reforma de Lutero, Calvino (entre outros) e os “protestantes de conversão”, os quais são fiéis de movimentos organizados na história mais recente”¹⁷⁵, harmonizando-se com o que foi exposto por Martin N. Dreher.

Carmen C. Machado sustenta que de acordo “com as características da cultura brasileira” o protestantismo mostrou-se “por muito tempo incompatível” devido ao diferencial existente entre a “ética puritana” protestante e a “ambigüidade e ‘ética’ da malandragem, típica de nossos costumes”¹⁷⁶.

Neste aspecto, no município de Glorinha/RS, podemos incluir os episcopais anglicanos no começo da sua história neste local, onde foram os primeiros, segundo o senso comum, a serem chamados de “crentes” (de caráter puritano, isto é, enfatizado na moral e bons costumes conforme o senso comum em Glorinha/RS). Eram muitas vezes, tratados com deboches pela maioria. A Igreja Episcopal Anglicana foi a primeira igreja de missão em Glorinha/RS, constituindo-se numa das primeiras comunidades do Brasil, formada a partir da primeira geração de missionários desta igreja em Porto Alegre e Viamão, orientados pela Igreja Protestante Episcopal nos EUA, conforme relatos populares entre os episcopais anglicanos locais.

Ainda é comum entre os seus membros os casamentos entre familiares. Ultimamente, estão bem engajados na vida social de Glorinha/RS, porém mantendo os seus rituais herdados dos seus missionários, usando em seus cultos o Livro de Oração Comum, o qual é usado em toda a Comunhão Anglicana.

No âmbito da religião, os primeiros “diferentes” em Glorinha/RS seriam os imigrantes alemães e seus descendentes evangélicos protestantes em sua maioria e os episcopais anglicanos que eram luso-descendentes convertidos, sendo apelidados de “Machado”, sobrenome de um dos seus ancestrais e líderes.

¹⁷⁵ MACHADO, Carmen Cinira. **Imagem do Eterno**. Religiões no Brasil. São Paulo: Moderna, 1989. p. 54.

¹⁷⁶ MACHADO, 1989, p. 55.

Portanto, percebemos um “choque” cultural, onde o grupo do “eu” que é o “nosso” grupo, o da maioria, com seu *modus vivendi*, depara-se com o “outro”, o grupo do “diferente”, o da minoria. Nota-se aí, a questão da pertença com uma afirmação do sujeito e sua identidade¹⁷⁷, relacionado também ao aspecto religioso de onde vem a expressão por parte da maioria “igreja dos alemães” e “igreja dos machado”, referindo-se a essas comunidades religiosas.

Para tanto, a primeira e única igreja protestante de imigração em Glorinha/RS, é a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB e a primeira igreja do protestantismo de missão em Glorinha/RS, conforme já referimos, é a Episcopal Anglicana do Brasil – IEAB. Enquanto comunidades religiosas, ambas tem mais de cem anos no referido município. E, a partir dos anos 1950/1960 em diante começam a aparecer outras formas de protestantismo de missão não pentecostal e pentecostal em Glorinha/RS, os quais também serão brevemente analisados nesse trabalho.

2.2.2.1 Traços da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil - IECLB

O ano de 1824 é considerado pelos historiadores o ano em que chegaram os primeiros imigrantes alemães ao RS e com muitos deles também veio a fé evangélica-luterana, sendo que o ramo maior seria mais tarde a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB¹⁷⁸. E, filiada a esta denominação religiosa no município de Glorinha/RS está a comunidade evangélica de Rincão de São João fundada por descendentes e alguns imigrantes alemães.

¹⁷⁷ ROCHA, Everardo P. Guimarães. **O que é etnocentrismo**. São Paulo: Brasiliense, 2004. p. 8-9.

¹⁷⁸ Desde o início da colonização teuto-evangélica as comunidades formavam Igrejas Livres. Uma pequena minoria permaneceu assim e as duas maiores partes se constituíram na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB e a outra a Igreja Evangélica Luterana do Brasil – IELB.

A IECLB está vinculada aos princípios da Reforma, onde “o fiel precisa ser guiado na fé pela igreja para viver a vida de acordo com a vontade de Deus”. Esta igreja enfatiza a educação, a qual é uma característica importante do luteranismo, basta observar a Rede Sinodal de Educação. Para tanto, verifica-se na IECLB as características reformistas ou protestantes já colocadas, as quais são: “salvação por graça somente pela fé, sacerdócio geral e centralidade da Bíblia”. Posteriormente, a partir da Segunda Guerra Mundial, sendo o uso da Língua Alemã proibida, os luteranos criam a Faculdade de Teologia no Brasil, a futura Escola Superior de Teologia, na cidade de São Leopoldo, aproximando-se mais intensamente do meio brasileiro e formando “em 1968, a Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil” e também “aproximando-se dos ares da Teologia da Libertação e do Evangelho social, mais tarde consubstanciado no apelo à Diaconia”¹⁷⁹.

O luteranismo (IECLB) sofre influências significativas do movimento pietista que enfatizava a devoção disciplinada inspirada na mística medieval, centrada na vida religiosa e na Bíblia, desapego da teologia e da doutrina correta, mas calcada na experiência do indivíduo com Deus, não levando muito em conta a igreja e as autoridades eclesiásticas, embora para o pietismo a igreja tenha o seu espaço¹⁸⁰.

A necessidade de fazer este breve comentário do pietismo influenciando no luteranismo (IECLB), consiste num dos “tipos” ou “recortes” desta igreja, que vão, por sua vez, influenciar no denominado “Movimento Encontro” o qual mantém relações esporádicas com a Paróquia Evangélica de Gravataí/RS, onde a Comunidade de Rincão São João em Glorinha/RS faz parte. A IECLB em Glorinha/RS constitui 2,5% da população¹⁸¹.

¹⁷⁹ SCHULTZ, 2002, p. 87.

¹⁸⁰ SCHULTZ, 2002, p. 87.

¹⁸¹ CENSO, 2000, IBGE.

Neste sentido, podemos observar dentro de uma mesma paróquia da IECLB, no caso a de Gravataí/RS duas comunidades distintas: a de Gravataí com tons evangélicos, ainda que fiel à IECLB, porém afinada com muitos dos princípios pietistas¹⁸² e a comunidade de Glorinha/RS mantendo princípios tradicionais do luteranismo de imigração, embora o culto não seja celebrado de forma tradicional mas com liturgia informal aproximando-se do sistema evangélico dando ênfase à comunhão com Deus através da oração e leitura da Bíblia e o relacionamento ético entre as pessoas, sendo que a simbologia principal da IECLB permanece como a cruz, o púlpito, as velas, o uso do talar pelo pastor e o símbolo da IECLB como distintivo na frente da igreja. Para tanto, “diremos que não se trata de informação apenas, pois, no funcionamento da linguagem, que põe em relação sujeitos e sentidos afetado [...] temos um complexo processo de constituição desses sujeitos e produção de sentidos e não meramente transmissão de informação”¹⁸³.

Enfim, cabe mencionar que estas duas comunidades da referida Paróquia são formadas por fiéis descendentes de imigrantes alemães em sua maioria, os quais são integrantes da IECLB que está aberta à pluralidade cultural brasileira.

Sendo assim, ao analisarmos a história da IECLB, vemos uma denominação religiosa composta por fiéis imigrantes ou seus descendentes em conflitos com indígenas¹⁸⁴, escravizando negros¹⁸⁵ e atualmente repensando sua atuação frente ao pluralismo vigente no Brasil, buscando aproximações, acolhendo a diversidade desde o sistema tradicional-imigrante e com os cultos ao estilo evangélico, ainda que mantendo os símbolos da IECLB em Glorinha/RS até as formas mais exóticas, conforme é o caso da Comunidade de Confissão Luterana em Belém do Pará, por exemplo.

¹⁸² Anteriormente chegou a ter uma ala carismática, a qual se desvinculou da IECLB.

¹⁸³ ORLANDI, 1999, p. 21.

¹⁸⁴ WIRTH, Lauri Emílio. Memória de Conflitos: Imigrantes e Povos Indígenas em Santa Catarina. In: KOCH, Ingelore Starke. **Brasil: outros 500**. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo: Sinodal, COMIN, IEPG, 1999, p. 25-40.

¹⁸⁵ RIETH, Ricardo Willy. Evangélicos de “Alma Branca”: os negros e o protestantismo no Brasil. In: KOCH, 1999, p. 188.

2.2.2.2 Traços da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil

Primeiramente, seria interessante conhecermos alguns aspectos que caracterizam o nome desta denominação religiosa. O nome episcopal está vinculado ao Episcopado Histórico, vindo da chamada Tradição Apostólica, onde os apóstolos teriam deixado seus sucessores por meio de rituais específicos, segundo a sua tradição¹⁸⁶, o qual é “adaptado localmente nos métodos de sua administração às diversas necessidades das nações e povos chamados por Deus à unidade de sua Igreja”¹⁸⁷. Mas também pela desvinculação da Igreja Anglicana dos EUA em relação à Inglaterra, constituindo-se na Igreja Protestante Episcopal dos EUA¹⁸⁸ na época da sua independência. Atualmente faz parte da Comunhão Anglicana¹⁸⁹.

A denominação Anglicana vem do cristianismo antigo das Ilhas Britânicas. “Era um Cristianismo diferente do Cristianismo Romano”, o qual se desenvolveu na então “Igreja Celta”. Com a chegada dos anglo-saxões essa “igreja” foi perseguida e a Igreja Romana procurou convertê-los. A chegada da Igreja Romana provocou conflitos com a Igreja Celta nativa, sendo que mais tarde os ingleses aprenderam a conviver com as diferenças. A partir de Henrique VIII houve o rompimento com Roma, consolidando-se com a rainha Isabel I¹⁹⁰.

¹⁸⁶ SECRETARIA GERAL DA IGREJA EPISCOPAL DO BRASIL (ANGLICANA). **Igreja Episcopal do Brasil – Província da Comunhão Anglicana**. 3.ed. Porto Alegre: 1986. p. 16.

¹⁸⁷ DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA IEAB. **Conheça a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)**. 2.ed. Porto Alegre: 1999. p. 6.

¹⁸⁸ DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA IEAB, 1999. p. 5.

¹⁸⁹ SECRETARIA GERAL DA IGREJA EPISCOPAL DO BRASIL (ANGLICANA), 1986, p. 6.

¹⁹⁰ DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA IEAB, 1999. p. 4-5.

Como anglicanos, essa denominação chegou ao Brasil “em 1810 como capelania para os ingleses aqui residentes”¹⁹¹, mas como missão, chegou via Igreja Episcopal dos EUA em 1890 em Porto Alegre/RS. Uma das primeiras comunidades do Vale do Gravataí foi Viamão, em 1895 e entre os seus primeiros missionários, estava Américo Vespúcio Cabral, o “João Crisóstomo Brasileiro”, carinhosamente chamado entre os seus¹⁹², sendo ainda lembrado, quando se trata dos começos desta denominação em Glorinha/RS por parte dos seus fiéis, o que se pode deduzir que a congregação episcopal anglicana em Glorinha, também denominada “Missão do Natal”, na localidade de Rincão São João, tenha surgido nessa época, por volta de 1895. Outra evidência forte neste sentido, é o fato desta igreja, enquanto comunidade, existir há mais de cem anos, segundo relatos populares neste município.

Os episcopais anglicanos em geral, explicam que são denominados dessa forma não porque são ingleses ou seguem seus costumes, “mas porque, como igreja”, vivem “o Ethos” anglicano, buscando a via média, uma síntese [...], ser protestantes e ao mesmo tempo católicos [...]. Decidimos através de concílios e não pela decisão de um só homem. Mantemos unidade no essencial e liberdade naquilo que não é fundamental”¹⁹³, o que a torna uma igreja ecumênica, participando de várias entidades em nível internacional e nacional¹⁹⁴. Para tanto, na perspectiva discursiva a Igreja Episcopal Anglicana articula o ser católico e o ser evangélico/protestante porque neste aspecto a sua linguagem faz sentido porque se inscreveu na história¹⁹⁵.

¹⁹¹ SECRETARIA GERAL DA IGREJA EPISCOPAL DO BRASIL (ANGLICANA), 1986. p. 4.

¹⁹² DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA IEAB, 1999. p. 7-8.

¹⁹³ SECRETARIA GERAL DA IGREJA EPISCOPAL DO BRASIL (ANGLICANA), 1986, p. 19.

¹⁹⁴ DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA IEAB, 1999, p. 9.

¹⁹⁵ ORLANDI, 1999, p. 25.

A Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB) é uma igreja aberta que comporta vários seguimentos internos como o católico e o evangelical¹⁹⁶. Também é uma igreja voltada para a pluralidade cultural brasileira, destacando o seu trabalho junto aos indígenas através do GTME (Grupo de Trabalho Missionário Evangélico) e também através da PIÁ (Pastoral Indígena Anglicana), “que em suas diretrizes assume um trabalho de solidariedade e convivência, reconhecendo como áreas prioritárias de atuação a terra, a saúde, a educação e a autonomia”¹⁹⁷.

Em Glorinha/RS, a Episcopal Anglicana (IEAB) mantém contatos com a Confissão Luterana (IECLB) e com a Adventista (IASD), através do culto do Dia Mundial de Oração, confirmando sua postura de diálogo entre as confissões religiosas.

2.2.2.3 Traços das Igrejas Pentecostais

O pentecostalismo surge como fenômeno histórico-religioso num contexto pluri-étnico, também marcado pela pobreza e pela expansão industrial. Esse movimento começou na cidade de Los Angeles, EUA, com um pastor negro, numa comunidade da Igreja dos Nazarenos. O pastor chamava-se Willian J. Seymour, ex-escravo, que se tornou garçom e, em seguida um destacado pastor. A partir da pregação do pastor, baseado em Atos 2:4, o mesmo disse “que Deus tinha uma terceira bênção, além da conversão e santificação – e essa bênção era o batismo do Espírito Santo”¹⁹⁸. Neste aspecto, observamos um “gesto de interpretação que realiza [...] a relação do sujeito com a história” bíblica. O sentido é [...] uma relação determinada do sujeito afetada pela língua – com (esta) história¹⁹⁹ (do pentecostes).

A maioria da membresia era composta por negros que pela nova maneira de conceber a Igreja Evangélica criaram a primeira placa pentecostal, uma missão chamada “A fé apostólica”. Seymour difundiu a nova doutrina com base em seus estudos teológicos, no qual afirmava-se que já haviam “vários registros de glossolalia”²⁰⁰.

¹⁹⁶ DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA IEAB, 1999, p. 15.

¹⁹⁷ MARKUS, Cledes. **Os protestantes e os povos indígenas** – Uma experiência atual. O retrato da experiência no Vale do Itajaí, em Santa Catarina. In: KOCH, 1999, p. 11.

¹⁹⁸ SCHULTZ, 2006. p. 99.

¹⁹⁹ ORLANDI, 1999. p. 47.

²⁰⁰ SCHULTZ, 2006. p. 99.

No Brasil, Dinaura Barcelos e Carlos Fernandes sustentam que,

[...] se é verdade que os evangélicos estão tendo um crescimento admirável no Brasil – há quem diga que eles cheguem a 35 milhões de indivíduos, essa realidade se deve, em grande parte, ao ostensivo trabalho de evangelismo praticado, sobretudo, pelas denominações pentecostais²⁰¹.

Os pentecostais chegaram no Brasil no dia 19 de novembro de 1910 em Belém do Pará e não sendo bem aceitos pelas denominações evangélicas locais criaram em 18 de junho de 1911, a Missão de Fé Apostólica, a futura Assembléia de Deus²⁰².

Segundo José Ivo Follmann, os estados brasileiros onde a fé evangélica mais se destaca, são Rondônia, Espírito Santo, Roraima, Rio de Janeiro e Goiás²⁰³, confirmando as colocações dos pentecostais Dinaura Barcelos e Carlos Fernandes, acima mencionados no jornal *Mensageiro da Paz* (um jornal pentecostal), numa região originariamente católica romana.

No município de Glorinha/RS, os pentecostais contemplam 6,36% da população, assim distribuídos: Evangélica Assembléia de Deus 4,73%; outras evangélicas de origens pentecostais 0,63%; Igreja Universal – IURD 0,52% e Igreja Congregacional Cristã 0,47%²⁰⁴.

Não constam em Glorinha/RS os locais de cultos referentes a Igreja Universal – IURD que é neopentecostal²⁰⁵ e nem à Igreja Congregacional Cristã. É possível que seus membros freqüentem em Gravataí ou Santo Antônio da Patrulha, que são cidades próximas.

²⁰¹ BARCELOS, Dinaura; FERNANDES, Carlos. Pentecostalismo da Rua Azuza ao Brasil, 90 anos de caminhada sob o fogo. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, jun. 1996, Destaque do Mês, p. 4.

²⁰² BARCELOS, Dinaura; FERNANDES, Carlos. Assembléia de Deus: 85 anos de pentecostalismo. **Mensageiro da Paz**, Rio de Janeiro, jun. 1996, Destaque do Mês, p. 5.

²⁰³ FOLLMANN, José Ivo. O Mundo das Religiões: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. In: SCARLATELLI, Cleide C. da Silva; STRECK, Danilo R; FOLLMANN, José Ivo (org.). **Religião, cultura e educação**. São Leopoldo: Unisinos, 2006. p. 19.

²⁰⁴ CENSO, 2000, IBGE.

²⁰⁵ Sobre as características neopentecostais, confira a tese do doutorado de Adilson Schultz intitulada “*Deus está Presente – O Diabo está no Meio. O protestantismo e as estruturas teológicas do imaginário religioso brasileiro*”, p. 111.

Conforme Célia Silva Jachemet, foi a partir dos anos 1960 que os pentecostais chegaram no município de Glorinha/RS²⁰⁶. Este ano (2007), participaram junto a outras igrejas evangélicas do culto comemorativo do aniversário do município, o primeiro em Glorinha/RS.

2.2.2.4 Traços da Igreja Adventista do Sétimo Dia

Quanto à tipologia, esta denominação cristã sofre controvérsias por parte dos estudiosos das Ciências da Religião. Há os que defendem uma aparente aproximação paulatina do protestantismo por parte dos Adventistas do Sétimo Dia²⁰⁷. Também existem aqueles que a classificam como seita²⁰⁸. Esta palavra em si não diz nada de pejorativo ou herético, mas significa partido. Uma vez que a tipologia que a coloca como seita é a mais difundida²⁰⁹, pode gerar preconceitos e discriminações ao invés de um estudo mais sério. Porém, há os que classificam a Igreja Adventista do Sétimo Dia como protestantismo histórico²¹⁰.

²⁰⁶ JACHEMET, 2006, p. 49.

²⁰⁷ SCHULTZ, 2005, p. 74-75.

²⁰⁸ SCHULTZ, 2005, p. 79-I.

²⁰⁹ SCHULTZ, 2005, p. 79-I.

²¹⁰ SCHULTZ, 2005, p. 79-II.

Segundo o pastor²¹¹ da Igreja Adventista (IASD) que pastoreia as comunidades dessa Igreja em Glorinha/RS e tem formação teológica no Centro Universitário Adventista de São Paulo – UNASP, a Igreja Adventista (IASD) é uma igreja evangélica/protestante que tem suas raízes nos movimentos dissidentes (evangélicos) anterior à Reforma Protestante, como os Valdenses, os Celtas Cristãos (das Ilhas Britânicas) e outros, bem como na Reforma Protestante, valorizando o trabalho dos reformadores Martinho Lutero, Calvino, Zuínglio, João Wesley e outros e que tomou forma nos movimentos de reavivamentos no final do século XVIII, consolidando-se no século XIX nos EUA, daí o seu nome adventista, onde aguardam desde essa época o segundo advento de Jesus Cristo. Também expressou que o diferencial da Igreja Adventista (IASD) em relação às outras evangélicas/protestantes está na guarda do sábado do sétimo dia da semana (Lc 4:16) diferenciando-o dos sábados cerimoniais (feriados e rituais– Lv 23:4-44 e Col. 2:16); e da mortalidade dos seres humanos (não existe alma imortal) e, sendo assim, os mortos não têm consciência, esperando a ressurreição (Ezeq. 18:4, João 11:37-44, I Tim. 6:15-16) e a ênfase na saúde via alimentação, na educação e no social (João 10:10). Colocou também que o povo de Deus vai para além das fronteiras denominacionais, pois Deus procura os que O adoram em “Espírito e Verdade” (João 4:23) e que o conhecimento revelado de Deus na Bíblia traz responsabilidades aos seres humanos e que um dia isso será cobrado (Rm. 2:12-13, Tg. 1:22). Não praticam um ecumenismo aberto, exceção feita às igrejas evangélicas por uma questão de aproximação identitária. Neste sentido, podemos dizer que “a ideologia não é ocultação mas função da relação necessária [...] do efeito imaginário de um [o adventista] sobre o outro²¹² [outros evangélicos].

No município de Glorinha/RS o Adventismo (IASD) teve início em 1957, na localidade de Maracanã, através do trabalho de Astrogildo Rosa entre os familiares de Lídio Schmidt e Alcindo Schmidt (1970) formando uma comunidade local²¹³.

²¹¹ Consultei o pastor adventista (IASD) que pastoreia localmente para escutá-lo sobre o que pensam da sua identidade religiosa diante da controvérsia acerca da mesma. O referido pastor para afirmar algumas características da sua Igreja utilizou a Bíblia Sagrada.

²¹² ORLANDI, 1999, p. 47.

²¹³ ROSA, Manoel. **Pioneiros do Sul**. Revivendo Histórias de Amor e Fé. Taquara: Metta Conference do Brasil, 2004, p. 135.

A IASD constitui 1,23% da população glorinhense²¹⁴ e mantém contatos com a Confissão Luterana (IECLB) e a Episcopal Anglicana (IEAB) há aproximadamente catorze anos (2007) através do culto do Dia Mundial de Oração e também em 2007 por ocasião do culto do aniversário do município de Glorinha/RS, onde as outras evangélicas estavam presentes.

2.2.3 Traços das Religiões de Possessão

Neste estudo trataremos das denominações de possessões que, embora sejam

diferentes, constituem um circuito de manifestações religiosas que tendem a ser vistas como aproximadas. É a Umbanda, o Candomblé [Nação ou Batuque no RS] e o Espiritismo. Trata-se na realidade, de perspectivas religiosas específicas resultantes de todo um processo histórico²¹⁵,

diferente um do outro, isto é, sabemos pela história que o Candomblé, a Nação (Batuque), por exemplo, estão diretamente relacionados à origem africana e escrava. A Umbanda nasceu no Brasil e é resultante de um sincretismo religioso entre crenças africanas, católicas, espíritas kardecistas, crenças indígenas, elementos da bruxaria européia e superstições universais²¹⁶. E “ao contrário das religiões de origem afro, o [Espiritismo] Kardecismo tem uma marca *branca-européia* – e talvez por isso seja pouco menos estigmatizado”²¹⁷. Mas que, apesar das variações entre Espiritismo e as afro-brasileiras existe um fundo comum: “há um contato possível com o ‘outro mundo’, revelador de uma esfera de existência acima de nosso mundo objetivo e conhecido ‘onde’ vozes, fantasmas, visões, fenômenos inexplicáveis são modos de falar da presença deste ‘outro mundo’”²¹⁸. Muitos frequentadores dessas religiões não tem vínculos denominacionais com as mesmas, isto nos é confirmado por Adilson Schultz quando diz que “o Candomblé, a Umbanda e o Espiritismo têm papel importante da composição do imaginário religioso brasileiro”, onde “terreiros e casas de oração movimentam milhões de pessoas, inclusive muitas católicas [e outras denominações] e mesmo aquelas que não estão organicamente vinculadas a uma dessas religiões”²¹⁹.

²¹⁴ CENSO, 2000, IBGE.

²¹⁵ MACHADO, 1989, p. 42.

²¹⁶ WILGES, 1987, p. 134.

²¹⁷ MACHADO, 1989, p. 51.

²¹⁸ MACHADO, 1989, p. 42.

²¹⁹ SCHULTZ, 2005, p. 317.

O Candomblé (Nação/Batuque), a Umbanda e o Espiritismo sofreram perseguições ao longo de sua história devido as suas diferenças teológicas e filosóficas²²⁰, as quais entram em conflito com denominações tradicionais, sendo que atualmente nas igrejas de caráter macro-ecumênico o Espiritismo e as religiões afro-brasileiras poderão ter acesso. Essas perseguições também podem estar ligadas aos fatores sociais e econômicos, onde os de classe social menos favorecidos ou populares, muitos deles descendentes de escravos e índios²²¹, se sentiriam mais à vontade, sem o formalismo das religiões ocidentais. Exceção a isto, seria o Espiritismo²²², mas que também não tem a formalidade das religiões ocidentais.

Para tanto, lembramos um aspecto expresso por Faustino Teixeira que diz respeito á liberdade religiosa, a qual pode ser entendida de diversas formas, entre elas, a afirmação de suas convicções²²³, como também a liberdade de opção ou não por outro credo e ainda neste aspecto, também lembramos que na relação maioria/minoria, igual/diferente, deve prevalecer o respeito, a despeito das divergências religiosas.

No município de Glorinha/RS, os espíritas são 0,38% e os umbandistas 0,36% da população²²⁴, totalizando 0,74% da população glorinhense. Não consta explicitamente nenhum local de culto espírita ou umbanda (dois destes registrado) neste município. Sabe-se, sim, das existências discretas desses locais de culto em casa particulares. Sendo assim, “resta dizer que há relações de múltiplas e diferentes naturezas entre diferentes discursos”²²⁵.

Para tanto, cabe questionar: sentem-se discriminados? São discretos? Ou outra situação desconhecida?

²²⁰ MACHADO, 1989, p. 53.

²²¹ MACHADO, 1989, p. 43.

²²² MACHADO, 1989, p. 51.

²²³ TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELLI et.al. 2006, p. 35.

²²⁴ CENSO, 2000, IBGE.

²²⁵ ORLANDI, 1999, p. 88.

2.2.4 Traços dos “sem religião”, dos “não determinados” e de “outras religiosidades”

A religiosidade no plano pessoal está em alta, pois este mundo que foi “construído” e que se “reconstrói” ainda vive essa “reconstrução”²²⁶, isto é, tudo é dinâmico, também a religiosidade. Segundo José Ivo Follmann, as religiões são adaptáveis à vida moderna. Neste sentido, há religiões ao estilo da cultura e, por isso, se expandem com rapidez. Para tanto, segundo este autor, o fenômeno neo-pentecostal, além de se encaixar na cultura de mercado, encaixa-se também na “religiosidade de arranjo pessoal”, bem como a religiosidade difusa e sincrética²²⁷. Para tanto, há uma sobreposição dos discursos religiosos [...] em que o sujeito se significa [...] de distintas maneiras, em diferentes modos [...]”²²⁸.

A “religiosidade de arranjo pessoal”, “difusa” ou “sincrética” é aquela caracterizada pelo arranjo criado pelo indivíduo a partir da sua experiência pela passagem ou migração de uma religião para outra. Sendo assim, isto pode estar relacionado ao aumento do número de evangélicos e por um “vertiginoso aumento do número daqueles que se identificam como sem-religião”. Além disso, são também acrescentados aqueles que se identificam com outras religiões²²⁹.

Conforme José Ivo Follmann, o Brasil se divide em cinco cenários religiosos, de acordo com os grupos religiosos de maior número e “o cenário do Brasil *sem-religião*, onde os Estados do Rio de Janeiro, de Rondônia, de Pernambuco, da Bahia e do Espírito Santo são os maiores impulsionadores” fica saliente a coincidência entre estes Estados notoriamente evangélicos, como é o caso do Rio de Janeiro, Rondônia e Espírito Santo, estarem também figurando entre os *sem-religião*²³⁰.

²²⁶ FOLLMANN, 2006, p. 12.

²²⁷ FOLLMANN, 2006, p. 13.

²²⁸ ORLANDI, 1999, p. 89.

²²⁹ FOLLMANN, 2006, p. 15.

²³⁰ FOLLMANN, 2006, p. 19.

Entre aquelas pessoas que se dizem *sem-religião*, a maioria vive uma religiosidade de “caráter pessoal”. E, é notável uma aproximação entre os de religião de *arranjo pessoal* e o fenômeno neo-pentecostal, liderados por “carismáticos ou agentes bem treinados”²³¹, sendo que a média mundial dos *sem-religião* é de 15% e no Brasil a média está longe disto, isto é, a maioria dos brasileiros se dizem cristãos, mas o número dos “sem-religião” está crescendo no Brasil, e o Estado do Rio de Janeiro lidera com essa média igual à mundial²³². Mas, também lembramos que “o Brasil tem uma vocação histórica à diversidade e ao convívio com o diferente”²³³.

No município de Glorinha/RS, as “outras formas de religiosidade” e as “não determinadas”, constituem-se 1,03%, os “sem religião” 1,61% e os “sem declaração religiosa” 0,05%, onde 10,81% da população se diz evangélica, 84,76% se diz católica romana, 0,38% espíritas e 0,36% umbandistas, conforme o Censo-2000-IBGE²³⁴.

Com qual destas as outras “formas de religiosidade”, os “não determinados” e os “sem-religião” se aproximam ou deixariam de se aproximar neste município: dos católicos, dos evangélicos, dos espíritas, dos umbandistas?

2.2.5 Traços das Religiões Orientais

A princípio, seria importante salientar que no município de Glorinha/RS, o CENSO-2000-IBGE nos informa da existência de “outras religiões orientais” neste município, onde 0,14% da população se classificam como tal²³⁵, portanto, não especificando a crença propriamente dita.

No Rio Grande do Sul, podemos destacar entre as religiões orientais mais conhecidas o Budismo, classificado entre as religiões sapienciais²³⁶ e a Seicho-no-iê, classificada como uma atitude filosófica²³⁷.

²³¹ FOLLMANN, 2006, p. 26.

²³² FOLLMANN, 2006, p. 26.

²³³ FOLLMANN, 2006, p. 27.

²³⁴ CENSO, 2000, IBGE.

²³⁵ CENSO, 2000, IBGE.

²³⁶ WILGES, 1987, p. 20.

²³⁷ WILGES, 1987, p. 160.

As denominadas religiões orientais parecem ter origem na Índia com o Hinduísmo, ambiente onde nasceu o Budismo²³⁸ e desta nas outras partes do Extremo Oriente nasceram outras ramificações do mesmo, influenciando a Seicho-no-iê. Esta sofre influência também do Hinduísmo²³⁹. Outra crença oriental bastante difundida é a Yoga, uma mistura de técnica e filosofia²⁴⁰.

Dom Irineu Wilges sustenta que o dogma comum que perpassa essas crenças orientais acima descritas é a reencarnação, expressa nestas palavras: “Assim como o Budismo e o Hinduísmo também a Seicho-no-iê [e a Yoga]²⁴¹ aceitam e ensinam a reencarnação, o que é contra a fé dos cristãos que crêem que o homem morre uma só vez e depois é o Juízo (hebreus 9:27)”²⁴². Neste sentido, “a ideologia se liga inextricavelmente à interpretação enquanto fato fundamental que atesta a relação da história com a língua, na medida em que esta significa”²⁴³ o que pode explicar os diferentes olhares orientais e cristãos sobre a concepção da morte.

Segundo Evaldo Luis Pauly, “a doutrina da reencarnação olha para a morte como uma amiga” em contraposição à vida, colocando também que este dogma é determinista: se o sujeito é bom, deve melhorar na próxima vida; se vai mal, é porque está pagando, se purificando para reencarnação seguinte. E diz que a reencarnação “é uma ilusão excelente para s donos de sociedades injustas, divididas em castas com quase ou nenhuma possibilidade de ascensão social”²⁴⁴.

²³⁸ WILGES, 1987, p. 25.

²³⁹ WILGES, 1987, p. 161.

²⁴⁰ WILGES, 1987, p. 162.

²⁴¹ WILGES, 1987, p. 166

²⁴² WILGES, 1987, p. 161.

²⁴³ ORLANDI, 1999, p. 96.

²⁴⁴ PAULY, Evaldo Luis. Fé?! Qual é?! O jovem e a fé cristã. **Coleção Sintonia Jovem**, São Leopoldo, Sinodal, 1998, p. 60.

A respeito desse dogma característico dessas crenças orientais mencionadas, onde o sujeito vive “pagando” e morre “devendo” a Deus ou a si mesmo para pagar na próxima reencarnação, o que não se garante nada, exceção feita pela sua fé nos méritos próprios e nas suas concepções, e a ressurreição, onde Jesus Cristo já pagou pelas pessoas (bastando aceitá-lo como salvador e Senhor) e, portanto, não devendo nada a Deus, algo que também é garantido somente pela fé²⁴⁵, a teologia da ressurreição deve possibilitar uma educação para a autonomia e solidariedade: se o sujeito não deve nada a Deus e vive uma só vez, deve viver bem com dignidade e responsabilidade, voltado para promoção humana.

Apesar das diferenças doutrinárias/teológicas entre as crenças orientais e o cristianismo, existem aspectos éticos que também perpassam todas as religiões do oriente ao ocidente. Para exemplificar, entre os grandes mandamentos da humanidade está o “não roubar” e “quanta coisa deveria mudar ou mudaria se somente [esse mandamento] entrasse na consciência geral das pessoas e fosse aplicado face ao grande mal da corrupção que tem atingido até mesmo os países mais sérios”²⁴⁶? Também o respeito e a liberdade de culto é requerido por todas as pessoas de todas as religiões.

O próximo capítulo abordará a análise da pesquisa de campo realizado com os fiéis das denominações encontradas em Glorinha/RS, o qual pode ter relações ou não com os mecanismos discursivos fundantes das histórias de Glorinha/RS e das denominações religiosas presentes neste município.

²⁴⁵ Para a concepção de fé cristã, conferir Hebreus 11:1.

²⁴⁶ KÜNG, 1993, p. 86.

3 ANÁLISE DA PESQUISA DE CAMPO REALIZADA COM OS FIÉIS DAS DENOMINAÇÕES RELIGIOSAS LOCALIZADAS NO CENTRO DE GLORINHA/RS

Primeiramente, procuramos dispor as denominações em ordem alfabética, sendo que, para as denominações pentecostais, fizemos uma análise única devido às aproximações discursivas entre elas, embora mencionamos as respostas dos fiéis entrevistados de cada uma dessas denominações. Também não pretendemos nos delongar nos discursos teológicos.

A partir das conversas antes e depois das entrevistas com os fiéis, procurei abstrair o que era discursivamente relevante ou saliente naquela denominação religiosa naquele momento em Glorinha/RS, sem qualquer intenção valorativa, como já frisamos.

Para tanto, “o dispositivo teórico, que objetiva mediar o movimento entre descrição e a interpretação, sustenta-se em princípios gerais da Análise do Discurso enquanto uma forma de conhecimento [...] na construção dos diferentes dispositivos analíticos”²⁴⁷.

Segundo Eni P. Orlandi, aí está a “riqueza da Análise do Discurso ao permitir explorar de muitas maneiras essa relação trabalhada com o simbólico, sem apagar as diferenças, significando-as teoricamente no jogo que se estabelece na distinção entre o dispositivo teórico da interpretação e os dispositivos analíticos que lhe correspondem”²⁴⁸.

²⁴⁷ ORLANDI, 1999, p. 28.

²⁴⁸ ORLANDI, 1999, p. 28.

Neste capítulo também dispomos os locais de culto encontrados no município de Glorinha/RS durante esta pesquisa e expressamos os mesmos de forma numérica, embora demos destaque aos fiéis entrevistados das denominações situadas no centro de Glorinha/RS, utilizando o questionário da “Pesquisa de Opinião (fiéis)” cedido pelo GDIREC – Gestando o Diálogo Inter-religioso e o Ecumenismo, localizado na Diretoria de Ação Social e Filantropia – Ação Social na Área das Religiões, UNISINOS, valendo-se das três primeiras questões, sendo que o questionário na sua íntegra visa as expectativas do GDIREC, para o qual foram enviados os questionários respondidos.

3.1 PESQUISA DE OPINIÃO

3.1.1 Adventista do Sétimo Dia

Foram apresentados cinco questionários e respondidos três.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

Sobre o que pensam da Igreja Adventista do Sétimo Dia, um fiel coloca que a sua “religião tem conduzido à pessoa maravilhosa de Cristo”. Outro diz que é simplesmente “boa”. Um entrevistado coloca que a religião que ele segue “ou seja, o Evangelho, é tudo que eu procurava, pois a Bíblia e Jesus são o centro desta religião”. E acha “que as outras religiões se prendem em detalhes na sua vida cristã, ex.: não cortam cabelos, saias até o chão, e esquecem do conteúdo da Palavra de Deus”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Um fiel diz: “a causa é que cada igreja pega pontos da Bíblia e seguem esta doutrina e assim, vão adquirindo adeptos”. Outro coloca que “uns sai de um determinado grupo, acha algo que está errado, e quer consertar aquele ponto fazendo ou formando uma nova religião”. Outro diz que “falta a compreensão e discernimento da verdade contida na Bíblia Sagrada, que é a Palavra de Deus”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

“É uma religião com Deus, pois o pecado nos afastou Dele, e a religião nos leva a esse reencontro com Deus”, diz um entrevistado. Outro coloca que “é uma forma de adoração a Deus em espírito e verdade”. Outro fiel coloca que “é a união de seus membros com o propósito de seguir a Bíblia e seus ensinamentos”.

Diante destas questões respondidas, perguntamos pelo “mecanismo imaginário” produtor de “imagens dos sujeitos [membros], assim como do objeto do discurso [fala da Igreja Adventista – IASD], dentro de uma conjuntura sócio-histórica”²⁴⁹ glorinhense?

Para tanto, faremos uma breve análise de alguns aspectos do discurso fundante da Igreja Adventista do 7º Dia. Neste sentido,

[...] os adventistas (IASD) distinguem duas Igrejas: uma a ‘Universal’, composta de todos os que crêm em Jesus Cristo e outra, denominada ‘Remanescente’: são aqueles que nos últimos dias, foram chamados à parte a fim de guardar os mandamentos de Deus [Êxodo 20:1-17] e a fé de Jesus [Apocalipse 12:17 e 14:12]. Este remanescente anuncia a chegada da hora do juízo, proclama a salvação por meio de Cristo e prediz a aproximação do seu segundo advento. São os adventistas²⁵⁰.

Outras características desta denominação são o Espírito de Profecia (em sentido escatológico-Apocalipse 19:10 e Apocalipse 12:17), a observância do sábado para todas as pessoas (judeus e não judeus), pois foi instituído na criação (Gênesis 2:1-3), “em harmonia com o ensino de Jesus, o Senhor do sábado [Lucas 4:16 e Mateus 12:8]”. Também é característica desta Igreja o cuidado com a saúde e “com o meio ambiente, pois o homem recebeu a criação como ‘mordomia’: deve cuidar dela”.

“A segunda vinda de Cristo é a bendita esperança da Igreja. A [segunda] vinda do Salvador será literal, pessoal, visível e universal. Até aquele dia, a morte é um estado inconsciente para todas as pessoas [Eclesiastes 9:5-10]”. Acreditam na ressurreição do corpo glorificado (I Tessalonicenses 4:13-18)²⁵¹.

²⁴⁹ ORLANDI, 1999, p. 40.

²⁵⁰ HEERDT, Mauri Luiz; BESEN, José Artulino; COPPI, Paulo de. **O Universo Religioso**. As grandes religiões e tendências religiosas atuais. São Paulo: Mundo e Missão, 2005. p. 150.

²⁵¹ HEERDT et.al, 2005, p. 150-151.

“Antes da segunda vinda virão falsos pregadores e falsos cristos (I Timóteo 4:1-2)”²⁵².

Também condenam a adivinhação e o consultar os mortos por que, segundo o adventismo, a Bíblia condena tais práticas (Deut.18:9-14 e II Cor. 11:14).

Conforme foi descrito no capítulo anterior e conforme o pastor em Glorinha/RS relatou, a Igreja Adventista é uma igreja evangélica/protestante, com os seus diferenciais que a fazem com que a Igreja Adventista (IASD) tenha um estilo próprio. Sendo assim, poderíamos dizer que a Igreja Adventista (IASD) possui “credos sucintos em que estão presentes os pontos principais da tradição protestante”. E “são facilmente assimiláveis pelos fiéis”²⁵³.

Creio que, como se expressa o pentecostal Carl Brumback, os adventistas (IASD) também podem afirmar: “com respeito à salvação por meio da justificação pela fé, somos luteranos. Na forma do batismo, somos batistas. Com respeito à santificação, somos metodistas. Em evangelho atacante, somos como o Exército da Salvação”²⁵⁴. Porém, nos demais aspectos são adventistas.

Nas respostas das três primeiras questões as quais são objetos de nosso estudo no presente, não encontramos de forma explicitamente objetiva os traços do discurso oficial do adventismo, embora encontramos traços fundantes do cristianismo como um todo expressos nas palavras “Cristo”, “Deus”, “Bíblia”, o que pode evidenciar um direcionamento discursivo desta Igreja para o trinômio Deus-Cristo-Bíblia, configurando as imagens dos sujeitos. E, como isso se aproxima da conjuntura sócio-histórica de Glorinha/RS?

3.1.2 Evangélica Assembléia de Deus

Foram apresentados cinco questionários e todos foram respondidos.

²⁵² AUXÍLIOS Bíblia Jovem Amigo. In: **Bíblia Jovem Amigo e Hinário Adventista do Sétimo Dia**. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000. p. 43.

²⁵³ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Seitas e Igrejas. In: *Estudos de Religião*, n. 5, jun. 1988. SBC: UMESP. Disponível em: <<http://antoniomendonca.pro.br>> . Acesso em: 24 jan. 2008.

²⁵⁴ MENDONÇA, 1988.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

A respeito do que pensam da Assembléia de Deus, um fiel diz que a denominação é “boa e me ensinou a ter mais comunhão com Deus” e que no aspecto religioso no passado “o povo era mais humilde e simples”. E que “quanto às outras religiões, não posso questionar”. Outro entrevistado colocou que “tô melhor, antes não aprendia nada, hoje aprendo. Não ataco nenhuma denominação”. Outro coloca: “penso que é o caminho que me leva a Deus”. Um fiel diz que “acho bom, porque ela prega Jesus Cristo que é o único caminho, a verdade e a vida”. Um entrevistado coloca que “temos que voltar ao conhecimento bíblico”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Um fiel coloca “a falta de conhecimento e religar com Deus”. Um outro diz que é a “conquista de fama e dinheiro”. Outro expressa que “muitas pessoas não se encontram com Deus”. Um entrevistado coloca “falta conhecimento bíblico”. Outro diz que a “principal causa é a liberdade de se expressar a fé no Brasil”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

Um entrevistado diz que “é aceitar Jesus como único e suficiente salvador na sua vida”. Para um outro é “servir a Jesus de acordo com a sua palavra”. Outro coloca que é “a fé em Jesus Cristo”. Um fiel diz que é “visitar os órfãos e viúvas e doentes (Tg 1:27)”. Outro diz que “é religar com Deus”.

Em relação a estas respostas, questionamos: “como o[s] texto[s] [respostas] organiza[m] a[s] relação[ões] da língua com a[s] sua[s] história[s] no trabalho significativo do sujeito em sua religião com o [seu] mundo”²⁵⁵ (a Assembléia de Deus em Glorinha/RS e a comunidade glorinhense)?

²⁵⁵ ORLANDI, 1999, p. 69.

3.1.3 Assembléia de Deus Conservadora

Foram apresentados cinco questionários e respondidos dois.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

A respeito do que pensam da Assembléia de Deus Conservadora, um fiel diz que a sua denominação “é resumida em: ‘uma bênção, uma vitória’. Buscar almas para herdar o Reino dos Céus. Jesus veio para nos salvar”. Outro coloca que “minha religião é Jesus não placa de congregação. No passado, não conhecia o evangelho”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Um fiel coloca que é “falta de ler a Bíblia [conhecê-la], ter um encontro com Deus”. Outro expressa “que o mundo do jeito que está todos querem buscar Deus [Jesus Cristo], querem bênção, querem sua ajuda para resolver problemas materiais e principalmente espirituais, por isso existe muitas religiões, mais as evangélicas todas são com o mesmo propósito, buscar o único Deus e a salvação”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

Um entrevistado diz “que é aquela que guarda os mandamentos”. Para um outro “é crer que Jesus Cristo está vivo, ressuscitou ao terceiro dia e deu sua vida para nos salvar”.

Em relação a estas respostas, perguntamos: Como se dá o discurso, isto é, o “efeito de sentidos entre locutores²⁵⁶” da Assembléia de Deus Conservadora (entre seus membros glorinhenses e seus dirigentes entre si) e com a comunidade glorinhense como um todo?

²⁵⁶ ORLANDI, 1999, p. 21.

3.1.4 Assembléia de Deus – Gideões Missionários

Foram apresentados cinco questionários e respondidos três.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

A respeito da Igreja Assembléia de Deus Gideões Missionários, segundo um entrevistado, foi o encontro do “caminho que leva para a vida eterna no Reino de Deus”. Outro diz que a “religião é religamento do homem com Deus”. Um fiel coloca que “a minha religião é ótima porque somos todos irmãos”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Segundo um informante é a “falta de união”. Outro entrevistado coloca que “muitos buscam doutrinas diferentes, mas o Deus verdadeiro é Jesus Cristo”. Um fiel diz que “a causa segundo a Bíblia” é o “multiplicar a falta de amor e religamento com Deus”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

Um dos entrevistados não respondeu. Conforme um fiel, uma verdadeira religião é “seguir a Cristo”. Para outro é “servir a Jesus verdadeiramente”.

Para tanto, podemos questionar: “As relações constituídas nestas formações discursivas [respostas]”, onde estariam os “sentidos”²⁵⁷ nos discursos? Pois todos os credos em Glorinha/RS afirmam buscar a Deus, onde está o diferencial, o verdadeiro?

3.1.5 Igreja Pentecostal “Cristo Vive”

Foram apresentados cinco questionários e respondidos três.

²⁵⁷ ORLANDI, 1999, p. 44.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com outras religiões)?*

Sobre o que pensam da Igreja Pentecostal “Cristo Vive”, um informante coloca que pensa que na sua religião, encontrou o “caminho da salvação”. Um fiel diz que pensa que se “a religião é como partido, se fosse bom, seria bom apagar a placa da igreja”. Outro coloca que “não considera a [sua] denominação como religião”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Segundo um entrevistado, a causa está nas “diferentes idéias”. Outro diz que “as principais causas são as divergências de idéias”. Um fiel coloca que “um quer adotar o seu sistema”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

Conforme um fiel, “a religião [para ele] é aquela que visita os órfãos e as viúvas nas suas necessidades”. Outro entrevistado diz que “religião é o ato de religar-se com Deus”. Um fiel diz que é “religar-se com Cristo”.

Quanto a estas respostas (discursos), quando se diz que as causas de religiões diferentes são as diferenças/divergências de idéias, “o que significam no discurso essas posições”²⁵⁸/ colocações em Glorinha/RS?

3.1.6 Igreja Nazareno Pentecostal “Jesus é o Caminho”

Foram apresentados cinco questionários e respondidos dois.

²⁵⁸ ORLANDI, 1999, p. 40.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com outras religiões)?*

Sobre o que pensam da Igreja Nazareno Pentecostal “Jesus é o Caminho”, um fiel coloca que “segundo a Palavra [a Bíblia], estamos tentando fazer o certo, pois ninguém é certo e se fôssemos certos o mundo não seria desse jeito”. Outro entrevistado diz que “é uma religião boa, pois consiste [em guardar?] os mandamentos”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Um fiel diz: “cada pessoa tem um tipo de crença, uns crêem em uma escultura, outros em espíritos, Deus e deuses”. Outro coloca que “geralmente querem abrir ministérios com doutrinas diferentes”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

“É o que o ser humano diz ser crença”, diz um entrevistado. Outro coloca que “é estar ligado diretamente com Deus”.

Diante destas questões respondidas, questionamos “como a linguagem da Igreja Nazareno Pentecostal ‘Jesus é o Caminho’ está materializada na ideologia e como a ideologia se manifesta na língua”²⁵⁹?

3.1.7 Igreja Pentecostal “Deus é Amor”

Foram apresentados cinco questionários e respondidos dois.

²⁵⁹ ORLANDI, 1999, p. 16.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

A respeito do que pensam sobre a Igreja Pentecostal “Deus é Amor”, um fiel se expressa da seguinte forma: “Fui católico e da Assembléia de Deus, mas esta tem doutrina e trabalho social”. Outro coloca que “aqui (na Deus é Amor) nos unimos mais para ajudar as pessoas; temos mais doutrinas”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

“Porque há muitas divisões: é bíblico, haverá muitas divisões” diz um entrevistado. Para outro é a “divergência de opiniões; livre arbítrio: cada um procura o que lhe convém”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

Segundo um fiel, “é o ensinamento da Palavra de Deus e sinceridade, amar o próximo, obediência às autoridades e a Deus”. Um entrevistado diz que “é aquela que respeita a lei dos homens, pois este respeita a lei de Deus e buscam viver de acordo com a doutrina de Deus, sendo a lei de Deus superior à dos homens”.

Para tanto, “os sentidos estão sempre ‘administrados’, não estão soltos. Diante de qualquer fato, de qualquer objeto simbólico somos instados a interpretar, havendo uma injunção a interpretar. Ao falar, interpretamos. Mas, ao mesmo tempo, os sentidos parecem já estar sempre lá”²⁶⁰. Sendo assim, questionamos os sentidos “administrados” entre os fiéis da “Deus é Amor” em Glorinha/RS em relação à sua igreja e à conjuntura sócio-histórica neste município?

²⁶⁰ ORLANDI, 1999, p. 10.

Para melhor compreender as Igrejas Evangélicas Pentecostais em Glorinha/RS, “os textos (respostas dos fiéis) individualizam – como unidade – um conjunto de relações significativas”²⁶¹ podendo ou não ter influências do discurso oficial das Assembléias de Deus, da Igreja “Deus é Amor”, da Igreja Pentecostal “Cristo Vive” e da Igreja Nazareno Pentecostal “Jesus é o Caminho”.

Um dos aspectos marcantes do discurso fundante das Assembléias de Deus, da Igreja Nazareno Pentecostal “Jesus é o Caminho”, da Igreja “Deus é Amor”, Igreja Pentecostal “Cristo Vive” como Igrejas Evangélicas Pentecostais é o,

batismo com o Espírito Santo, que é dado por Deus mediante a intercessão de Cristo, com evidência inicial de falar em outras línguas [Atos 2:1-13] [...], conforme a sua vontade e na atualidade dos dons espirituais distribuídos pelo Espírito Santo à Igreja para sua edificação²⁶².

Outro aspecto do discurso fundante dessas denominações pentecostais, entre outros, é a afirmação de que,

[...] a Segunda Vinda de Cristo” será “antes do Novo Milênio, em duas fases distintas. Primeira invisível ao mundo, para arrebatá-la sua Igreja fiel da terra, antes da grande tribulação; segunda-visível e corporal, com sua Igreja glorificada, para reinar no mundo durante mil anos²⁶³.

Também é característico das Igrejas Evangélicas Pentecostais nas quais se inscrevem a Assembléia de Deus, a Assembléia de Deus-Gideões Missionários, a Assembléia de Deus Conservadora, a Igreja Nazareno Pentecostal “Jesus é o Caminho” e “Deus é Amor”, Igreja Pentecostal “Cristo Vive”, fazer adeptos. O crescimento dos evangélicos no Brasil nos é confirmado por Antonio Gouvêa de Mendonça²⁶⁴.

²⁶¹ ORLANDI, 1999, p. 70.

²⁶² HEERDT, 2005, p. 155.

²⁶³ HEERDT, 2005, p. 155.

²⁶⁴ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Protestantismo no Brasil**. Apontamentos sobre sua contribuição para a cultura brasileira. Disponível em: <<http://www.antoniomendonca.pro.br>>. Acesso em: 24 jan. 2008.

As Igrejas Evangélicas Pentecostais supra citadas têm discursos praticamente iguais no município de Glorinha/RS, com o diferencial no que se refere ao que chamam de “costumes”²⁶⁵. Segundo seus líderes locais dentre estas denominações umas acentuam mais, outras menos tais costumes. Também explicam que são diferentes ministérios da mesma fé pentecostal, caracterizados por dons de curas, exorcismos e revelações.

Na busca de uma compreensão mais clara a respeito desses dois discursos marcantes da fé pentecostal, “o dom de línguas” e a “segunda vinda invisível de Cristo”, o que chamam de “arrebatamento secreto”, recorri ao Discurso Sagrado das Igrejas Evangélicas Pentecostais – a Bíblia Sagrada. Quanto “ao dom de línguas” ou “línguas estranhas”, constatei a partir de Atos 2:1-13 e I Coríntios 12:1-3,11,27-30 e 13:1 e 14:18-19, 21 que as línguas eram estranhas aos ouvintes, mas eram naturais: os apóstolos falavam em sua língua e os judeus e prosélitos árabes ouviam os mesmos falando em árabe, por exemplo. E São Paulo afirma que “ainda que eu falasse todas as línguas dos homens e até dos anjos”, evidenciando que ele não falava tudo isto, senão apenas algumas línguas humanas, conforme porções citadas da Bíblia acima mencionadas. E, que no caso de uma língua estranha aos ouvintes, que haja tradução para o entendimento.

Quanto ao “arrebatamento secreto” ou “segunda vinda invisível”, busquei compreendê-lo no único texto bíblico que expressa o termo “arrebatados” relacionado à segunda vinda de Cristo, (I Tessalonicenses 4:13-18, somada a outros textos de mesmo assunto em Lucas 21:25-28 e Mateus 24:23-27), encontrei expressões como trombetas, alaridos, visão geral, mortos ressuscitados precedendo vivos no encontro com Cristo. Quem, neste contexto, não perceberia a ausência de pessoas mortas e vivas? Quem não perceberia que algo de sobrenatural estaria acontecendo, conforme estes textos bíblicos?

Nas respostas das três primeiras questões, as quais são o foco de nosso estudo, predominam as expressões “Deus, Jesus Cristo, Bíblia, religar-se com Deus, praticar boas ações, obedecer as autoridades”, as quais fazem parte do discurso fundante da cristandade e não específico do discurso fundante evangélico pentecostal.

²⁶⁵ Costumes: para os pentecostais em Glorinha/RS, são determinados hábitos como não cortar cabelo entre as mulheres.

Poderíamos também perguntar pelo “efeito de sentidos entre locutores”²⁶⁶, isto é, entre o Discurso Sagrado (Bíblia Sagrada) e as denominações pentecostais em relação aos dois aspectos salientes de seu discurso: “o dom de línguas” e o “arrebato secreto”.

3.1.8 Católica Apostólica Romana

Foram apresentados cinco questionários e todos foram respondidos.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

Sobre o que pensam da Igreja Católica Apostólica Romana, um entrevistado coloca que a sua “religião acompanha a evolução, porém não perde suas raízes. Existe o movimento carismático que vem sendo como uma revolução, mas o tradicional ainda permanece”. Outro fiel diz que “procure manter-se fiel aos ensinamentos do Cristianismo”. Outro coloca que “há falta de divulgar os benefícios da religião, no passado era mais divulgado”. Outro fiel diz que “ainda tem muito que se modernizar, mas tem uma visão bem mais esclarecida que muitas outras”. Outro coloca que considera a sua “religião ainda necessitando algumas reformas para que possa atender mais às necessidades espirituais dos fiéis, pois hoje cada uma quer atrair mais adeptos, buscando meios que acredito não ser os de Cristo”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Segundo um fiel a principal causa é a “insatisfação no atendimento das preces, pois o que buscam, muitas vezes, é somente receber e não pensam em dar com gratuidade para que Deus o recompense com graças”. Outro coloca que é a “insatisfação das pessoas”. Um entrevistado diz que é “interesses pessoais”. Segundo outro entrevistado, “algumas religiões mantêm seus fiéis pela pressão relacionada ao pecado”. Para outro fiel é a “especulação; forma de viver uma vida mais fácil; descrença”.

²⁶⁶ ORLANDI, 1999, p. 21.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

É “acreditar na mudança da humanidade através da solidariedade, compreensão e humanismo”, coloca um entrevistado. Outro diz que “religião é acreditar que existe uma força sobrenatural”. Outro coloca que “são dogmas e orientações nos quais acreditamos e que nos tornam espiritualmente mais elevados”. Outro coloca que “é um encontro pessoal e uma entrega a um Ser Supremo que nos criou, é onipotente, fiel e bondoso, nos espera a cada momento reconhecer sua paternidade”.

No que diz respeito a estas respostas (discursos) podemos questionar a ideologia, na perspectiva da interpretação, a qual “não é livre de determinações”, mas é determinada pela memória institucionalizada ou não²⁶⁷, pois é a religião predominante em Glorinha/RS²⁶⁸. Neste sentido, o sujeito é sujeito à língua (fala portuguesa) e à história²⁶⁹ (glorinhense). Para tanto, no que estas afetam o sujeito?

Para tanto, analisaremos alguns dos principais traços discursivos da Igreja Católica Apostólica Romana que reconhece “como fontes da fé a Bíblia e a Tradição, interpretadas pelo Magistério da Igreja”²⁷⁰. Este Magistério da Igreja Católica Romana é formado pela sua hierarquia, padres e teólogos.

Entre as principais características da Igreja Católica está o “culto público” aos santos e a Maria, mãe de Jesus. Esta última tida como intercessora junto à Cristo, sendo que “a Igreja Católica professa que Maria foi concebida sem pecado, concebeu virginalmente, manteve-se virgem após o parto”²⁷¹.

Dentre os traços discursivos da Igreja Católica, a questão da unidade e universalidade desta Igreja pode ser descrita da seguinte forma:

²⁶⁷ ORLANDI, 1999, p. 47.

²⁶⁸ CENSO, 2000, IBGE.

²⁶⁹ ORLANDI, 1999, p. 49.

²⁷⁰ HEERDT, 2005, p. 116.

²⁷¹ HEERDT, 2005, p. 117.

A Igreja Católica considera o Papa, bispo de Roma, [...] pastor da Igreja Universal, formada pelas Igrejas locais em comunhão com Roma. Suas decisões podem atingir todas as Igrejas do mundo, com uma autoridade imediata, isto é, não necessita do reconhecimento dos outros bispos²⁷².

A Igreja Católica foi trazida pela colonização portuguesa, influenciando fortemente o discurso fundante do Brasil e na formação da sua identidade nacional²⁷³, conflitando com indígenas, negros, judeus ibéricos e seus filhos “brasileiros”, cristãos-novos e também os estrangeiros/imigrantes evangélicos/protestantes, como calvinistas, anglicanos e luteranos, o que nos é conferido pela história do Brasil quando da Invasão Francesa e Holandesa, em relação aos comerciantes e embaixada ingleses e aos imigrantes alemães. Pois a Igreja Católica era intolerante em relação às outras crenças, que de alguma forma se reflete na declaração *Dominus Iesus*, quando o seu discurso profere que as outras Igrejas são “comunidades eclesiais” e que “existe portanto uma única Igreja de Cristo, que, subsiste na Igreja Católica, governada pelo Sucessor de Pedro e pelos bispos em comunhão com ele”²⁷⁴, o que pode prejudicar as relações ecumênicas e inter-religiosas. Neste sentido, Antonio Gouvêa Mendonça coloca que “nos meus longos anos de vida ecumênica militei, entre outras instituições, na CEHILA [Comissão de História da Igreja na América Latina]. Demorou um pouco para que eu percebesse que igreja aqui não era Igreja Cristã, mas a Igreja Católica”, citando algumas obras de história da igreja, onde muito pouco se falava em protestantismo. Numa das obras era tratado como “Desafios Particulares”. Noutra obra as diversas ramificações do protestantismo “são tratadas como seitas”. Assim, diz Antonio G. Mendonça, “a CEHILA, instituição ecumênica que vivia, ou vive ainda, de boa parte de contribuições protestantes, tratava, ou trata ainda, o cristianismo reformado como seita”, motivo pelo qual se afastou da referida instituição²⁷⁵.

Para tanto, cabe-nos questionar: Quais os efeitos do discurso fundante do catolicismo romano em relação às outras Igrejas e denominações religiosas em Glorinha/RS, onde as últimas são minorias?

²⁷² HEERDT, 2005, p. 117-118.

²⁷³ ORLANDI, 2003, p.18-23.

²⁷⁴ DECLARAÇÃO DOMINUS IESUS. Sobre a Unicidade e Universalidade Salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Congregação para a doutrina da fé. São Paulo: Paulinas, 2000. p. 31.

²⁷⁵ MENDONÇA, Protestantismo no Brasil.

As colocações acima descritas podem fazer parte do discurso universalista da Igreja Católica, de como ela se relaciona com o mundo.

Nas respostas das três primeiras questões, as quais destacamos para análise relacionadas a alguns aspectos do discurso da Igreja Católica Apostólica Romana, destacam-se as expressões “não perde suas raízes”, “o tradicional ainda permanece”, “manter-se fiel”, “visão mais esclarecida que os outros”, os outros têm meios de atração que não são “os de Cristo”, são o que pensam da católica. “Insatisfação”, “interesses pessoais”, “pressão relacionado ao pecado”, “especulação”, “vida fácil” e “descrença” são a causa da existência das outras religiões. Todas expressões parecem estar conectadas e parecem refletir alguns aspectos do discurso fundante do catolicismo romano da tradição, da fidelidade à Igreja e à sua hierarquia.

Os outros são insatisfeitos, têm interesses pessoais, são especuladores, descrentes, levam a vida fácil.

Pois, para a “Igreja Católica, tanto na sua *práxis* como nos textos oficiais, sustenta que a comunhão das Igrejas particulares com a Igreja de Roma e dos seus Bispos com Bispo de Roma, é um requisito essencial – [...] – para a comunhão plena e visível”²⁷⁶, o que parece dizer que o discurso ecumênico católico-romano seria uma conversão ao catolicismo sob o pastorado da Cúria Romana. Perguntamos, então, pelo pleno reconhecimento do valor da fé de outros fiéis de outras denominações religiosas?

Parece que nesses discursos a ideologia “não é livre de determinações”, mas é determinada pela memória institucionalizada²⁷⁷.

Como a população católica romana glorinhense encara o catolicismo popular relacionando-o consigo mesmo?

²⁷⁶ CARTA ENCÍCLICA UT UNUM SINT do Santo Padre João Paulo II sobre o empenho ecumênico. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 107-108.

²⁷⁷ ORLANDI, 1999, p. 47.

Também podemos questionar as possibilidades de um conflito discursivo entre a Bíblia e a Tradição da Igreja.

3.1.9 Episcopal Anglicana do Brasil

Foram apresentados cinco questionários e respondidos quatro.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com outras religiões)?*

Sobre o que pensam da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil, um fiel coloca que está bem com a sua religião. Outro diz “acho que é uma religião boa”. Um fiel assim se expressa “penso que todas as religiões são boas desde que tenha uma raiz e uma história”. Outro coloca que “é uma religião boa porque não nos proíbe, mas sim nos dá liberdade com limite”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Segundo um fiel, é “porque as pessoas não são unidas, existem muitas brigas entre as pessoas, assim elas acabam saindo”. Para outro, “a causa é que o homem pega uma Bíblia e sai pregando a Palavra sem ter preparo teológico”. Um entrevistado diz que “as pessoas pensam diferente”. Outro coloca que o fato de haver muitas religiões “não tem sentido nenhum”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

“É o conjunto de leis e ministério cumprindo direitos e deveres” diz um entrevistado. Para outro “é um grupo de pessoas que procuram só fazer o bem ao próximo”. Um fiel coloca que “é verdadeiramente uma religião a pessoa que acredita em Deus e pratica boas obras”. Segundo uma entrevistada são “pessoas que acreditam em Deus e amam seu próximo como a si mesmo”.

Diante das respostas (discursos), lembramos que a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil foi a primeira igreja de missão em Glorinha/RS há mais de cem anos. Na época, produziu muitas conversões do catolicismo ao episcopalismo. Pergunta-se: como entendem o discurso missionário hoje, uma vez que as respostas (discursos) parecem não estar mais para este tipo de conversão mencionado? Para tanto o discurso não pode ser visto “sem condicionantes lingüísticos ou determinações históricas”²⁷⁸.

Para tanto, faremos uma breve análise do discurso fundante da Igreja Episcopal Anglicana do Brasil através de alguns aspectos históricos da mesma. Neste sentido,

[...] a Igreja da Inglaterra [Anglicana], durante as reformas do século XVI, manteve-se na grande tradição da Igreja Católica e, ao mesmo tempo, incluiu em seus estatutos e liturgia elementos das Igrejas Evangélicas e Orientais. Pode-se dizer que separou-se de Roma e também se pode dizer que já era uma Igreja nacional. Por sua localização geográfica insular, desde sua origem pode-se dizer que foi nacional e independente²⁷⁹.

Sendo assim, a Igreja inglesa negou,

[...] o Primado Papal, aboliu-se a lei do celibato [...], na liturgia adotou-se a língua inglesa [ou a língua nacional, onde essa Igreja se encontra] [...]. Conservou-se a sucessão apostólica do episcopado [em alguns países, como no Brasil e Estados Unidos, a Igreja é denominada *Episcopal*] [...], adotando posições doutrinárias reformadas, negando o caráter sacrificial da Missa e a transubstanciação²⁸⁰,

(onde o pão e o vinho se transubstanciam em corpo e sangue de Cristo), mas continuando pão e vinho são símbolos do corpo e sangue de Cristo.

²⁷⁸ ORLANDI, 1999, p. 22.

²⁷⁹ HEERDT, 2005, p. 136.

²⁸⁰ HEERDT, 2005, p. 137.

Ao desligar-se a Igreja Anglicana da Romana, a reação popular inglesa foi dividida em “três situações”: a maioria sabedora da reforma na Alemanha, desejava o mesmo para a Inglaterra, isto é um retorno ao Evangelho. Outros estavam “firmemente apegados a uma Igreja nacional sob tutela real e ainda outros permaneceram fiéis à Igreja Católica Romana e padeceram perseguições por não estarem de acordo com a Coroa Inglesa”²⁸¹. Para tanto, questionamos a qual destas “três situações” a Comunidade Episcopal Anglicana de Glorinha/RS se aproxima, uma vez que são oriundos da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos e uma das primeiras comunidades episcopais anglicanas do Brasil, enquanto missão?

Como estas “situações” se relacionariam com o “discurso conversionista” do passado e o mesmo hoje em Glorinha/RS?

Como os fiéis da Episcopal Anglicana em Glorinha/RS percebem estes discursos/questões supracitadas?

Nas respostas das três primeiras questões, as quais são o foco de nosso estudo, a denominação episcopal anglicana em Glorinha/RS é vista pela maioria dos entrevistados como “boa”, o que pode refletir bem o discurso dessa Igreja sobre seus fiéis. Quanto ao fato de existirem muitas “religiões diferentes” as respostas foram diversificadas. Também foram diversificadas as respostas alusivas ao que pensam ser “verdadeiramente uma religião”. Estaria estas diversificações de respostas relacionadas às diferentes tradições religiosas oriundas do catolicismo romano e oriental, do protestantismo e do cristianismo primitivo das Ilhas Britânicas que formaram a Igreja Episcopal Anglicana?

Observação: a sede da Comunidade Episcopal Anglicana do Brasil em Glorinha/RS fica na localidade de Rincão de São João, porém realizam estudos bíblicos nas casas dos fiéis, incluindo também no perímetro urbano de Glorinha/RS.

²⁸¹ HEERDT, 2005, p. 138.

3.1.10 Evangélica de Confissão Luterana no Brasil

Foram apresentados cinco questionários e todos foram respondidos.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

A respeito do que pensam da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil, um fiel coloca que se sente realizado porque tem “mais segurança em Deus”. Outro diz que “eu me sinto muito satisfeito com a igreja IECLB (com relação à igreja católica)”. Para outro entrevistado “é correta e prega muito bem o Evangelho”. Segundo um fiel “sempre fui evangélico, confio com a história do passado”. Talvez esse fiel queira dizer que confia na história ou confirme a mesma. Outro coloca que “acho a minha religião a mais sensata e nunca mudei para outra, mesmo diante de convites e promessas diversas de reencarnação, vida eterna ou coisas do gênero”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Conforme um fiel, “existem mais de uma causa para o surgimento de novas religiões, uma das mais expressivas é o fato de a Bíblia ter uma linguagem que pode ser interpretada de outras formas; outra é porque ‘pode’ ser um ‘negócio’ lucrativo e algumas pessoas se aproveitam disso”. Para outro “são opiniões diferentes”. Um entrevistado coloca que a causa principal seria não sentir Deus, “em não encontrar com Deus”. Para outro “as pessoas se sentem inseguras”. Um fiel coloca que é “falta de segurança em Deus”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

“É a comunhão com Deus” diz um entrevistado. Outro também faz a mesma colocação: “É a comunhão com Deus”. Um fiel diz que “a verdadeira religião em crer e Deus”. Talvez diga “é crer em Deus”. Para outro “é a fé que a gente crê em Deus”. Outro fiel se expressa: “acho que é uma organização, que prega a Palavra de Deus guiada (pela) Bíblia”.

Diante das respostas (discursos), onde “o político e o simbólico se confrontam” (linguagem)²⁸² nesta denominação (a IECLB) em Glorinha/RS pois, lembramos que esta é a única igreja de imigração neste município.

Para tanto, faremos uma breve análise de alguns traços do discurso fundante da Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil (IECLB). É senso comum entre os membros da IECLB em Glorinha/RS, alguns aspectos que identificam a fé evangélica-luterana como não cultuar os santos e Maria e somente respeitá-los como personalidades bíblicas ou cristãs, reconhecimento da não obrigatoriedade do celibato e da não obrigatoriedade da confissão ao pastor, mas diretamente a Deus e ao próximo quando se julgar necessário (este último, ao menos teoricamente) da importância da Santa Ceia sob as duas espécies: pão e vinho ministrada à comunidade, da manutenção dos símbolos da IECLB como a Bíblia, as velas, a mesa, o púlpito, a veste talar do pastor. A IECLB em Glorinha/RS é uma comunidade predominantemente étnica originária da imigração alemã.

Segundo Antonio Gouvêa Mendonça, “a Reforma deslocou a salvação da Igreja como mediadora para a fé e a graça agindo no indivíduo” isto também, fica evidente no discurso da IECLB em Glorinha/RS, sendo que o autor referido exclui os luteranos desta colocação, salientando a questão étnica como característica que aglutina a Igreja Luterana como comunidade²⁸³.

Para o discurso evangélico-luterano é cabível a seguinte afirmativa: “A palavra-chave de toda a Reforma é justificação”, cujo discurso pode ser descrito da seguinte forma:

A justificação é ao ato pelo qual o Homem deixa de ser pecador para se tornar justo. O processo de justificação está ligado somente a fé [a fé, em Lutero, consiste no apropriar-se confiante da morte de Cristo na cruz na base da certeza da salvação, isto é, na firme fé de cada pessoa na redenção de Cristo em virtude de sua morte de cruz]²⁸⁴.

²⁸² ORLANDI, 1999, p. 16.

²⁸³ MENDONÇA, Seitas e Igrejas, 1988.

²⁸⁴ HEERDT, 2005, p. 133.

Nas respostas das três primeiras questões, as quais são foco de nosso estudo, predominam as expressões que discursam estar satisfeitos com a IECLB porque “é correta e prega muito bem”, “sempre fui evangélico”, havendo “mais segurança em Deus”. Expressões como “diversas interpretações da Bíblia”, “negócio lucrativo”, “opiniões diferentes”, “insegurança”, “não encontrar-se com Deus” são atribuídas a causa da existência das diferentes religiões. A Palavra de Deus está associada ao discurso de uma verdadeira religião. Podemos deduzir que as opiniões alusivas a IECLB e a causa da existência de tantas religiões podem ter conexões discursivas com a Reforma Protestante, enquanto ao ponto de vista sobre a verdadeira religião parece fechar com o discurso da cristandade colocando “Deus” como princípio da fé. No entanto, também aparecem expressões nem tanto espirituais como “negócios” e “insegurança” como causa discursiva para existência de tantas religiões.

Como ficaria o dilema discursivo entre o étnico e o espiritual na IECLB em Glorinha/RS? Será sempre e somente a *Igreja dos Alemães*, como é chamada neste município?

Observação: a sede da Comunidade Evangélica de Confissão Luterana no Brasil em Glorinha/RS está localizada na localidade de Rincão de São João, porém tem um ponto de pregação no perímetro urbano em Glorinha/RS. Também realiza estudos bíblicos nas casas dos fiéis, incluindo o perímetro urbano.

3.1.11 Igreja do Senhor Jesus Cristo

Foram apresentados cinco questionários e todos foram respondidos.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

A respeito do que pensam da Igreja do Senhor Jesus Cristo, um entrevistado diz que “na verdade, o Cristianismo não é uma religião, nem democracia, nem comunismo, e sim, um sistema saudável que proporciona ampla liberdade ao homem de pensar e agir por sua plena vontade, sem sofrer domínio, persuasão ou influência. Deus deu ao homem o livre-arbítrio e deseja mantê-lo assim eternamente. Deus nada impõe para o homem, Ele apenas deseja restaurar a alma do homem para que esta obtenha a liberdade e volte a agir pela sua consciência”. Outro coloca também que não há religião, “somente seguimos a Jesus Cristo e aos seus ensinamentos que estão na Palavra de Deus, a Bíblia”. Para um outro fiel a “minha religião me ensina a viver de uma forma mais otimista me ajudando a enfrentar os problemas do dia-a-dia”. Um fiel coloca que “no passado, não sentia o verdadeiro fluir da vida na religião que freqüentava, muito menos conhecia. Hoje, sinto uma renovação no interior e um estímulo a buscar a vida de Cristo, a estudar, a admirar a Palavra e a vivê-la (João 7:38)”. Outro entrevistado diz que “em primeiro lugar, não temos uma religião, seguimos Jesus Cristo como único Senhor, a Palavra de Deus que é o Verbo, a sã doutrina”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Segundo um entrevistado, “é o desejo ardente no coração do homem de agradar a Deus, sem Jesus Cristo”. Um fiel coloca que “o mundo mudou muito e as pessoas estão em busca de algo para acreditar que possa ajudar a superar as suas dificuldades”. Para outro fiel, “a segmentação da fé em tantas religiões se deve aos fiéis olharem para homens e doutrinas e não para verdadeira Palavra do Senhor nosso Deus. Neste sentido, temos que ler I Cor. 1:12, I Cor. 3:4-6; I Cor. 3:22”. Um entrevistado diz que “é porque o homem quer agradar a Deus de forma natural, não tendo Jesus como único caminho, a única verdade e o único que dá vida”. Outro fiel coloca que é “a falta de visão II Cor. 4:5”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

Segundo um fiel “é quando o homem cultua a Deus, só com sua alma, com sua maneira pecaminosa de agir, e não com seu espírito”. Outro coloca que “uma religião é segmento doutrinário, uma organização segundo o qual as pessoas que tem crenças comuns se reúnem para congregar segundo estes princípios”. Um entrevistado diz que “é acreditar em Deus, ter fé que as coisas podem mudar e que existe um Superior que nos governa e nos guia”. “É o homem prestando culto a Deus através da sua força natural, de uma sabedoria terrena, caída, pecaminosa”, coloca um entrevistado. Um fiel diz que sua concepção de verdadeira religião é o mesmo o que pensa da sua religião (já foi mencionado).

Para estas respostas (discursos), poderíamos questionar o que poderiam dizer mais, quando dizem que não se constituem em religião. O que isto silencia, isto é, o que deixa de dizer²⁸⁵ para os glorinhenses?

Procurando compreender melhor alguns traços fundantes da Igreja do Senhor Jesus Cristo, faremos uma breve análise da mesma a partir de algumas respostas dos fiéis, onde afirmam não ser “uma religião”, mas seguem somente a Jesus Cristo, portanto se identificando somente como cristãos. Para tanto,

[...] a vinda no Messias prometido, que restauraria o reino de Israel, era a grande esperança do povo Judeu”. Também somado “à idéia de um Deus único e justo, já enfatizada no Antigo Testamento e anunciada por João Batista, Jesus acrescentou a revelação pessoal, que não teve o conteúdo que [muitos] judeus esperavam – um reino político - , mas o Messias sofredor, que daria a vida pela remissão dos pecados e pela salvação de todos os Homens que o aceitassem²⁸⁶.

Mas por um outro lado grande número de judeus aceitou Jesus como o Messias prometido, sendo que o cristianismo nasce como mais um partido religioso judaico aberto à universalidade (João 12:11 e Atos 2:5, 41, 46).

O Reino do Pai/de Deus era a atividade principal de Jesus²⁸⁷.

²⁸⁵ ORLANDI, 1999, p. 83.

²⁸⁶ HEERDT, 2005, p. 101.

²⁸⁷ HEERDT, 2005, p. 103.

Entre os principais discursos fundantes do cristianismo está a ressurreição física, pessoal e corporal: “O Cristianismo alimenta uma profunda convicção na ressurreição”²⁸⁸. O monoteísmo (um só Deus) em três pessoas distintas: Pai, Filho e Espírito Santo. “Estas três Pessoas não surgiram num momento específico da história, mas existem desde sempre e se revelaram ao longo da história”²⁸⁹.

Nas respostas das três primeiras questões, as quais são o centro de nosso estudo, o discurso dominante gira em torno das expressões “cristianismo, não há religião [para eles], Deus, Cristo, Palavra de Deus”. Como causa de tantas religiões foi colocado principalmente “o agradecer a Deus pela vontade própria, sem Jesus Cristo e sua palavra”, o que parece refletir o discurso fundante entre eles. E sobre a “verdadeira religião”, estão divididos entre comunhão com Deus e “caídos”, longe de Deus.

Para tanto, poderíamos perguntar se a Igreja do Senhor Jesus Cristo vive pelo discurso fundante do Cristianismo originário no meio judaico, porém aberto às demais nações, uma vez que não se consideram “uma religião”, mas se dizem seguidores de Jesus Cristo?

Como vêm os outros fiéis de outras denominações que se dizem cristãs em Glorinha/RS?

3.1.12 Testemunhas de Jeová

Foram apresentados cinco questionários e três fiéis responderam conjuntamente.

²⁸⁸ HEERDT, 2005, p.104.

²⁸⁹ HEERDT, 2005, p.105.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

Segundo as informantes, a sua “religião baseia todos os seus ensinamentos na Bíblia”. E, “comparando com o passado, ela [a religião] teve um grande aumento, pois hoje estamos atuando em 235 países. Apesar de termos um menor número de adeptos em comparação com outras religiões, as Testemunhas de Jeová estão atuantes praticamente no mundo inteiro realizando de todo coração a obra de pregação em cumprimento à profecia bíblica de Mateus 24:14”. E. “no ano de 1918 estávamos presentes em 14 países, gastávamos um total de 19.116 horas anualmente, hoje [relatório de 2005] estamos presentes em 235 países, e gastamos um total de 1.278.235.504 horas anualmente, em 1918 éramos 3.868, hoje somos mais de 6.741.444 Testemunhas de Jeová em toda a terra”.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

De acordo com as fiéis “muitas religiões surgiram do desejo de poder político, prestígio e aceitação popular, em vez do desejo de agradar a Deus”. E “de acordo com o que a Bíblia predisse em Atos 20:29-30 após a morte dos apóstolos aos poucos se introduziram na congregação cristã ensinamentos errados e práticas não cristãs”. E, “homens desviariam crentes para seguir a eles, em vez de a Cristo”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

“Verdadeiramente uma religião é aquela que tem como base fundamental para seus ensinamentos a Bíblia. É de importância vital que suas crenças se baseiem na Bíblia, e não em meras especulações humanas, ou em credos religiosos. João 17:17. II Tim. 3:16”, dizem as fiéis.

Em relação ao fato de três fiéis responderem (discursarem) conjuntamente, pergunta-se: será que pensam exatamente iguais? O que mais poderia ser melhor compreendido em relação às Testemunhas de Jeová se cada um desse as suas respostas individualmente? O que isto silencia, isto é, o que deixa de ser dito²⁹⁰ para os glorinhenses?

Para tanto, faremos uma breve análise de alguns pontos do discurso das Testemunhas de Jeová, onde “dão destaque especial ao nome de Deus”, que para eles é Jeová, o qual no texto original hebraico é “Yhwh” (Iahweh)²⁹¹.

Dentre os traços do discurso fundante das Testemunhas de Jeová está a negação da Trindade “e afirmam que apenas Jeová é Deus Todo-Poderoso. O filho unigênito de Deus, sua primeira criação celestial, tornou-se Jesus Cristo [que para eles não é Deus], e o Espírito Santo [que também para eles não é Deus] é a força invisível e ativa de Deus”. Outro aspecto é a proclamação do Reino de Jeová, onde somente 144 mil pessoas vão morar com Cristo no céu e governar com Ele, os demais salvos vão viver na terra no paraíso restaurado. Também “não admitem a transfusão de sangue porque no Antigo Testamento [Lv. 17:10] se proíbe comer carne com sangue”²⁹².

As Testemunhas de Jeová não mantêm nenhum tipo de relacionamento eclesiástico com as demais denominações cristãs em Glorinha/RS. Sendo assim, muitos cristãos de outras denominações dentro e fora de Glorinha/RS a consideram uma seita, conforme o discurso de Ernest Troeltsch, se comportam como “uma sociedade voluntária [em oposição às Igrejas nacionais ou estabelecidas] compostas de fiéis rigorosos e explícitos, unidos entre si”²⁹³. Também podemos questionar até que ponto existem preconceitos de ambas as partes? Até onde realmente se conhecem? Podemos propor-lhes um diálogo em Glorinha/RS?

²⁹⁰ ORLANDI, 1999, p. 83.

²⁹¹ HEERDT, 2005, p. 163.

²⁹² HEERDT, 2005, p. 164.

²⁹³ MENDONÇA, Seitas e Igrejas, 1988.

Nas respostas das três primeiras questões e que são o foco de nosso estudo, a respeito do que pensam sobre sua religião, foram bem objetivos em dar uma “síntese” do desenvolvimento das Testemunhas de Jeová no mundo e como causa de tantas religiões está atrelada ao “político, prestígio e aceitação popular” não seguindo a Deus. E a “verdadeira religião” seria se pautar na Bíblia, e não nas “especulações humanas ou em credos religiosos”, o que parece refletir o discurso fundante da cristandade em geral.

Como ficam as relações discursivas entre o discurso sagrado (Escrituras Sagradas) e o discurso das Testemunhas de Jeová a respeito do nome divino, que prezam tanto e que no original hebraico é somente um, “Yhwh” (Iahweh) com o transliterado “Jeová”? E a respeito da unidade na divindade do Pai, do Filho e do Espírito Santo, porém distinto em três pessoas no discurso sagrado (II Coríntios 13:13) e o discurso das Testemunhas de Jeová relacionado com João 1:1-5, Mateus 28:19, João 14:8-11 e 16:8 e 13:19?

Jesus Cristo doou o seu sangue/a sua vida pelos seus amigos (João 10:11; João 19:34-35 e Hebreus 9:22).

E o conflito discursivo entre a não transfusão de sangue e a saúde/medicina/vida, isto é, o que tem de relação discursiva entre a ingestão de sangue e a transfusão do mesmo, pois sangue faz parte da vida e na ótica cristã deve-se dar até a vida pelos amigos (João 10:14-15)?

3.1.13 Umbanda

Foram apresentados cinco questionários e quatro foram respondidos.

1) *O que pensa da sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?*

Sobre o que pensam da Umbanda, um informante diz que é uma religião “séria e já encontrou ajuda que precisava”. Outro informante é da mesma opinião. Um fiel coloca que “as religiões são parecidas, mas que trabalham diferente” e, que a sua religião “sempre foi a mesma no passado e atualmente”. Um entrevistado não respondeu esta questão.

2) *Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?*

Segundo um fiel é “somente comércio”. Outro coloca que a causa seja “acreditar que os resultados sejam mais expressivos em cada religião” (talvez isto queira dizer que o fiel procura diferentes expressões religiosas que o satisfaça, estimulando o aumento das religiões). Outro entrevistado diz que são “caminhos a Deus”. Um fiel coloca que “cada um pensa de maneira diferente”.

3) *O que é verdadeiramente uma religião?*

Um entrevistado coloca que é ter “fé em Deus”. Outro fiel diz também que é uma questão de “fé”. “O que a gente acredita com fé” diz um informante.

Para tanto, se nestas respostas (discursos) em algumas delas a Umbanda é considerada séria e todos foram unânimes em colocar como “verdadeiramente uma religião” a “fé”, discurso, este, comum entre as religiões em geral, por que os seus locais de cultos são discretos em Glorinha/RS? Neste sentido “há [...] formas de silêncio que atravessam palavras, que ‘falam’ por elas, que as calam”. Sendo assim, questionamos: seria o “silêncio fundador [o que dá o significado] ou o silêncio local [que é a censura]”²⁹⁴?

Para uma melhor compreensão da Umbanda, procuraremos analisar alguns traços do discurso fundante da mesma. Sendo assim, “a questão do surgimento deste grupo religioso no Brasil é, ainda hoje, sujeita a controvérsia, mesmo entre os umbandistas”. Alguns afirmam que ela veio com os escravos africanos. Outros dizem que ela tem raízes no Alto Egito (que também está na África) e até no Extremo Oriente. Mas “maioria dos estudiosos deste fenômeno concorda em dizer que houve uma fusão entre a macumba e o espiritismo de Allan Kardec”²⁹⁵. Sendo assim, nos anos 1920 ou 1930, “um grupo de população branca e pobre já tinha ligação com o espiritismo, cansado com o extremo intelectualismo deste último, procurou se aproximar da macumba e de suas formas”²⁹⁶.

²⁹⁴ ORLANDI, 1999, p. 83.

²⁹⁵ HEERDT, 2005, p. 186.

²⁹⁶ HEERDT, 2005, p. 186.

Percebemos, desde o seu nascimento um sincretismo religioso na formação da Umbanda, onde constam elementos da “feitiçaria, práticas mágicas, catolicismo, etc”²⁹⁷. Neste sentido, a religiosidade popular se aproxima muito da Umbanda, na qual “os católicos de origem rural têm seu mundo povoado de almas e santos que interferem constantemente na vida diária. Historicamente houve uma associação entre entidades espirituais da Umbanda e os santos de devoção católicos”²⁹⁸.

Segundo Antonio Gouvêa Mendonça existem três traços marcantes na cultura africana e que também estão presentes na Umbanda. São elas o “culto dos antepassados, retido na memória dos escravos”, a magia e o misticismo islâmico, do qual “sobraram no imaginário aqueles sinais do fatalismo islâmico”, entre outros aspectos do misticismo como rezas, sacrifícios, banquetes e danças “tipificavam esse misticismo já um tanto comprometido com outras práticas religiosas de escravos de outras procedências culturais africanas”²⁹⁹.

Nas respostas das três primeiras questões que são o centro de nosso estudo, sobre o que pensam da Umbanda e a causa de tantas religiões, surgiram diferentes respostas o que pode refletir as diferentes tendências discursivas religiosas que formaram a Umbanda sincreticamente.

Para tanto, sendo a Umbanda uma religião sincrética, o que talvez poderia facilitar os relacionamentos religiosos, por que mantém tanta discrição em Glorinha/RS? Seria o silenciamento discursivo? Em que sentido?

Observação: o local de culto umbandista se localiza fora do perímetro urbano de Glorinha/RS, mas um dos seus dirigentes e alguns fiéis moram no perímetro urbano deste município.

²⁹⁷ HEERDT, 2005, p. 186.

²⁹⁸ HEERDT, 2005, p. 187.

²⁹⁹ MENDONÇA, Antonio Gouvêa. **Religiosidade no Brasil**. Imaginário, Pós-modernidade e formas de expressão. Disponível em: <<http://www.antoniomendonca.pro.br>>. Acesso em: 24 jan. 2008.

3.2 RELAÇÃO NUMÉRICA DOS LOCAIS DE CULTOS NO MUNICÍPIO DE GLORINHA/RS

Denominação	Local(is) de culto(s)
Adventista do Sétimo Dia	3
Assembléia de Deus	2
Assembléia de Deus Conservadora	1
Assembléia de Deus Gideões Missionários	1
Católica Apostólica Romana	12
Evangélica de Confissão Luterana	1
Evangélica Pentecostal “Cristo Vive”	1
Evangélica Pentecostal “O Brasil para Cristo”	1
Denominação	Local(is) de culto(s)
Episcopal Anglicana	1
Igreja do Senhor Jesus Cristo	1
Igreja Pentecostal “Deus é Amor”	1
Legião da Boa Vontade	1
Nazareno Pentecostal “Jesus é o Caminho”	1
Testemunhas de Jeová	1 (e outros locais não informados)
Umbanda	3

CONCLUSÃO

Um discurso fundador não nasce do nada, mas das pessoas fazendo histórias com suas linguagens, ideologias, sujeitos, silenciamentos, etc. Neste sentido é interessante estudarmos conceitos que se relacionam à “historicidade do processo discursivo”³⁰⁰, como a questão étnica, identitária e suas ações e reações nas relações humanas religiosas, sociais e de poder, destacando o caso específico do nosso trabalho em Glorinha/RS. Sendo assim, temos algumas etnias básicas formadoras da população glorinhense, as quais, em sua maioria, deixaram seus “discursos” históricos, culturais, sociais e religiosos. Essas etnias acionadas como “começos” da população de Glorinha/RS são os indígenas (também chamados de bugres), os portugueses (incluindo os açorianos), o negro (originário da África) e o alemão, com destaque para etnia portuguesa-açoriana por se constituir na etnia “mãe” da maioria populacional glorinhense³⁰¹, constituindo-se também no discurso dominante. Também podemos, neste trabalho, entender os “portugueses” por luso-brasileiros (ou luso-glorinhenses).

Colocamos como etnia não acionada em Glorinha/RS os cristãos-novos originários dos judeus, ibéricos que imbricados entre si e com portugueses, indígenas, caboclos e negros formaram a população brasileira, participando das entradas e bandeiras³⁰² adentrando o sul do Brasil³⁰³, onde Glorinha se inscreve. Quais as causas deste silenciamento? Seria a proibição da religião judaica e da língua hebraica? Seria a assimilação do “modus vivendi” português ou indígena³⁰⁴?

³⁰⁰ ORLANDI, 2003, p. 18.

³⁰¹ JACHEMET, 2006, p. 20.

³⁰² SALVADOR, 1976, p. 9.

³⁰³ ALVES, 2003, p. 93 e 106.

³⁰⁴ VOLPADO, 1985, p. 65.

O que sobrou dos indígenas? O que a população de Glorinha/RS sabe sobre os mesmos neste município?

Como os escravos negros agiram e reagiram frente à escravidão em Glorinha? Como a igreja católica os tratava neste município?

Quando chegaram os alemães em Glorinha/RS como adaptaram a sua identidade? Ou no caso da maioria chegada em Glorinha/RS, os quais eram a primeira geração nascida no Brasil como forjaram a sua identidade? Quais os efeitos da Segunda Guerra Mundial que ainda poderiam sentir os teuto-glorinhenses? Uma vez que sofreram o silenciamento por ocasião da mesma.

As etnias foram para Glorinha/RS com os seus discursos religiosos, primeiramente o indígena guarani com sua religiosidade própria, depois os portugueses, açorianos, caboclos e índios missionários, todos católicos romanos. Esta denominação foi a primeira igreja institucionalizada em Glorinha/RS contando com maior número de adeptos, cerca de 85% da população³⁰⁵, isso por si só, já faz do seu discurso mais expressivo. Mas, além do discurso fundante da Igreja Católica Romana, também temos um discurso popular da mesma que pode sofrer influências discursivas de outras etnias e crenças, como a Festa do Divino, por exemplo, que pode ter influências judaicas e cristã-novas, bem como outras manifestações interpretadas a partir do povo, como os rituais que envolviam o parto. Para tanto, a partir da pesquisa de campo com os fiéis pesquisados da Igreja Católica Romana parecem estar de acordo com o seu discurso, em especial, refletem a idéia que esta denominação é auto-suficiente em matéria de religião/salvação, sendo as outras mais voltadas a “interesses pessoais”, “especulações”, etc.

³⁰⁵ CENSO, 2000, IBGE.

Com a maioria dos alemães em Glorinha/RS veio a fé evangélica-luterana, que se transformou na Igreja Evangélica de Confissão Luterana no Brasil – IECLB, única Igreja protestante de imigração neste município, sendo que os fiéis entrevistados na pesquisa parecem mostrarem-se satisfeitos com o discurso da IECLB, ao mesmo tempo em que o conceito de *verdadeira religião* coincide com a da cristandade colocando “Deus” como princípio da fé. Em relação à causa de tantas religiões foram diversificadas as respostas.

No final do século XIX e início do século XX surge a primeira Igreja Protestante de missão em Glorinha/RS: a Igreja Episcopal Anglicana, na época, originária da Igreja Protestante Episcopal dos Estados Unidos, sendo que a maioria dos entrevistados a considera uma igreja “boa”, o que pode refletir bem o discurso episcopal anglicano entre os seus fiéis em Glorinha/RS, diversificando as respostas alusivas a outras religiões.

Quanto às Igrejas Pentecostais: Evangélica Assembléia de Deus, Assembléia de Deus Conservadora, Assembléia de Deus Gideões Missionários, Nazareno Pentecostal “Jesus é o Caminho”, Igreja Pentecostal “Deus é Amor” e Igreja Pentecostal “Cristo Vive”, começaram a surgir em Glorinha/RS a partir da década de 1960 até anos bem recentes. Segundo as entrevistas realizadas com os fiéis dessas denominações pentecostais parecem refletir o discurso geral da cristandade expresso nas palavras “Deus, Jesus Cristo, Bíblia”, etc.

Os entrevistados da Igreja Adventista do Sétimo Dia que se caracteriza, entre outros discursos, pela guarda do sábado do sétimo dia e pelo “sono” da morte (morte integral do ser humano), ressurreição, etc, diferenciando-a das outras Evangélicas, também parecem haver refletido nas suas respostas o discurso geral da cristandade calcado em “Deus, Jesus Cristo, Bíblia”, etc.

Os fiéis das Testemunhas de Jeová entrevistados parecem também estar alinhados com o discurso dessa denominação uma vez que sua primeira resposta (responderam conjuntamente) reflete aspectos do discurso histórico dessa denominação e sobre a existência de *tantas religiões* e o conceito de *verdadeira religião* parecem coincidir com o discurso da cristandade.

A Igreja do Senhor Jesus Cristo que parece não se enquadrar em nenhuma tipologia eclesial conhecida é recente no município de Glorinha/RS. Segundo as respostas dos fiéis entrevistados o discurso gira em torno das expressões “cristianismo, não há religiões, Deus, Cristo, Palavra de Deus” como visão a respeito de sua própria denominação. As outras denominações são discursos da “própria vontade, sem Deus” e divididos quanto ao conceito de uma “verdadeira religião”.

Os adeptos entrevistados da Umbanda em Glorinha/RS deram diferentes respostas, isto é, um em relação ao outro para as mesmas questões, o que pode refletir o discurso fundador da Umbanda oriundo das crenças africanas, feitiçarias, práticas mágicas, catolicismo, etc, caracterizando um sincretismo religioso, resultando numa pluralidade discursiva.

Para tanto, os não católicos romanos somam em torno de 15% da população.

E, como ficam as relações de poder onde estão evidenciados quem são as autoridades (religiosas ou não), quem são os *heróis*? Quem são os assujeitados, quem dita o passado, presente e talvez o futuro dentro do discurso religioso fundador de Glorinha/RS?

Este trabalho não vis fazer uma distinção lógica entre as cosmologias pesquisadas, mas percebe-se que Glorinha/RS é um conjunto étnico e religioso com pontos de encontros e desencontros.

Neste sentido, proponho que “a teologia ajude as pessoas de fé, e mesmo as não-religiosas, a se encontrarem com o sagrado”, libertando-as não somente dos fundamentalismos, incluindo o norte-americano imperialista que se diz cristão, mas também do secularismo³⁰⁶, lembrando que a teologia “deverá também defender a sociedade dos interesses, por vezes míopes, de instituições religiosas que interferem inadequadamente na discussão dos limites da ciência”³⁰⁷. Pois, além do discurso local, Glorinha/RS também não está imune ao discurso global.

³⁰⁶ ZABATIERO, Júlio Paulo Tavares. Do Estatuto Acadêmico de Teologia: pistas para a solução de um problema complexo. In: **Estudos Teológicos**, ano 47, n. 2. São Leopoldo: EST, 2007. p. 83.

³⁰⁷ ZABATIERO, 2007, p. 81 e 82.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

A COMUNIDADE negra de Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, mai. 1997, Coluna do Márcio, p.10.

A HISTÓRIA. *Folha do Vale*, Gravataí, Cachoeirinha, Glorinha, 7 a 14 abr. 2000, Caderno Especial Gravataí 237 anos, p.2.

AGORA, apenas dois desejos: casa popular e conhecer o 1º tataraneto. Vovó Belizária completa amanhã seu 120º aniversário. *Folha da Tarde*, Porto Alegre, out. 1958, p.9.

ALVES, Antônio Luiz. *A Grande Nação*. Tibiriçá. Porto Alegre: EST, 2003. v.1.

ALVES, Antônio Luiz. *Índia Carijó, a Mãe dos Lagunistas*. Caxias do Sul: Artesanal Honra e Glória, 2007.

APROVEITAMENTO da mandioca e do aipim. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, p.7, jun. 2000.

ARGENTINA, Lílian; PREIS, Jorge. Influência portuguesa-açoriana na música sul-riograndense. In: BARROSO, 1997.

ARGENTINA, Lílian; PREIS, Jorge. *Influência Portuguesa-Açoriana no Rio Grande do Sul*. In: BARROSO, 1997.

AUXÍLIOS Bíblia Jovem Amigo. In: *Bíblia Jovem Amigo e Hinário Adventista do Sétimo Dia*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 2000.

BARCELOS, Dinaura; FERNANDES, Carlos. *Assembléia de Deus: 85 anos de pentecostalismo*. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, jun. 1996, Destaque do Mês, p.5.

BARCELOS, Dinaura; FERNANDES, Carlos. Pentecostalismo da Rua Azuza ao Brasil, 90 anos de caminhada sob o fogo. *Mensageiro da Paz*, Rio de Janeiro, jun. 1996, Destaque do Mês, p.4.

BRASIL. Ministério da Cultura. Fundação Cultural Palmares. Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Cultural. *O Negro no Rio Grande do Sul*. Porto Alegre, 2005.

CARTA ENCÍCLICA. *UT UNUM SINT do Santo Padre João Paulo II sobre o empenho ecumênico*. São Paulo: Paulinas, 1995.

CARVALHO, Flávio Mendes. *Raízes Judaica no Brasil: o arquivo secreto da Inquisição*. São Paulo: Nova Acádia, 1992.

CENSO Demográfico Brasileiro, 2000. Disponível em: <<http://www.sidra.ibge.gov.br/bda/protabl.asp?>>. Acesso em 13 fev. 2007.

DA MATTA, Roberto. *Relativizando – Uma introdução à Antropologia Social*. São Paulo: Rocco, 1987.

DECLARAÇÃO DOMINUS IESUS. Sobre a Unicidade e Universalidade Salvífica de Jesus Cristo e da Igreja. Congregação para a doutrina da fé. São Paulo: Paulinas, 2000.

DEPARTAMENTO DE COMUNICAÇÃO DA IEAB. *Conheça a Igreja Episcopal Anglicana do Brasil (IEAB)*. 2.ed. Porto Alegre: 1999.

DREHER, Martin N. Protestantismos na América Meridional. In: DREHER, Martin N. (org.). *500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: EST Edições, CEHILA, 2002.

DREHER, Martin N. (org.). Apresentação. *500 Anos de Brasil e Igreja na América Meridional*. Porto Alegre: Edições EST – CEHILA, 2002.

DREHER, Martin N. *A Igreja Latino-Americana no contexto mundial*. São Leopoldo: Sinodal, 1999.

FERNANDES, Rubem César. *Os Cavaleiros do Bom Jesus: uma introdução às religiões populares*. Brasiliense, 1982.

FOLLMANN, José Ivo. O Mundo das Religiões e Religiosidades: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. In: SCARLATELLI, Cleide; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (org.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

FRAAS, Hans Jürgen. Teorias sobre a religiosidade. In: SCARLATELLI Cleide; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (org.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo: Unisinos, 2006.

FRANZEN, Beatriz Vasconcelos. *Origens ibéricas do catolicismo Americano*. In: DREHER, Martin N. (org.). *500 anos de Brasil e Igreja na América Latina*. Porto Alegre: EST Edições-CEHILA, 2002.

GLORINHA e os Açorianos. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, Coluna do Márcio, p. 4, set. 1997.

GOFFMAN, Ervin. *Estigma*: notas sobre a manipulação da identidade determinada. 4.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1998.

HAAG, Ernani. *De onde vieram? Emigrantes vindos de Birkenfeld, Koblenz e Kusel*. Porto Alegre: Renascença, 2004.

HEERDT, Mauri Luiz; BESEN, José Artulino; COPPI, Paulo de. *O Universo Religioso*. As grandes religiões e tendências religiosas atuais. São Paulo: Mundo e Missão, 2005.

HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha; Coluna do Márcio, p. 8, jul. 1998.

HISTÓRICO da Sede Municipal de Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha; Coluna do Márcio, p. 4, ago. 1998.

IZECKSOHN, Isaac. *História dos Judeus*. Vol. 3, Rio de Janeiro: Edição do autor, 1975.

JACHEMET, Célia Silva. *Açorianos, Alemães e Negros*: assimilação e organização social numa comunidade mista (Glorinha: 1880 a 1960). Cadernos Glorinhenses I, 2006.

KÜNG, Hans. *Projeto de Ética Mundial: uma moral ecumênica em vista da sobrevivência humana*. Trad. Haroldo Reimer. São Paulo: Paulinas, 1993.

MACHADO, Carmen Cinira. *Imagem do Eterno*. Religiões no Brasil. São Paulo: Moderna, 1989.

MARIANI, Bethânia Sampaio Corrêa. Os primórdios da Imprensa no Brasil (ou: De como o discurso jornalístico constrói memória). In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso Fundador – A formação do país e a construção da identidade nacional*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2007.

MARKUS, Clede. *Culturas e Religiões*: implicações para o Ensino Religioso. Cadernos do COMIN 9. São Leopoldo: Conselho de Missão entre Índios. 2002.

MARKUS, Clede. *Os protestantes e os povos indígenas* – Uma experiência atual. O retrato da experiência no Vale do Itajá, em Santa Catarina. In: KOCH, 1999.

MARQUES, LÍlian Argentina B.; RIBEIRO, Paula Simon; SANCHOTENE, Rogério Fossari. *Rio Grande do Sul: aspectos do folclore*. 5.ed. Porto Alegre: Martins Livreiro Editor, 2004.

MARTHA, Agostinho; MARTA, Marco Antônio Bandeira. *Nossa Terra Nossa Gente*: monografia de Gravataí: 1730-1950. Porto Alegre: 2001.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Protestantismo no Brasil*. Apontamentos sobre sua contribuição para a cultura brasileira. Disponível em: <<http://www.antoniomendonca.pro.br>>. Acesso em: 24 jan. 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. *Religiosidade no Brasil*. Imaginário, Pós-modernidade e formas de expressão. Disponível em: <<http://www.antoniomendonca.pro.br>>. Acesso em: 24 jan. 2008.

MENDONÇA, Antonio Gouvêa. Seitas e Igrejas. In: *Estudos de Religião*, n. 5, jun. 1988. SBC: UESP. Disponível em: <<http://antoniomendonca.pro.br>> . Acesso em: 24 jan. 2008.

MINAYO, Cecília de Souza. Ciência, Técnica e Arte: O Desafio da Pesquisa Social. In: DEILANDES, Sueli Ferreira; NETO, Otávio Cruz; MINAYO, Cecília de Souza (org.). *Pesquisa Social: Teoria, Método e Criatividade*. Petrópolis: Vozes, 1994.

NEIS, Ruben Mons. A Aldeia de Nossa Senhora dos Anjos. In: BRIDI, Teresinha; PINHEIRO, Vera Lúcia Pacheco; FRIES, Agenor Edson; SANTOS, Júlio Ricardo Quevedo dos. *Gravataí: História e Cultura* / Anais do I Simpósio Estadual sobre a cultura gravataiense. Gravataí: SMEC, 1987.

NETO, Otávio Cruz. *O Trabalho de Campo como descoberta e criação*. In: DESLANDES et. al (org.), 1987.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *A parte e o todo: A diversidade cultural no Brasil-Nação*. Petrópolis: Vozes, 1992.

OLIVEIRA, Roberto Cardoso de. *Identidade, Etnia e Estrutura Social*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

ORLANDI, Eni P. *Análise de Discurso*. Princípios e Procedimentos. Campinas: Pontes, 1999.

ORLANDI, Eni P. Vão surgindo sentidos. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso Fundador: a formação do país e a construção da identidade nacional*. 3.ed. Campinas: Pontes, 2003.

ORTIZ, Renato. *Cultura Brasileira e Identidade Nacional*. São Paulo: Brasiliense, 1985.

OS ALEMÃES e Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, abr. 2001, Coluna do Márcio, p. 2.

OS ALEMÃES e Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, Mai.-Jun 2001, Coluna do Márcio, p. 5.

OS ALEMÃES e Glorinha. *Jornal de Glorinha*, Glorinha, mar-abr 2000, Coluna do Márcio, p. 5.

PAULY, Evaldo Luis. Fé?! Qual é?! O jovem e a fé cristã. *Coleção Sintonia Jovem*, São Leopoldo, Sinodal, 1998.

POUTIGNAT, Philippe; STREIFF-FENART, Jocelyne. *Teorias da Etnicidade*. Seguido de grupos étnicos e suas fronteiras de Frederik Barth. Trad. Elcio Fernandes. São Paulo: Fundação Editora da UNESP, 1998.

PREFEITURA Municipal de Glorinha; Secretaria Municipal do Desenvolvimento, Cultura, Turismo e Captação de Recursos; *Glorinha um paraíso entre a capital, a serra e o mar*; [s.d.]; folder, 30cm x 21,5cm.

RIETH, Ricardo Willy. Evangélicos de “Alma Branca”: os negros e o protestantismo no Brasil. In: KOCH, Ingelore Starke. *Brasil: outros 500*. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo: Sinodal, COMIN, IEPG, 1999.

ROCHA, Everardo P. Guimarães. *O que é etnocentrismo*. São Paulo: Brasiliense, 2004.

ROSA, Manoel. *Pioneiros do Sul*. Revivendo Histórias de Amor e Fé. Taquara: Metta Conference do Brasil, 2004.

SACHAR, Abram Leon. In: *A History of the Jews*. New York: Alfred A. Kropf, MCMXLVIII.

SALVADOR, José Gonçalves. *Os cristãos-novos – povoamento e conquista do solo brasileiro (1530-1680)*. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1976.

SANTO, Miguel Frederico de Espírito. Açorianos no Sul do Brasil: da Prata de Potosi ao Ouro das Gerais. In: BARROSO, Véra Lucia Maciel (org.). *Presença Açoriana em Santo Antônio da Patrulha e no Rio Grande do Sul*. 2.ed. Porto Alegre: Edições EST, 1997.

SCHMITZ, Mathias. O grupo pioneiro de epistemólogos professores da UFRGS. In: SCHMITZ, Mathias (org.). *Uma antologia que retrata quatro décadas*. Porto Alegre: 1992.

SCHMITZ, Pedro Ignácio. O Mundo da pesca e da coleta. In: SCHMITZ, Pedro Ignácio (org.). *Arqueologia do Rio Grande do Sul, Brasil*. Documentos 05. Pré-História do Rio Grande do Sul. São Leopoldo: Instituto Anchieta de Pesquisa – UNISINOS, 1991. P. 26. Map 4. Segundo este mapa, a Tradição Umbu também está nas imediações de Glorinha/RS.

SCHULTZ, Adilson. *Deus está presente – o diabo está no meio*. O Protestantismo e as Estruturas Teológicas do Imaginário Religioso Brasileiro. 2005. 342 fl. Tese (Doutorado). Instituto Ecumênico de Pós-Graduação – Escola Superior de Teologia, São Leopoldo, 2005.

SECRETARIA GERAL DA IGREJA EPISCOPAL DO BRASIL (ANGLICANA). *Igreja Episcopal do Brasil – Província da Comunhão Anglicana*. 3.ed. Porto Alegre: 1986.

SMITH, Wilfred Cantwell. *O Sentido e o Fim da Religião*. Trad. Geraldo Korndörfer. São Leopoldo: Sinodal, 2006.

SOUZA, José Otávio Catafesto de. *Aos fantasmas das brenhas*: etnografia, invisibilidade e etnicidade de alteridades originárias no sul do Brasil. Tese de doutorado. Porto Alegre: PPGAS/UFRGS, 1998.

SOUZA, Pedro. A boa nova da memória anunciada: o discurso fundador da afirmação do negro no Brasil. In: ORLANDI, Eni Puccinelli (org.). *Discurso fundador*: a formação do país e a construção da identidade nacional. 3.ed. Campinas: Pontes, 2003.

TEIXEIRA, Faustino. Diálogo inter-religioso e educação para a alteridade. In: SCARLATELLI Cleide; STRECK, Danilo R.; FOLLMANN, José Ivo (org.). *Religião, Cultura e Educação*. São Leopoldo: Unisinos, 2006..

TRIUNPHO, Vera Regina Santos. Coletivo Estadual de Educadores Negros compromissos com a Educação das Relações Étnico-raciais. *Identidade!* Boletim do Grupo de Negros da EST/IECLB, São Leopoldo, v. 06, jul.a dez., 2004, p. 21.

VOLPATO, Luisa Rios Ricci. *Entradas e Bandeiras*. Coord. Jaime Pinsky. História Popular 2. 3.ed. São Paulo: Global, 1985.

WILGES, Irineu. *Cultura Religiosa. As Religiões no Mundo*. 8 ed. Petrópolis: Vozes, 1987.

WIRTH, Lauri Emílio. Memória de Conflitos: Imigrantes e Povos Indígenas em Santa Catarina. In: KOCH, Ingelore Starke. *Brasil: outros 500*. Protestantismo e a resistência indígena, negra e popular. São Leopoldo: Sinodal, COMIN, IEPG, 1999.

WIZNITZER, Arnold. *Os Judeus no Brasil Colonial*. Trad. Olívia Krähenbühl. São Paulo: Livraria Pioneira Editora, 1966.

ANEXO(S)

PESQUISA DE OPINIÃO (FIÉIS):

1. O que pensa de sua religião (comparando com o passado e com as outras religiões)?
2. Qual a principal causa da existência de tantas religiões diferentes?
3. O que é verdadeiramente uma religião?
4. Acha que sua religião é bastante atuante na sociedade? (justificar a resposta)
5. As religiões em geral e a sua religião em particular estão exercendo um papel importante na sociedade de hoje? (justificar a resposta)
6. O que está faltando nas religiões em geral e na sua religião em particular, para serem mais atuantes e significativas na sociedade de hoje?
7. Como se poderia descrever “o ideal de sociedade e de pessoa humana” que a sua religião defende?
8. Entre os fiéis de sua religião existem divergências sobre este “ideal de sociedade e de pessoa humana” ou as divergências se situam em outros níveis?
9. Como se deve ver a questão do envolvimento político ou não da religião e dos fiéis de uma religião na política partidária?
10. Pensando no conjunto da atuação de sua religião na sociedade, está satisfeito com ela? (justificar a resposta)
11. Os fiéis de sua religião têm opções político-partidárias diversificadas ou se alinham mais ou menos numa direção? Por quê?
12. O que se espera de um bom fiel desta sua relação em termos de deveres religiosos e sociais?
13. Já foi de outra religião? (Se sim, quando, como e por que se converteu para esta que professa agora)
14. Costuma freqüentar atos religiosos de outras religiões (ou crenças)? Quais e quantas vezes nos últimos 6 meses?
15. O que pensa de sua religião em relação às outras religiões ou das outras religiões em relação à sua e quais as possibilidades de trabalhos em conjunto das religiões?

Fonte: GEDIREC – localizado na Diretoria de Ação Social e Filantropia – Ação Social na Área das Religiões, Unisinos.

PESQUISA (DIRIGENTE DE CULTO):

Religiões na Região Metropolitana de Porto Alegre

(O Fenômeno Religioso na Região Metropolitana de Porto Alegre e a Diversidade de suas Manifestações)

Religião:

Identificação do “local” visitado (nome/endereço/telefone):

Referência de rua (mapa):

Informante (nome do entrevistado/função na Religião/endereço/telefone):

Pesquisador:

Datas das visitas:

1. “Local”

1.1 Descrição da construção, seu espaço físico e ambiente:

1.2 Data da fundação (deste “Local”):

1.3 Antes desta construção existir já se faziam “atos religiosos” neste lugar? Se sim, desde quando?

1.4 Antes desta construção o que existia neste lugar? (ou, antes deste espaço construído ser usado para “atos religiosos”, era usado para que?)

1.5 Qual a principal fonte dos recursos para a construção (ou aquisição) e manutenção deste “Local”?

2. Pertença institucional

2.1 A “organização religiosa local” tem “organizações locais” (com “atos religiosos” regulares) subordinadas a ela? Quantas e quais?

2.2 Como é denominada a organização religiosa local?

2.3 Como é denominada a organização religiosa mais ampla à qual este “Local” está vinculada?

2.4 Nome oficial da religião:

2.5 Desde quando esta religião existe neste município e como iniciou (no município)?

2.6 Descrição da hierarquia (ou organograma) desta religião:

3. Atos religiosos (de culto; celebração da fé)

3.1 Principais atos religiosos (normais) que são normalmente (com dias e horários fixos) realizados neste “Local”:

Ato religioso	Freq. por mês	Duração média	Freq. média
a)			
b)			
c)			
d)			

3.2 Descrição das pessoas que normalmente freqüentam ou participam nestes atos religiosos (idade, sexo, raça, situação econômica, etc):

3.3 Qual a principal finalidade dos “atos religiosos” aqui realizados?

3.4 Nos “atos religiosos” as pessoas são ajudadas também a remediar males físicos (há casos de curas de doenças?)

3.5 Principais atos religiosos/festivos que são realizados neste “Local” em função de datas comemorativas ou motivos especiais durante o ano.

Ato religioso/festivo	Data ou época	Duração em média	Freq. em média
a)			
b)			
c)			
d)			
e)			

3.6 Quem dirige os principais atos religiosos neste “Local”? (se houver mais de um nome, complementar no verso)

a) Nome:

b) Idade:

c) Sexo:

d) Raça:

e) Estado civil:

f) Número de filhos:

3.7 Qual a função, que o dirigente dos principais atos religiosos no “Local”, ocupa na religião e desde quando?

3.8 Que tipo de formação é exigida para quem exerce esta função?

3.9 Desde quando assumiu a responsabilidade de dirigir atos religiosos neste “Local”?

3.10 Já exerceu esta responsabilidade em outro “Local”, qual?

3.11 Além deste “Local” atende atualmente outros “Locais”? Quantos e com que frequência?

4. Organização do culto religioso e existência de outras atividades

4.1 Além do principal dirigente, como se dá a participação de outros na realização dos atos religiosos? (descrição sucinta da organização interna e da distribuição das responsabilidades nos atos religiosos). (Tomar como exemplo o ato religioso normal considerado principal).

4.2 Como se dá normalmente a realização do ato religioso normal principal? (descrição sucinta dos principais rituais ou momentos mais significativos).

4.3 Quais são os principais símbolos normalmente presentes nos atos religiosos?

4.4 Além dos “atos religiosos” (de culto, celebração da fé e formação na fé), que outras atividades são exercidas, ligadas a esta “organização religiosa local” (grupos, movimentos, organizações, promoção social, assistência social, alfabetização, orientação de saúde, formação profissionalizante, ajuda mútua, lazer, esporte, atendimento, convênios, outras...)?

5. Organização administrativa

5.1 Como e por quem a “organização religiosa local” é administrada e quais as principais atribuições e responsabilidade:

5.2 O dirigente vive exclusivamente dos serviços religiosos ou exerce outras atividades ou profissão para seu sustento? (se houver outra profissão e atividades, descrever quais).

6. Identidade religiosa

6.1 Qual a exigência básica para alguém considerar-se pertencente desta religião (oficial e reconhecidamente)?

6.2 Quais as principais verdades que os fiéis seguidores desta religião devem professar? (numerar, se possível, até cinco, seguindo ordem de importância) Observação (alguma explicação ou complementação à resposta):

6.3 O que se espera de um bom fiel desta religião? (deveres religiosos e sociais)

6.4 Na “organização religiosa local” pode-se dizer que existe uma boa fidelidade ao que se espera de um bom fiel desta religião (olhando os fiéis em geral)?

() sim () não Por quê?

6.5 Nos últimos três anos aconteceu algum caso de fiel que fosse excluído da “organização religiosa local”?

() sim () não Por quê?

6.6 Em que livros se encontram as principais orientações doutrinárias e normativas da sua religião? (numerar em ordem de importância).

6.7 Quais os livros ou folhetos normalmente usados nos atos religiosos da “organização religiosa local”?

7. Informações complementares sobre a religião (estatísticas, dados sobre o fundador, etc.)

8. Observações pessoais do pesquisador.

Fonte: GDIREC – localizado na Diretoria de Ação Social e Filantropia – Ação Social na Área das Religiões, Unisinos.



ASPECTOS HISTÓRICOS DE GLORINHAR



